Jorge Garcia

EXPERIMENTAÇÕES, KUNG FU

e a produção de ***diferença*** e ***repetição*** em educação

Ano 2021

Jorge Garcia

EXPERIMENTAÇÕES, KUNG FU

e a produção de ***diferença*** e ***repetição*** em educação

Ano 2021

Experimentações, kung fu e produção de diferença e repetição em educação

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: O autor
Autor: Jorge Garcia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G216 Garcia, Jorge
Experimentações, kung fu e produção de diferença e repetição em educação / Jorge Garcia. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-577-5
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.775210710

1. Exercícios de artes marciais. 2. Exercícios terapêuticos. 3. Kung Fu. 4. Diferença. 5. Repetição. 6. Disciplina. I. Garcia, Jorge. II. Título.
CDD 613.7148

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Apresentar o livro de Jorge Garcia é privilégio e compromisso que me afetam em vários planos, por distintos motivos. Cito apenas três:

Primeiramente, pela atenção que compartilhamos acerca da educação crítica e da produção de conhecimento reflexivo, particularmente no âmbito de uma instituição pública de ensino, como o Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul), onde esta pesquisa de mestrado em Educação e Tecnologia foi gestada.

Em segundo lugar, pela admiração que nutro por este “irmão mais velho” da academia de Kung Fu estilo Louva-a-Deus, conduzida por nosso professor, Eduardo Lahoud, em Pelotas/RS.

Finalmente, pelo fascínio que exerce sobre nós dois esta arte marcial ancestral. Seus diferentes estilos e técnicas, histórias, fundamentos, mitos e rituais, impregnados na civilização chinesa, difundiram-se pelo globo a partir da determinação e desejo de seus praticantes em mantê-la viva, eternamente renovada, a cada repetição de gestos apreendidos, executados e compartilhados.

Repetição e diferença, como tema desta investigação, não são mera retórica ou chamarisco. As sequências de movimentos corporais, os *taulous / katis,* cujo gesto e a intenção incorporam-se no praticante à medida de sua repetição, constitui a base pedagógica do Kung Fu. Lembro-me ainda da recomendação de Mestre *Chan Kowk Wai* para a boa execução de um kati: repeti-lo mil vezes!

No texto, entretanto, repetição e diferença também encarnam a escrita do autor. No diálogo franco e elíptico que ele estabelece com a própria escrita, a certa altura, ela é invocada a sujeitá-lo, através da autonomia gradualmente conquistada pela interpretação e imaginação de seus leitores/as.

Estes/as, por sua vez, são provocados/as a desacomodarem-se de uma leitura sedentária, experimentando movimentos corpóreos que guiam as práticas cotidianas de academias, sem os quais nenhum conhecimento de artes marciais seria possível. É assim que a pessoa que lê é suscitada a executar o gesto estético e ético com o qual se inicia, ritualmente, cada sessão de treino de Kung Fu: o movimento de encontro da mão direita cerrada (cheia) com a esquerda aberta (vazia), numa figuração simbólica do *Yin - Yang*. Outra provocação que arranca o/a leitor/a da passividade é convite à conscientização teórico-prática da “arte de respirar” que, conforme ressalta o autor, incita a mente a “pensar como o corpo, não o contrário”, como faz a tradição racionalista da educação ocidental.

Da “arte de calejar”, do esforço intelectual da pesquisa, da abdicação de Verdades absolutas - que riscariam de projetar o Kung Fu como panaceia universal - o autor vai expondo suas dores e desvelando uma cartografia da “construção de si”. Ela passa, inevitavelmente,

por desconstruções e reconstruções a que Jorge se entrega, acompanhando movimentos, perseguindo a produção da diferença e investindo na multiplicidade conceitual e estética.

Grafias heterogêneas e sensíveis povoam este livro: do texto epistolar ao *sketch*, das práticas corporais interativas propostas a estudantes de graduação a seu registro fotográfico, até as imagens dos livros de artista ofertadas pelos alunos/as.

Os ambientes educacionais tomados como universo de investigação são, portanto, a academia de artes marciais e a sala de aula da graduação em Design do IFSul, onde realizou seu estágio acadêmico. Mas, ao tramar as experiências relacionais nestes dois ambientes, vai transformando-os, interconectando técnica e estética, arte e filosofia, diferença e repetição, num movimento de desterritorialização e reterritorialização criativo de um novo elemento, numa relação similar à imagem do Eterno Retorno nietizschiano.

No esforço de correspondência entre estes dois ambientes educacionais, entre colegas, acadêmicos e professores, entre os/as leitores/as e a sua escrita e ainda entre espécies companheiras (vide interlocução com seu felino no processo de pesquisa), Garcia lança mão da "lupa do sensível" como meio incontornável de experimentação do corpo enquanto potência de devir.

Tal como Donna Haraway (2016), que não entende *humanidade* como espécie pretensamente superior às demais, mas como *húmus* de um *devir-com* que requer *(respons) habilidades,* Jorge encaminha sua conclusão esboçando um "Manifesto pela Educação", em que clama pela necessidade de "adubar" sementes de produção da diferença na repetição. Nesse sentido, converge também com a perspectiva de educação defendida por Tim Ingold (2020), para quem educar não se limita a um método de transmissão, mas a uma "prática de atenção", um modo de estar no mundo, de cuidar de si, dos outros e do ambiente em que habitamos.

Neste emaranhado de ambientes, corpos e conceitos, esta obra não incitará somente a leitura, mas também uma prática de correspondências e experiências sensíveis e pulsantes, que se expandem e se contraem, como ensina o Tao, num fluxo constante, próprio da vida.

Claudia Turra Magni

http://lattes.cnpq.br/8774264386533161

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica* - pesquisa, jornalismo e arte. Ano 3, N. 5, Abril de 2016.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/como Educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020.

SUMÁRIO

RESUMO

A pesquisa que segue debruçada sobre o universo da experimentação a partir da prática da arte marcial do Kung Fu, busca problematizar algumas verdades a respeito de uma *Educação de Si* e a possibilidade de produção de *diferença e repetição* (Deleuze, 1988). De propostas dinâmicas, se quer tratar da importância de uma prática corporal que lide diretamente com as sabedorias do sensível, investindo mais numa ideia de um *corpo* (Deleuze e Guattari, 1996) que não se opõe a mente, construindo uma percepção de mundo possível a partir de um regramento do corpo que supere o grau da pura repetição. E dessa relação, de Educação e Repetição produtora de Diferença, se questionará como é possível que a percepção de mundo por meio das práticas se potencialize no sujeito que *repete* e produz *diferença.* Para isso, se objetiva: - investigar um território que possibilite as idas e vindas de si, que é o ambiente da própria academia de Kung Fu através das aulas, (dinâmicas e conversas); problematizar a *disciplina* no ambiente acadêmico e nas práticas do Kung Fu, além dos modos de *organização* desses espaços enquanto referidos a uma *tecnologia de si*. O procedimento metodológico envolve elementos da cartografia (Deleuze, Guattari, Foucault), uma vez que permite o andamento das dinâmicas através de fotografias, desenhos, anotações e mapeamentos das sensações ali produzidas – elementos que (re) tratarão momentos, olhares, encontros, cortes... Para que sejam colocadas lado a lado, não em vista de comparações, mas percepções: de mudanças, de trocas, de sensações. Os ambientes das práticas serão ora na academia de Kung Fu, ora em sala de aula, aonde irá se referir à turma de segundo semestre do curso de Design do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul – Pelotas) – de um lado, um ambiente que exige da mente seu *esvaziamento*, de outro, um ambiente que exige da mente seu grau mais alto de criatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Diferença, Repetição, Kung Fu, Eterno Retorno, Disciplina.

Yap Mún Kyu (入門拳) – “Abrir Portas”

DE UM MUNDO DA VIDA

Bem vindo!

Ao entrar, preste seus respeitos ao lugar a que está se dirigindo. Após isso, preste seus respeitos àqueles que o regem e que ajudaram a construí-lo. Este lugar em que você está entrando agora é comum a todos, preserve-o e respeite-o. Este é um lugar onde, apesar de representar marcialidade, atuará com lutas num curto espaço – apenas naquele ao qual a luta se faz necessária. “Prestar os respeitos” significa justamente abraçar essa prática de arte marcial a partir de uma *não ação* sobre a marcialidade. Para representar isso, levante suas duas mãos. A esquerda, e tudo que a este lado remete, significa calma, passividade, não-ação, imobilidade – essa será a Lua. A direita, e tudo que a ela remete, será o oposto da esquerda, significando agressividade, atividade, ação, mobilidade – esse será o Sol. Das mãos suspensas, feche a direita, como se fosse socar algo, e posicione-a na palma da esquerda – com as extremidades inferiores das costas dos dedos da direita tocando a base dos dedos da esquerda.

Olhe para suas mãos.

Este é o símbolo que representa como deverá ser a sua conduta consigo mesmo, com o seu mundo e com aqueles aos quais você se refere com este símbolo: sua agressividade irá parar em sua *não-ação*. Os opostos se encontrarão para se desfazerem. Você será vazio. Sem forma. Mas sua forma será vazio. E seu vazio será forma. A Lua abraçará o Sol. E no interior dessa relação irá manter-se o calor das pulsões em constante intercâmbio. Completando-se. Anulando-se. Desfazendo-se para refazer-se... Constantemente imóvel. Imovelmente constante.

Este é o Ying e Yang. Esta é uma possível dinâmica do Tao. Esta é a prática da *não-ação*. Uma prática impraticável. Uma impraticabilidade produtora de *diferença*. Seja para não-Ser. Não seja para ser completo.

Yáp Mùn Kyu é traduzido aproximadamente como “habilidade de abrir portas”.

Vivemos diariamente nos referindo ao que nos é externo, e parece que essa troca de energias faz com que nos enchamos de informações, certezas e verdades que se fazem necessárias ao nosso comportamento nesse nosso mundo da vida.

Quero propor que, durante essa leitura, durante algumas possíveis reflexões que esta possa vir a gerar, não abramos portas para fora. Quero propor, a partir dessa leitura, a construção de um espaço que nos permita voltarmos *às coisas mesmas*, a nós mesmos. Somos uma sala imensa, lotada por mundialidades que se reforçam nesse interior como cada vez mais necessárias. Que bastam a si mesmas. Vamos abrir portas de entrada, não saída. Entrada para nós mesmos. Em nosso papel de mundo, representamos aquilo que ele mesmo espera de nós. Proponhamo-nos a buscar como nos tornamos aquilo que

somos[1].

Este é um caminho diferente. Olhe com atenção onde pisa. Não tire as pedras do caminho, pois elas poderão ser importantes para aqueles que percorrerão esse mesmo caminho depois de você. Contorne-as. “Seja água, meu amigo”. Ao ser apunhalado por alguma *paixão*, deixe-a entrar. Acolha-a. Abrace-a. Permita que ela passe a constituir aquilo que você é. Não expurgue, aceite.

Olá...

Esta é uma dissertação de mestrado. Este é um trabalho de filosofia, de conteúdo filosófico. Esta é uma experiência de vida. Esta é uma fala sobre um mundo. Este é um *Mundo da Vida*.

Durante quatro anos de minha vida, segui em foco com estudos direcionados à filosofia e suas referências a questões sobre como se dá a formação individual e seu reflexo coletivo; ao mesmo tempo em que, sobre muitos pontos de vista, investiguei a respeito de como o coletivo pressupõe a educação individual. Disso, aprendi – sem necessariamente ter *apreendido* – que a investigação sobre um tempo presente só pode ser feita com vista a um passado; ao mesmo tempo em que é possível notar que esse passado já foi um presente que, possuindo um passado, objetivava um futuro. A lógica é esquizofrênica – se se pode colocar assim – porém, simples ao mesmo tempo, uma vez que, ainda que conheçamos essa lógica, tenhamos de viver sobre o determinismo físico de que é impossível mudar um passado ou voltar a ele, e é também impossível parar o tempo e congelar nosso presente sem que ele passe a ser um passado – ao mesmo tempo em que avistamos um futuro que já sabemos que se aproxima de um presente que passará também. Como foi dito, a lógica é esquizofrenicamente simples. Mas, como afirma o filósofo, “há sempre um pouco de loucura no amor; e há sempre um pouco de razão na loucura” (Nietzsche, 1990) – amar a própria realidade de formação, sua própria história, sua própria loucura é afirmar-se onde se está e amar o *devir* em que se encontra, a finitude do momento que se vai, a assimilação do momento que se foi e a incerteza do que está por vir.

E é assim que me encontro hoje. Mas ao se falar de *como alguém se torna o que é*, é necessário posicionar-se como cientista de si. Ou melhor, investigador de si – dotado da amorosidade pela lembrança, ao contrário do que se pressupunha ao cientista e alguma frieza desveladora e pesquisadora.

Que seja.

Meu nome *É* Jorge Garcia, no momento, pós-graduando, empregado em uma livraria/sebo, enamorado, levemente endividado, companheiro de quarto de um felino pra lá de esperto, amante de gibis e literatura, praticante de Kung Fu, teórico *freelancer* de educação, política e moral.

1. Ecce Homo ou como tornar-se aquilo que se é – Nietzsche.

Meu nome *FOI sapo*, apelido carinhosamente referenciado a minha pessoa a ao pavor incomensurável desse animal tão amistoso; também fui o *filinho da Nara*, naquela pequena cidade na qual me criei e guardei boas recordações; estudei em escola pública, passei por pessoas brilhantes que se preocuparam em deixar um pouco de luz para iluminar meu caminho, trabalho desde os doze anos de idade, filho único de mãe solteira, guerreira, uma *amazona*; adolescente comum, com espinhas e "viajandão", com um gosto forte por História e relações humanas. Arrogante pra caramba.

Meu nome *SERÁ* aquilo que os dois parágrafos anteriores e o que faltou ser dito neles irá deduzir, e algo mais. E o dia de hoje, e ontem, e antes de ontem; e agora, durante a escrita deste texto. E após a entrega dele, e após a próxima leitura e o próximo dia de trabalho, e o próximo treino de Kung Fu ou carinho no Merlin - meu citado companheiro felino, que acompanhou o processo pelo qual passei e sobre o qual escrevo desde a graduação, presente ao meu lado em cada página escrita, deletada, rasgada. Um companheiro que, com seu silêncio, discutiu comigo as idas e vindas nesse caminho.

E, em poucas linhas se tem por escrito a desconcertada beleza de uma breve formação pessoal. E as relações formam a mágica d'onde brota a semente do amor por essa teia. Das luzes deixadas em mim por meus mentores e educadores, tento iluminar meus educandos com a luz e a lamparina que humildemente e diariamente tento deixar acesa. Do amor e atenção maternos e das antigas amizades, o orgulho de saber da atenção voltada a mim e a consciência de que não foi em vão o abandono da pequena cidade onde nasci e de toda uma vida pela busca de possibilidade e oportunidade da nova morada e dos novos estudos.

Mas depois de tantas linhas me parece que quase nada foi dito. Talvez porque me considere, a mim mesmo, na realidade "entre" realidades. Naquele devir já mencionado. Na beleza da finitude de cada momento, ao caminhar na rua e ouvir um "oi professor, como vai?", ou no sorriso verdadeiro daquele a quem se cede passagem, é onde a revigoração e a energia de impulsão se encontram. Somos como o universo, como o Tao[2]. Participamos de sua natureza. Somos um aglomerado de consequências de uma série de causas que foram consequências de outras causas. Tudo que somos é fruto daquilo que fomos. Tudo que somos é resultado daquilo que se vê. Devido a isso, penso que uma narrativa de formação não precise ser necessariamente uma narrativa dita, escrita; narrar a si e a própria história é permitir a si mesmo a possibilidade de se ver enquanto pertencente a esse processo "maluco". Narrar a si mesmo é ver-se como se é, questionar o que se foi, orgulhar-se/indignar-se e seguir, decepcionar-se e ousar mudar; a finitude só se refere ao tempo enquanto princípio físico. É algo que complementa e que é complementado por algumas questões propostas por Foucault em seu curso de 1980, *Subjetividade e Verdade*:

2. TSÉ, 2007, p. 22

> Em suma, trata-se de recolocar o imperativo do “conhecer-se a si mesmo”, que nos parece tão característico de nossa civilização, na interrogação mais ampla e que lhe serve de contexto mais ou menos explícito: o que fazer de si mesmo? Que trabalho operar sobre si? Como “se governar”, exercendo ações onde se é o objetivo dessas ações, domínio em que elas se aplicam o instrumento ao qual podem recorrer e o sujeito que age?[3]

Nossas ações são movimentos necessários à transformação daquilo que é real e pulsante em nós mesmos. E talvez narrar a si mesmo seja realmente aceitar o fardo da impossibilidade existencial de que a única liberdade da qual não podemos abdicar é a de sermos livres em nós mesmos, e no agir que determina nosso caminho de vida. Já ouvi em um filme que *viver é aquilo que você está fazendo enquanto decide o que fazer com a vida* – Uma frase que, de tão concreta, me parece até assombrosa.

Permitir-se ser uma chama. Consumir a madeira, queimar, arder, ferir, aquecer, iluminar. Manter-se vivo na própria morte, refazer-se. Produzir na destruição. Destruir a produção. Reconstruir. Desconstruir...

Em última instância, narrar a própria formação talvez seja (re) formar-se e educar-se enquanto ocupante político da realidade. É ver-se sob o paradigma de reconhecer-se detentor de poder e conhecedor de algumas maneiras de como usá-lo. Narrar-se como uma manutenção constante do agir, fruto de uma série de fatores que constituem aquilo que se é, que formou aquilo que se foi e que estará por traz do que poderá vir-a-ser. Trilhar caminhos que possam exigir decisões, - preparar-se para o movimento preciso de decidi-las, tomá-las, aceitá-las, este parece ser o treinamento por trás de uma narrativa de si.

Ensinar e aprender Kung Fu é muito mais que ensinar e aprender formas e movimentos de animais e acrobacias rítmicas. A arte marcial é uma prática que possibilita contato e diálogo com a cultura corporal. Conhecendo a cultura do próprio corpo, seus limites e possibilidades, o praticante passa a conhecer a si mesmo – suas limitações, capacidades, impossibilidades, forças e fraquezas. Dessa maneira reflete sua relação com as outras pessoas, seu respeito e tolerância. A arte marcial passa a ser uma filosofia de vida, um modo de viver. Pode vir a ser inclusive uma possibilidade de produção de si, pulsão e afirmação das próprias forças. Um “corpo sem órgãos”, segundo Deleuze, que se auto-faz – orgânico, não organizado, que passa a organizar na medida em que essa mesma filosofia de vida se organicisa em cada ação. Um norte, talvez. Uma fagulha no escuro, que se não alimentada, apaga. Mas, mais que isso, a percepção sobre a existência da fagulha e da responsabilidade de si sobre a manutenção da mesma, e as consequências de seu aumento ou perda de vida.

> Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a

3. FOUCAULT, 1997, p. 109

> ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num ***spatium*** ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau — grau que corresponde às intensidades produzidas. [4]

Talvez seja possível propor, a partir disso, uma reflexão, como aquilo que "implica alguma coisa a mais que a reprodução; mas este algo a mais é só a dimensão suplementar em que todo presente se reflete como atual ao mesmo tempo em que representa o antigo." (DELEUZE, (1988, p. 143), sobre as próprias ações, tolerância, calma, concentração, respeito). Como cuidar da própria fogueira. Como aprender a não se queimar. Como ajudar a outros fogos que parecem estarem se apagando. Um CsO potente de criação, de estratégias – um simbionte estrategista de potências, desejoso.

Essas estratégias de desejo, os agires e intencionalidades por onde se relacionam os desejos e os planos de imanência que por eles são constituídos, são os momentos por onde a experimentação com Kung Fu pode se fazer presente no sentido de investir, talvez, num direcionamento de forças, de desejos. Sim, uma experimentação direcionada, sem dúvida. Mas uma direção que não objetive um final contemplativo e universal, e sim um retorno necessariamente ético-estético-político a formação de si mesmo em seu processo de subjetivação e em seu conhecimento sobre os dispositivos que constituem suas próprias tecnologias.

E o Kung Fu, ao que parece, se mostra como uma possibilidade de enfrentamento de alguns dispositivos, aqui referidos quase que unicamente aos que se situam no ambiente escolar – que são muitos, ainda que pensados a partir do microcosmo escolar, completamente reflexivos e repercutidos na realidade macro do social. Questionar os particulares. Questionar as derivadas. Considerá-las, pelo menos. É claro que, assim como o princípio etimológico do Kung Fu ("habilidade/habilidoso em"), não há uma proposta de escolha de "lados", de certo e errado, Bem e Mal – mas, filosoficamente, problematizar de acordo com a maneira pela qual certa realidade pode vir a afetar por necessidade, para um pensamento cartesiano ou maniqueísta, não se poderá esperar o melhor dessa problematização.

Antes de seguirmos, gostaria de recapitular a trajetória trilhada por mim e a relação que estabeleci com a prática do Kung Fu até aqui: uma responsabilidade moral (o Kung Fu como salvação da Educação!); um desconforto com o lugar em que me encontrava (seja toda a estrutura daquilo que vinha percebendo ser "O Kung Fu"), e os lugares que habitavam comigo o lugar em que eu habitava; e o momento de agora, os *ditos e interlúdios*[5], as feridas abertas, a contemplação do sangue corrente, a observação da fênix que queima

4. DELEUZE/GUATTARI, 1996. P. 33

5. Capítulo de Além do Bem e do Mal – Nietzsche, que me recordo com muita força ao escrever sobre esse momento, em especial aos aforismos 68, 69, 72, 76, 92, 94, 97, 98, 108, 146, 153, 169 e 175. E por este capítulo, ouço ecoarem essas passagens!

e de si mesma e de suas cinzas faz-se outra.

Pois bem, vi, vejo, tenho visto, e penso não poder mais fechar os olhos para isso – acho que nem se os arrancar poderei esconder isso -, uma interessante trama formada pelas relações que rodeiam o meio em que se constrói a prática do Kung Fu dentro da própria academia e os meios por onde essa construção se faz presente – em cada um que, estando presente nos treinos, nas conversas, na ideologia, fomenta, costura essa teia. A partir dos apontamentos feitos por Agamben, em seu *O Que é Contemporâneo e Outros Ensaios* (2009), sobre a noção de dispositivo em Foucault, e em diálogos com o próprio Foucault, vem me parecendo cada vez mais fortemente a forte sustentação de relações de Poder jamais questionadas nesse ambiente – e daí minha conclusão (que na verdade me pareceu mais um princípio), de que o próprio Kung Fu, e toda sua estrutura estabelecem, enquanto possíveis relações sociais, um dispositivo de manutenção. Isso mesmo. Do Kung Fu como salvador da Educação, passei a tratar de um dispositivo de cristalização de uma série de outras relações sobre as quais tenho tratado de maneira combativa – a própria relação entre "transmissão de conhecimento", a hierarquia, a doutrina patriarcal, a exaltação da (ou de uma) moral, a perspectiva do "ideal", uma noção de *força* que subentende uma belicosidade desmedida, a arrogância,... E à medida que frequento os treinos, converso com os colegas (os *irmãos mais velhos e mais novos*), recebo de mim a mim mesmo essa notícia de maneiras diferentemente impactantes: na forma da linguagem, no portar-se fisicamente, no olhar, no modo como *funcionam* as disposições de objetos e os posicionamentos que a própria abertura do treino sugere: as faixas, a ausência de, acho que posso colocar assim, *diferença*. Sim, a ausência de heterogeneidades naquilo que é, em seu fundamento, heterogêneo (a própria noção de Kung Fu como *habilidade* ou *trabalho duro*, compreende que se possa trabalhar duramente ou ser habilidoso em uma quantidade imensa de outras coisas). E a imagem salvacionista do Kung Fu cai no chão como um duralex – como diria minha mãe, "Cruzes! Não sobrou caco nenhum, guri. Esfarelou tudo!" E mais uma vez me vejo escrevendo, sem parecer *ir para frente*, ao mesmo tempo em que sinto o desenrolar de vários tapetes por diferentes caminhos que parecem se abrir dessa nova perspectiva. Por exemplo, minha própria perspectiva unilateral sobre a grandiosidade que poderia representar a prática de Kung Fu na educação de jovens, daqueles tempos mais inocentes que eram o que gosto de chamar (tragicamente, agora), de *os tempos da fé*.

> A diferença não deixa de ser, com efeito, um conceito reflexivo, e somente encontra um conceito efetivamente real na medida em que designa catástrofes: sejam rupturas de continuidade na série das semelhanças, sejam nas falhas infranqueáveis entre as estruturas análogas. Somente deixa de ser reflexiva para ser catastrófica. E, sem dúvida alguma, não pode ser um sem o outro[6].

Kung Fu não deve ser uma religião. Nem uma moral. Nem algum tipo de valor. Não

6. Deleuze, 2012, p. 71

é um lugar, mas é habitado por lugares. E tive muito cuidado (e ainda tenho me mantido receoso sobre esse cuidado), em não apontar o Ser do Kung Fu – aquilo que ele é. E confesso ter feito isso primeiramente devido à contradição performativa sugerida por minha linha teórica ao informar os valores de verdade de qualquer enunciado. Aconteceu, no entanto, que se sobrepôs a essa linha teórica uma espécie de sensibilidade adquirida quem sabe pela prática da escrita ou pela prática do próprio Kung Fu pela perspectiva que venho apresentar, que minha referência passa agora em segundo plano pela linha teórica sobre esse cuidado com as verdades a serem enunciadas. Iniciei dizendo o que não é Kung Fu. Fiz isso porque lembrei de uma piada que ouvi sobre a teoria eleata quando estudei Parmênides durante a graduação. Da premissa "o que é, é, e não pode não ser; o que não é, não é, e não pode ser", um colega perguntou:

> - Mas o que é o Não-Ser? Quer dizer que é fora do conhecimento?

Ao que o professor responde:

> - Segundo Parmêmides, você nem pode perguntar sobre o Não-Ser.
>
> - Por quê?
>
> - Porque ele não existe.
>
> - Mas se a gente fala sobre ele, não quer dizer que exista conhecimento sobre isso?
>
> - Você fala em unicórnios, mas eles não existem.
>
> - Também falo em Deus. Significa que ele não existe também?

O Professor, de maneira genial...

> - Ah, mas isso já foi resolvido na idade média...

Enfim, o diálogo é curto e creio que elucide bem o que quero dizer. Falo do que não é pois, para mim, é muito mais interessante exercitar o pensamento para construir algo em território vazio do que desapegar-se de seus próprios pré-conceitos, ideais, valores e todo resto da carga conceitual para... PUFF!... Implantar qualquer outro tipo de verdade bem decorada no lugar. É claro que construir algo em território vazio requer certa responsabilidade, um tato, pode-se dizer. Tomar os devidos cuidados para não erguer um monumento às próprias verdades, ou uma instituição vinculada a ela de alguma forma, saber balançar suas próprias verdades e dosa-las de maneira a manter certa abertura a verdades diferentes (tão frágeis quantos as próprias). Não tornar-se vítima nem agressor em seu próprio território. Reconhecer outros territórios que possam vir a lhe passar. Auxiliar construções em territórios vizinhos. Aceitar auxílio quando for preciso. Já estamos velhos para o direto "abaixo aos preconceitos!" e toda aquela velha moralidade travestida de desapego. Nossas verdades nos protegem e nos massacram ao mesmo tempo. No

entanto, como toda antiguidade, não se pode pensar que nossos preconceitos – ou nossas verdades (assim como nós mesmos) – sejam eternos e imutáveis.

Digo tudo isso pois venho pensando duramente sobre minha presente formação. Veja bem, falo de mim em primeiro lugar para que possa existir uma abertura empática entre você que lê e esse texto que se diz através das minhas experiências – a última coisa que gostaria de fazer seria construir mais um monumento egóico pós-gradualmente legitimado sobre o prisma de uma "teoria alternativa" (a verdade é que acho isso bem chato). Enfim...

Treino Kung Fu há três anos, que é um tempo curto para me considerar qualquer coisa além de um aluno praticante de Kung Fu. Entrei no treino sem saber praticamente nada, e ainda sinto as dores dos treinos, e meus movimentos estão longe de serem considerados perfeitos. Aprendi a história do Kung Fu, a história do estilo Tai Chi Louva-a-Deus, a história do fundador do estilo e do grão-mestre, aprendi até a história de como foram criados alguns movimentos. Aprendi sobre o porquê de alguns estilos valorizarem as pernas e outros os braços. Aprendi a contar e escrever até dez em chinês. Cheguei ali sem nenhum preconceito. Cheguei com sede de aprendizagem e novos conhecimentos. Cheguei como se em minhas mãos carregasse uma caneca vazia. Queria enchê-la de todos os modos, com todas as fontes. Aos poucos, vi que o Kung Fu era a melhor arte marcial que existe, mais bela, baseada no bem, na verdade, na justiça e nos valores de virtuosidade e respeito e... Ops! É, era sobre isso mesmo que queria falar.

Minha caneca estava vazia. Minha sede de conhecimento aceitou uma única fonte como potável. E eu enchi a caneca. Enchi tanto que transbordou. E àqueles que vinham me dizer que essa água não era tão boa, eu utilizava essa mesma água para limpá-los do meu caminho. E aos que estavam com sede, os afoguei (e ainda me pego fazendo isso). Confesso que essa analogia com a água passou a fazer muito mais sentido quando lembrei que a morte dos peixes se dá por afogamento. Cheguei sem preconceitos, de caneca vazia. E veja, preconceitos não são necessariamente algo taxado como NEGATIVO! – são simplesmente conceitos pré-empíricos (o que agora penso que os torne mais perigosos do que se viessem com esse carimbo na embalagem).

Estudo profundamente sobre o Kung Fu e doutrinas orientais há quatro anos. Há dois, iniciei as pesquisas acadêmicas sobre esses assuntos e suas relações com a educação. Há dois anos minha caneca ainda estava bastante cheia. Hoje ainda está. A diferença é que agora tento colocar um pouco de terra na água na esperança de poder criar uma ilha disso tudo que me passa. Estudando as doutrinas orientais e fico maravilhado com a rigorosidade disciplinar e a estética que permeia todo o circuito de criações relacionadas ao Kung Fu. Mas aos poucos me dei por conta de alguns pontos bem sensíveis que não costumava tocar. Que me foram apontados principalmente por colegas mais novos ou pessoas de fora do próprio treino que me colocaram questões como

- tá, mas não tem luta?

E eu respondia

> -tem sim, afinal, ainda que prime por valores harmoniosos e artísticos, ainda é marcial (hoje percebi que, por muito tempo, primei por apontar essa afirmação sempre sob a perspectiva inversa dos enunciados).

Ou

> - Tem mulheres que treinam?
>
> - Sim, sim, Kung Fu é para mulheres e homens, jovens e adultos, gordos ou magros (considerando minhas duas colegas e meus outros quatorzes colegas homens, as crianças a partir de doze anos e uma ou outra pessoa acima do peso – além de lembrar que ao próprio berço do Kung Fu não era permitida a entrada de mulheres, enfim).
>
> - Tá, mas eu treino Tae Kown Do, ou Muay Tay, ou Karatê... Kung Fu é melhor?

Respectivamente:

> - Esse só usa as pernas, esse é muito violente, esse é muito rígido e travado – ao que, diariamente descubro rixas entre academias de Kung Fu onde um aluno é mandado para desafiar outro e lutarem em academias rivais, como era tradicional de ser feito na China.

Isso tudo, e mais uma maré de porradas que eu levo diariamente por apontamentos e respostas como estas, o óbvio me estala aos olhos: a academia de Kung Fu, Muay Tai, Karatê, Boxe, Tae Kown Do... Qualquer que seja a arte marcial ou o esporte, não produzem monstros. A educação não se dá através de um quadro vazio – alguém precisa escrever nele e explicar o que está escrito. Não se aprende a falar sozinho, mas se escuta primeiro, se interage com o meio da língua e sua comunidade, passa-se a reproduzir a linguagem, esquece-se da origem, torna os termos como verdades últimas. O Kung Fu não constrói um pensamento, grosso modo, ele é só um termo. O que o termo significa é outra coisa. E seguir fielmente o significado do termo é outra coisa – que não necessariamente confere a esse fiel o título de homem virtuoso por excelência. Essa é a armadilha que eu caí. Essas são as armadilhas nas quais caímos, pelo deslumbramento inicial, pela paixão e a latência – e cabe lembrar, toda paixão é um *pathos*, um sofrimento. Como eu disse, trata-se de ponto de vista. E essas armadilhas estão em todos os lugares, no Lattes (que eu escrevi com letra minúscula, mas meu corretor ortográfico me fez o favor de corrigir meu infame e desrespeitoso erro para com esse deus *ex machina*), no primeiro salário rechonchudo, no primeiro dia na escola, na faculdade, na casa nova, no novo relacionamento...

Digo dessa forma não para apontar qualquer forma de pessimismo, mas para esclarecer que eu sigo um rumo enquanto escrevo essa dissertação e enquanto converso com meu orientador, ou com o professor do Kung Fu ou com qualquer colega de treino, ou com minha namorada, ou meus chefes e amigos: estou construindo o meu território.

Talvez a isso finalmente consiga me referir àquelas palavrinhas mágicas que circulam o grupo de pesquisa de minha linha teórica: ética, estética e política – talvez esse seja aquele "tato" mencionado. Minha pesquisa é em educação. Sobre subjetividade. Sobre relações de poder. Iniciei toda a pesquisa escrevendo a partir de um ponto fixo, sob o título maleável de "seja água, meu amigo". Eu, quando muito, fui um prego sobre a água. E o processo recomeçou. E de novo. E de novo (E de novo? E de novo? Qual é o título da dissertação agora mesmo?). E doeu bastante, e ainda dói agora e vai doer mais um pouco depois. Doeu para perceber e conseguir tomar alguma providência em descobrir que o processo não era o problema da pesquisa – ele era a própria pesquisa. O problema dela sou eu! Eu que nunca me pus a problematizar de outro modo! Assim como o problema do Kung Fu são os seus praticantes orgulhosos de sua tradição também opressora e preconceituosa. E o mesmo serve para as demais artes marciais. Tornar o mito do bem uma verdade só mais fácil do que provar que essa verdade não existe. Nossas verdades nos protegem! Para combater isso é que se faz necessária a *diferença*. Para que se quebrem essas proteções, para que sejamos nervos expostos! Para que as verdade caiam! E dessa *diferença* se poderá desconstruir a univocidade formal do *Ser* tradicional, e secularizar um juízo de raízes heterogêneas, rizomáticas – d'onde se possa avistar uma ética de sensações para além do imperativo moral da verdade eterna.

Desde a época em que meu maior tempo livre me permitia o opressor lado do parteiro de ideias, intérprete de formas perfeitas, de ser o filósofo enquanto maior figura da decadência, hoje pela primeira vez posso me ver de outra perspectiva, em um outro lugar neste desenho cujo traçado eu pensava ser eterno, inalterável. Hoje a imagem de um desenho que na tentativa de perfeição foi muitas vezes apagado me vem em mente – e eu me coloco no lugar da folha na qual o desenho era é feito: marcado, rasurado, rasgado, machucado. Mas claro que dizer isso sobre todo o trabalho feito até essa dissertação, não faz com que minhas considerações sobre essa arte marcial sejam automaticamente destruídas (enquanto escrevo isso, mais alicerces se racham) – acontece apenas de ter me dado conta da defesa cega do segmento de regras estabelecidas moralmente, de reverências inquestionáveis... Acontece apenas de ter passado a ver com outros olhos, de sentir com outro corpo (talvez de ter permitido que os mesmos olhos enxergassem de outra forma, que o corpo se posicionasse por si mesmo).

DE UMA PESQUISA

Parece-me que já na execução prévia do Taulou / kati[7] em que se transformará essa dissertação, já me encontro cansado. Sinto como se meu ritmo tivesse mudado. Buscarei

7. A *forma, Taulou* ou *Kati* foi originalmente idealizado para o treinamento doméstico, em que a dança era uma enciclopédia de movimentos, partes dos quais podiam ser usados para diferentes situações. Em suma, é um sistema para gravar movimentos, que poderiam ser esquecidos, se não fosse por isso. (PARKER, 1963, p. 165.)

recuperar o fôlego. Ainda são muitos movimentos a serem feitos. Talvez eu volte ao início, vez ou outra, para relembrar. Talvez dê algumas pausas. Às vezes, no Taulou / kati ocorre que quando pensamos o movimento, o corpo o executa errado. Mas o corpo sofre um cansaço físico, então também às vezes o erro do movimento pode vir da exaustão dos músculos. Vamos ver até onde vamos...

Da anterior apresentação de mim mesmo, sigo agora em um programa de mestrado em Educação e pratico Kung Fu. De uma questão de si, perguntei sobre até onde a prática da arte marcial do Kung Fu pode contribuir na construção de si em um ambiente educacional – e eis que agora apresento (e me apresento), nesta dissertação, uma busca pela prática do Kung Fu como uma possível dinâmica a ser trabalhada em uma prática de ensino de filosofia, e que tem se mostrado cada vez mais um desafio interessante de ser enfrentado.

E, à medida que esta toma corpo, alguns tópicos irão se apresentar tentando elucidar de maneira mais precisa determinados conceitos. Como nos adverte Derrida, a escrita é uma parricida, uma vez que ao tomar corpo e se encher de significado, deixa de necessitar do interlocutor que a pensou. Nesse caso, nessa tentativa de *escrita pharmacon*[8], tentarei como Aquiles, abraçar meu destino. Do ponto de vista da temática da pesquisa, irei *treiná-la* para que, assim espero, ela me vença. E dessa morte ao pai, ela passa a ser autora de si na medida em que assume um pensamento autônomo, fruto de outro pensamento, pensado num momento *kairótico*, num espaço, durante uma vivência ou uma sensação. E à medida que essa relação se torna mais presente, eis que, como dito antes, percebo que ela assumiu um caminho diferente ao seu próprio título.

Em sua obra *A Farmácia de Platão*, Jacques Derrida nos apresenta essa ideia, a de *escrita pharmacon*, mais em sentido a elucidar e apontar suspeitas sobre o sensível e delicado universo das relações entre as linguagens escritas e faladas – problematizando o processo pelo qual a escrita naturalmente passa para deixar de ser representação de um *logos*, originado na figura de um pai ou alguém que detenha o significado daquilo que se quer fazer entender através da escrita (sujeito falante), e passar a ser ela própria como outro *logos* – descendente, mas não dependente do primeiro, ainda que necessite para que possa existir, de outro sujeito falante que, em uso de seu *lógos*, interpele e posicione as significações nela presentes.

> Não que o ***lógos*** seja o pai. Mas a origem do lógos é ***seu pai.*** Dir-se-ia, por anacronia, que o “sujeito falante” é o pai de sua fala. Não se tardará a perceber que não há aqui nenhuma metáfora, se ao menos se compreende assim o efeito corrente e convencional de uma retórica. O ***lógos*** é um filho, então, e um filho que se destruiria sem a presença, sem a assistência presente de seu pai. De seu pai que responde por ele e dele. Sem seu pai ele é apenas, precisamente, uma escritura. [9]

---

8. DERRIDA, 2005
9. DERRIDA, 2005, p. 22

Acontece que, a fins de problematização e análise, Derrida nos apresenta a palavra *pharmacon* grega com seu duplo significado, onde se tem que pode vir a representar o conceito de *remédio/cura* ou o de *veneno/droga*. Desse conceito é trazida a questão sobre a importância do "sujeito falante" e seu *lógos* à interpretação da escrita; da escrita como parricida, uma vez que, ao estar no papel, mata seu pai e pode vir a significar algo diferente, dependendo do "sujeito falante" que a lê; e o que circula nesse meio, que seria a discussão sobre uma escrita que possa vir a estar para além de um Bem ou um Mal a qual foi criada – por exemplo, a publicação dessa pesquisa que segue e o que você enquanto leitor pode ter pensado na sua leitura até aqui e o que pensará daqui por diante.

Pretendo mesmo que esta escrita me mate! Inclusive, será você a auxiliá-la nisso!

Agradaria-me que ela possa ser dita por suas palavras, sejam lá quais forem! Seria interessante que a essa minha filha você entregasse um tempo para que pudessem conversar. Ela falará de mim, falará dela mesma (considerando o tom arrogante que ela assume de vez em quando), e permitirá também que você possa dizer-se através dessa relação.

E a isso, bem, talvez seja pertinente levantar um breve histórico de nossa história, minha e da pesquisa até aqui.

Ora, eu avisei que haveria alguns retornos...

Sou graduado em bacharelado e licenciatura no curso de Filosofia, e venho dedicando meus estudos à área educacional, dando continuidade à pós-graduação em Educação, Arte e Filosofia.

Há cerca de três anos, na cidade de Pelotas na qual resido há cinco, anos iniciei meu treinamento de Kung Fu do estilo Louva-a-Deus, na Academia Li de Tai Chi Tong Long Mun.

Como todo bom amante dos filmes de Kung Fu de Jackie Chan e Jet Li, sempre gostei da temática geral das artes marciais, desde os belos movimentos aos largos, massivos e divertidos treinamentos. Encontrando o professor Eduardo B. Lahoud, 9ª. Geração do estilo Louva-a-Deus de Kung Fu e discípulo direto do mestre Li Hon Shui (representante chinês do estilo Louva-a-Deus na América Latina), meu gosto se alargou por essa bela arte em seu caráter existencial e espiritual.

E aqui talvez caiba um espaço para uma breve apresentação e consideração a algumas pessoas que depositaram confiança em mim e em meu interesse sobre esse pequeno mundo que apresento aqui – pessoas que apoiaram, conversaram, discutiram e problematizaram comigo e a mim mesmo durante esse percurso: professor Eduardo Lahoud, cuja escuta se mostrou atenta e os conselhos precisos, e que prontamente se disponibilizou para me auxiliar no que pudesse a respeito da pesquisa que veio a ser feita; ao professor Alberto, meu orientador desde a especialização, desde o nascimento dessa

nova perspectiva sobre a arte marcial do Kung Fu e educação, que também abraçou a causa e se fez sempre presente, que fez perguntas para além da pesquisa, que *pegou junto* e me possibilitou experiências, experimentações e ambientes outros; à professora Cynthia Farina e as precisas indicações também desde a especialização e a objetiva e confiante afirmativa à pergunta sobre o interesse de compor também minha banca de mestrado; e à professora Úrsula Rosa da Silva, por aceitar o convite à banca, pelos apontamentos conceituais da filosofia e também pela confiança em entrar nesse esquisito mundo aqui proposto.

Como aluno de Filosofia dediquei-me a pesquisar sobre temáticas voltadas à educação no pensamento do alemão Friedrich Nietzsche. Ao me aproximar do Kung Fu no fim de minha graduação, e buscando seguir a área do ensino e da educação, trocando ideias com o professor Eduardo, surgiu a ideia de uma pesquisa que visasse abordar a temática conceitual e prática dos princípios filosóficos do Kung Fu à Educação nas escolas. Hoje, sobre uma problemática semelhante me encontro agora com meu artigo de pós-graduação de nível de especialização defendido, e também trabalhando na escrita da dissertação de mestrado. Semelhante, pois ainda trato de educação e Kung Fu. Porém, muitas foram às voltas que essa pesquisa precisou dar para chegar a esse *quê* de educação a que me refiro. Explico: a ideia inicial seria problematizar o contexto educacional escolar, visto o seguimento que gostaria de dar ao artigo da especialização já falado.

Houve mudanças nesse caminho, e aconteceu que a escola me pareceu um lugar distinto para tratar *daquele* sentido de educação – aquele inocente ideal de *local/templo* do conhecimento. Local este que uma ideia de *salvação* desde a especialização buscava resgatar e fortalecer por meio da arte marcial do Kung Fu. E, claro, como toda *boa* convicção, não foram poucas as marteladas necessárias para destruir esse ídolo, esse templo. Pensei em experiências na própria academia de Kung Fu, e na educação daqueles que ali estão, inclusive eu, a partir da perspectiva da arte marcial. Mas ainda não era bem isso que eu queria tratar. Isso devido ao insistente investimento de minha parte a uma ainda “análise” de um objeto (as crianças, a escola, meus colegas de treino), por parte de um sujeito que deixa imperar sua *Vontade de Verdade* (eu, o cientista). E daí lembro-me de um vício que assimilei na graduação em Filosofia: uma tendência danosa de buscar universalizar minhas premissas.

Mas não dá mais pra fazer isso.

Agora trato de Filosofias diferentes, da diferença, heterogênea. E pareceu-me que essa ideia de educação entrou por um funil e tudo o que eu busquei discutir saiu pelo outro lado vestido de mim mesmo – sim, eu, tratarei disso, de minha educação. Do meu processo, das minhas relações, vivências, experiências, experimentações. Não se quer tratar do *ser* dessa educação, dessa pesquisa, mas sobre que educação se quer mesmo tratar. Ok, uma educação de um *eu*, de mim mesmo. Mas quem sou esse eu comigo mesmo? E essa

inversão copernicana, essa herança kantiana da problemática da pesquisa, de um sujeito analítico a um sujeito que pensa a si mesmo e seus processos de formação e significação de mundo e dos objetos que o compõe, foi retorno doloroso – mas o que seria da vida sem que pudéssemos desfrutar das tragédias da existência? E o que são as tragédias senão esse eterno fim e início, esse devir, esse eterno retorno?

E dessa nova iniciativa, revirando as memórias do curso de graduação, recordei-me de uma ideia muito legal que tratei sobre educação e o *Homem Total,* no meu trabalho de conclusão de curso, um livro muito discutido com meu orientador e autor do mesmo.

> A ideia do "homem total" parece corresponder a este projeto. Seria aquele que tivesse desenvolvido "todas as possibilidades essenciais" inerentes a sua humanidade. Mas este "homem total" está sempre a se fazer, a nascer e renascer. Aí está porque o "homem total" não representa uma realidade de fato, disponível. Trata-se antes de um projeto, no sentido que a fenomenologia deu a essa palavra. (...) Não se trata de um ideal absoluto, pronto para ser imitado. Muito ao contrário, trata-se de uma tarefa, um desafio em vista do devir do homem. Assim, essa categoria tem um sentido eminentemente dinâmico, indicando por sua vez a extrema complexidade do humano, a categoria do homem total não deve ser compreendida como uma tentativa de supressão das ambiguidades, das tensões do homem. Trata-se antes de assumir estas tensões e ambiguidades. E enquanto este conceito indica a direção da humanização do homem, mostra o caminho para um ***equilíbrio***. Um equilíbrio do homem que vive profundamente enraizado em tudo que é "vida" e que é constantemente convocado a ultrapassar o imediato, o adquirido, o habitual, para se abrir ao mundo[10].

Devido a isso, refiro-me a uma educação que esteja voltada a uma totalidade de humano que está para além de um seguimento idólatra ou instituído, onde a ideia de *educar-se* se mostra justamente como a ideia de *tornar-se* humano, ou encontrar a essência (ou uma essência, para que não fiquemos acomodados com quaisquer verdades que possam nos surgir) da humanidade em si – sendo essa uma tarefa perpétua [11]. E dessa educação, dessa relação com o universo próprio, esse microcosmo, ascender necessariamente ao macrocosmo – como consequência de uma educação que venha a tornar humano (sendo esse próprio humano um ser essencialmente relacional – no sentido em que baseia sua ascensão ao macrocosmo nas relações que estabelece consigo mesmo enquanto formador de si e, posteriormente, não sempre, senhor das próprias políticas de si).

Uma ideia de humano total ou educação do humano total é justamente pensar a ideia de uma educação concreta, por lidar com pulsões presentes na interioridade (ou seja, nesse microcosmo subjetivo) desse humano que faz e pensa a si mesmo e fatores externos ao próprio corpo, mas que contribuem também para os modos com que esse humano se pensa, se faz e se relaciona. Educação, nesse sentido, como princípio libertário de si

10. Shaefer, 1995, p. 121
11. Shaefer, 1995, p. 47

mesmo e de sua própria linearidade educacional. Uma educação que ofereça, considere e questione as variações sobre as quais as linhas do tempo e do espaço de si sofrem para que se alcance a possibilidade de poder vir a tornar-se aquilo que se é, tornando o processo do *devir* desse sujeito como sua tarefa fundamental.

> Isto é, a pessoa só é na medida em que realiza seus atos, que diferem por essência. Assim, em vez de ser uma realidade estática, ela é um processo, um "fazer-se". Poder-se-ia dizer que a pessoa é na medida em que se torna pessoa[12].

Exponho essa série de fatores para que se possa chegar a esse momento – a esta dissertação. Sim, esta dissertação foi, é e será um *momentum*, pois está sendo construída de maneira apaixonada. Uma paixão que permitiu experiências, desafios, noites mal dormidas, cansaço, choro e sorriso. Que possibilitou um encontro entre mundos, entre mundialidades – entre o pensamento acadêmico erudito da filosofia, dos mitos da sabedoria oriental e da preocupação entre as aproximações e distâncias desses dois ambientes.

Meu contato com a Filosofia pura e acadêmica, desde sempre investiu numa defesa à premissa de que não existe Filosofia Chinesa/Oriental ou, se existe, é superficial ou não sistemática – o que a destitui de valores de Verdade tão necessários aos silogismos aristotélicos. E o que se costuma ver é a encarada ao fator oriental como uma forma de docilização e servidão – daí pode-se citar exemplos desde referências ao cristianismo até o budismo. E, infelizmente, uma espécie de eurocentrismo xenofóbico travestido de "tolerância" e "respeito", influi para que muitos não venham a conhecer as curiosidades da sabedoria chinesa em suas muitas formas, respeitosa da liberdade e formas de conduta e respeito a si e a natureza – onde habitam outros como nós.

> Quem analisa o pensamento chinês sente-se impressionado com as grandes diferenças em relação ao Ocidente, tanto no estilo e no método quanto nos valores e nos intuitos. Que é na realidade a filosofia chinesa? E possui a China uma filosofia, digamos, como a de Descartes ou de Kant, uma filosofia do conhecimento, da realidade ou do universo, filosofia logicamente construída e vigorosamente sustentada? A resposta é um altivo "Não". Nisso está todo o problema. Quando se trata de epistemologia ou metafísica sistemáticas, a China tem de importá-las da Índia. Nunca houve ali inclinação para a filosofia sistemática, e não haverá enquanto os chineses continuarem chineses. Para impedi-lo têm eles muito senso. O mar da vida humana beija sem cessar as praias do pensamento chinês; e a arrogância e os absurdos do lógico "Eu tenho absolta razão e tu estás absolutamente errado", não constituem defeitos chineses, entre muitos que possam eles ter. A própria língua dos filósofos chineses não difere do calão de rua dos plebeus. A China nem sequer possui a gíria acadêmica de que tanto gostam os sociólogos e psicólogos norte-americanos e que é tão necessária para a construção de qualquer teoria acadêmica impermeável[13].

12. Shaefer, 1995, p.58
13. Yutang, 1959, p. 8

Talvez por isso caiba dizer que exista muito mais no oriente uma Sabedoria do que propriamente uma Filosofia, quer dizer, por aquela relação com a natureza e o mundo - e as relações que daí se estabelece – possa se diferenciar a filosofia ocidental, desde sempre prostrando para além do mundo, pensando-o, julgando-o e, em última instância talvez, governando-o.

Mas principalmente, uma Filosofia que invista no conhecimento de si, dessa natureza e mundo que se habita e na relação vista como uma construção do conhecimento de si enquanto componente e interferente dessa mesma natureza. Parece-me que a Filosofia Oriental apresenta então, na forma de exercícios de conduta, reflexões éticas pontuais, práticas e extremamente importantes no que tange a um olhar para as ações de si mesmo para com o mundo do qual usufruímos.

O Kung Fu, a arte marcial chinesa, é o exemplo maior desses exercícios existenciais desde sua origem, em necessidade de autodefesa do povo, e através de suas derivadas – vê-se a origem do estilo Louva-a-Deus e a relação estabelecida entre a vida do Monge Tong Long no templo de Shaolin, seu treinamento, suas necessidades para com o templo e para consigo mesmo, e sua criatividade na companhia do simpático Louva-a-Deus e do malandro macaco.

Kung Fu me parece ser isso: exercício de reflexão de vida por meio do treino, investimento e cuidado na saúde do corpo e da mente[14]. Parece-me ser uma doutrina marcial que está para além da marcialidade, que conserva seu aspecto de arte enquanto exercício estético de reflexão de si e interferência no real.

Com isso, me sustento a acreditar que a possibilidade de estender ao mundo da vida a sensibilidade adquirida nas práticas dos treinos pode ser diretamente proporcional ao movimento de estender às práticas dos treinos as experiências do mundo da vida – criando assim um ambiente relacional[15] repleto de trocas de sensações e significados, desconstruções, cuidados de si, dos outros e de si com os outros.

É claro que não se quer, com tudo isso, sustentar a prática marcial do Kung Fu como uma *melhora de vida*, *uma salvação* - não se quer simplesmente aceitar as Verdades do Kung Fu como inalteráveis, inquestionáveis. Aqui, nessa dissertação, eu falo de mim, Jorge, praticante de Kung Fu, estranho ainda numa terra estranha, trabalhador do comércio. Aqui, a pesquisa fala de mim por conta própria, e através de mim tenta dizer a si mesma e, quem sabe, possa vir a contemplar a vida de outros que se propuserem a enfrentá-la. E é referindo-se a mim e ao meu *mundo da vida* que percebi que, assim como o processo de aprendizagem das práticas do Kung Fu, algumas certezas se desconstroem à medida que aprendo a construir minhas próprias opiniões, algumas Verdades questionam a si mesmas

---

14. Em *Segredos do Karatê Chinês*, Ed Parker especifica a terminologia das palavras *Kung* e *Fu* e a relação conceitual e prática desses adjetivos da língua chinesa e a prática da arte marcial (pág. 17).
15. A ser tratado a partir do capítulo 3 - Tán Tui (彈腿) – “Pernas Elásticas”

quando se apresentam a nós de maneira estranha. Mas esse vislumbre de uma Verdade única, universal e libertadora, essa certeza inicial de que o Kung Fu parece ser o salvador, faz parte do processo que ocorre na escrita. Fará parte no processo a ser observado em mim mesmo. Afinal de contas, eu gosto do que faço, e a neutralidade discursiva é algo que já pela temática da dissertação entende-se como algo que não existe. E talvez, por fim, que pode vir a ser um novo começo (e sido), essa mesma certeza se perca ao final do processo... Pois talvez isso também venha a ser parte do processo. E estar nesse processo é o *devir* que irá se disfarçar, ora ou outra, de repouso para que façamos nós mesmos nossos próprios movimentos.

E falando em *movimentos*, me passou pela cabeça que pensar os movimentos de *diferença e repetição*[16] nas artes marciais seja uma temática, no mínimo, desinteressante. Quer dizer, o que falar sobre as repetições das diferentes técnicas? É no mínimo previsível que um trabalho que se direcione as artes marciais irá se debruçar sobre a velha mecânica de movimentos ou o velho hábito que se torna *benefício à vida* (livros dessa temática no sebo em que trabalho possuem uma prateleira específica – onde não quero que minha dissertação se encontre futuramente). Mas, e se disso se pudesse tratar num sentido outro sobre a diferença e a repetição? Não como movimentos distintos entre si, mas autogeradores. Quer dizer, e se se tentasse falar da possibilidade de ser originada, criada uma diferença na própria repetição, da própria ação de repetir? E se fosse proposto pensar a possibilidade de origem da reflexão a partir de um reflexo? E se conseguíssemos nos ver no espelho e enxergar através de nós para além de nós mesmos?... Tá, vamos com calma.

Esta dissertação propõe, ou quer propor, pensar algo referente a essa maneira de relacionar *diferença e repetição*[17] em artes marciais, sem esquecer de dar a atenção devida à Educação. Portanto, a dissertação buscará caminhar por essas duas trilhas que parecem já terem sido traçadas: Educação, ou maneiras de educar, ou a educação de si; e a arte marcial do Kung Fu, com seus fundamentos morais e hierarquias. Talvez essa sim possa vir a ser uma proposta interessante, onde um novo olhar sobre essas dinâmicas se faz possível, onde quem sabe exista uma possibilidade de criação de conceitos que se agenciem através de um eu em processo de educação, e que se tornem tecnologias desse eu. Algo que esteja presente no ato de repetir, na re-flexão, na corporeidade, na práxis. Como o Taulou / kati, várias partes aprendidas e apreendidas sozinhas, mas que formam um movimento contínuo ao final, que represente um todo a partir de suas partes. Pensei nisso depois de conversar com Deleuze, onde ele me apresentou numa mesma passagem as noções de momento, parte, espírito, memória e contemplação – e eu respondi a ele: “cara, isso aqui parece um taulou / kati, ou to viajando?”.

16. DELEUZE, 1988
17. DELEUZE, 1988

> Pergunta-se porque a Natureza repete: porque, responde-se, ela é *partes extra partes*, *mens momentânea*. A novidade, então, encontra-se do lado do espírito que a representa: é porque o espírito tem uma memória ou porque adquire hábitos que ele é capaz de formar conceitos em geral, de tirar algo de novo, de transversar algo de novo da repetição que ele contempla [18].

E disso, dessas nossas conversas, com o auxílio dele e das práticas do treino passei a buscar uma outra maneira de lidar com o corpo e seus condicionamentos e disciplinas. Já vinha pensando algo semelhante a isso desde a especialização, mas parece que passei a seguir um norte diferente, que me leva para vários nortes, que são lugar nenhum, em que pareço estar em vários lugares.

Repetir até tornar orgânico. Não uma repetição de sentenças o enunciados, mas movimentos concretos, vivos. Até onde estamos acostumados com isso no dia-a-dia para além dos movimentos rotineiros? Um cuidado de si diferente da premissa socrática de cuidados conceituais sobre a própria virtude. Cuidar de si enquanto conhecimento de si mesmo sobre as próprias potencialidades concretas, sobre as próprias inferências no real, sobre a situação de si no mundo (ou num mundo, o próprio). Traduzir-se em movimentos, deixar fluir, permitir-se, auto-confiar-se. Uma meditação para além da estaticidade. Um cinetismo. Uma meditação cinética.

E na verdade essa é uma ideia que me agrada muito: meditação cinética. É o mais próximo em palavras que pude expressar meu sentimento durante o Taulou / kati. Explico: o movimento, enquanto pensado um por um, é estático – 1, 2, 3, 4,... – mas o movimento enquanto físico, concreto, move-se de acordo com aquele pensado. Move-se enquanto várias partes de si, do pensamento, se encontram imóveis; ao mesmo tempo em que se está imóvel à busca da perfeição de cada movimento concreto. É isso, meditação cinética, imobilidade móvel, mobilidade imóvel. Dois opostos conceituais, indissociáveis quando presentes no mesmo corpo.

Pensando nisso, me vem em mente os muitos contrários que me compõem enquanto praticante, e que irei assumi-los como minhas Verdades provisórias, pois também serão meus princípios de meditação (estática) que irão mover (cinética) minha reflexão no decorrer da dissertação. Daí que Kung Fu pode ser movimento, caminhada, hábito, repetição, espreitamento, responsabilidade, assim como pode ser sofrimento, frustração, cansaço, monotonia – pode ser qualquer coisa que resulte da relação entre a prática do treino e o corpo que treina. Sua prática é diferente, é outra – é repetição e reprodução capaz de produzir diferença no seu próprio fazer-se, no seu *Eterno Retorno*[19]. E aqui se quer tratar de *Eterno Retorno*[20] fazendo referência a um pensamento tardio de Nietzsche que está para além do puro movimento cosmológico de retorno e reflexão sobre si – ainda

18. DELEUZE, 1988, p. 41
19. NIETZSCHE, 2001
20. NIETZSCHE, 2001

que essas propriedades sejam de importância a esse exercício proposto por Nietzsche. Um *Eterno Retorno*[21] tal como se apresenta no diálogo do parágrafo 341 de A Gaia Ciência (NIETZSCHE, 2001, p. 230): uma nova forma de pesar o mundo e a si mesmo, um novo peso [*Das Neue Schwergewicht*], o mais pesado deles. Peso este que passa a ser carregado e medido com o entorno da vida que se lhe apresenta, com suas ações no mundo e consigo. Um *Cuidado de Si* para além da virtuosidade socrática, *cuidado* este que, e daí a beleza do encontro entre o *Eterno Retorno* e o Kung Fu, transforme dores, vivências, momentos numa possibilidade de transvalorar os valores que até então são apresentados como Verdades únicas, imóveis, imutáveis, eternas. A transformação, ou melhor, a transvaloração do repouso ao movimento – não de maneira teórico-discursiva, mas através do próprio movimento e os contatos de si e das próprias forças com o mundo que o esmaga. O "como" dessa produção de diferença na repetição é o movimento estético/ético/filosófico que se quer discutir, tanto no ambiente educacional quanto da perspectiva de treino do Kung Fu. Ora, *não seria incrível que algo pudesse vir a se originar de seu oposto*?[22] Não se quer defender a prática do Kung Fu sobre outras artes marciais como sendo melhor que as demais – mas pela proximidade afectiva que essa prática representa para mim, quem escreve e propõe a dissertação em relação com minha formação docente, trabalhar a possibilidade de se poder pensar um (ou o) ensino de Kung Fu e sua prática em referência à educação e sua realidade social - como podem gerar produções as inferências dessa prática no ambiente educacional?

Pelo viés de uma arte marcial que conserva a dureza de uma hierarquia como fundamento de valores a caminhar numa linha tênue entre a moralidade e a ética; pelo pensamento mítico naturalista que nutre a história e o fazer-se dessas mesmas práticas, numa relação tão íntima que passa a não ser mais possível dividir realidade e ficção. Esses talvez sejam caminhos que possam vir a dar uma direção à resposta da pergunta anterior – caminhos facilitadores da construção de um possível senso político que conserve algo de uma autonomia afecto/reflexiva da parte do sujeito que se prostra frente a esses fatores, no entremeio entre si mesmo e o seu mundo da vida que problematize a si, as construções de si derivadas das relações com o real, e as construções do real que contam com a participação desse sujeito que está sempre por se construir. Quer dizer, é muito mais interessante ao ensino de Kung Fu que, numa técnica com um guarda-chuva, se diga que ela nasceu de uma técnica com bengala – que por sua vez surgiu em meio ao povo que precisou aperfeiçoar e resignificar utensílios domésticos em vista da opressão política que sofriam e a necessidade de autodefesa; também é mais interessante falarmos do contexto

21. NIETZSCHE, 2001

22. Parafraseando o primeiro aforismo do primeiro capítulo intitulado *Das Coisas Primeiras e Últimas*, de Nietzsche em seu *Humano, Demasiado Humano* – sobre a fatídica problematização filosófica ainda no tempo de Nietzsche ser apresentada dualmente, como era desde os tempos mais antigos. E esse é minotauro a ser descoberto nos labirintos das experimentações que essa pesquisa propõe: como pode algo se originar do seu oposto? Por exemplo, a diferença da repetição?

político social de uma instituição de ensino quando conhecemos sua história, seus porquês. Ensinos para além de uma normativa geral, de fim em si mesma, mas que apresente a sensibilidade de carregar consigo um histórico concreto, que aproxime o conhecimento do sujeito que busca conhecer através dessa mesma sensibilidade, dessa empatia. E aqui invocamos a Husserl e sua noção de *Mundo da Vida* [Lebenswelt], por preferirmos uma linguagem que busque lidar de maneia mais pontual com alguns tópicos da pesquisa, como as experimentações e seus fenômenos, bem como a imanência do sujeito do conhecimento e suas construções e consequências sociais – considerando as *intencionalidades*[23] desse mesmo sujeito e suas percepções do real.

23. CAVALIERI, 2013, p. 40

入門拳

DE UM MANUAL

A prática do Kung Fu, ainda que num primeiro momento represente uma forma e uma repetição – quer dizer, em se tratando da técnica, basicamente existe uma forma a ser seguida tantas vezes que se tornará uma diretiva, uma organicização num corpo tal que a repete -, metafisicamente tem muito mais a mostrar do que talvez estejamos prontos para compreender de pronto.

Quando se olha atentamente a técnica do Kung Fu, bem como a sabedoria que envolve toda essa arte marcial – pode-se tomar, por exemplo, o próprio significado da expressão *Kung* Fu[24], ou os princípios budistas de Vazio, Compaixão, Respeito -, tanto da parte daquele que pratica e olha para si mesmo quanto a um olhar estrangeiro que percebe o praticante e sua relação consigo e a própria prática, percebe-se uma ligeira troca, muito sutil, em relação às técnicas de Kung Fu e algumas práticas de si. Como perceber que uma repetição de um soco desferido contra o corpo de um adversário não é apenas uma técnica de aperfeiçoamento da ação de socar, mas uma troca, entre alguém que aprimora a precisão e força do soco e punho e alguém que aprimora a resistência e o calejamento do próprio corpo – além disso, é alguém que, enquanto se posiciona como *aquele que soca*, possui a possibilidade de controlar a si mesmo nesse processo, notando que um soco forte demais em um corpo não tão bem preparado pode ferir seriamente o colega, notando que está imposto a si o direito de ferir e o dever de ser ferido (pois o exercício exige dos colegas seu constante revezamento), notando que ali, para além de si mesmo existe outro, O Outro do exercício do Kung Fu – aquele que constitui uma estrutura complexa de cuidados a serem impostos sobre si mesmo no momento da técnica, alguém aberto ao golpe, que está ali para recebê-lo, para treinar e ser treinado (ou educar e ser educado).

No entanto, algo que se quer deixar claro disso tudo, é que essa visão sobre uma possibilidade de cuidado de si e relação com o outro na prática do Kung Fu não é algo pré-dado, pronto, mas uma sensibilidade adquirida, além de um constante retorno a si mesmo e dos próprios modos de fazer-se.

Como nos lembra Deleuze[25], "uma repetição material e nua (como repetição do Mesmo) só aparece no sentido em que uma outra repetição nela se disfarça, constituindo-se e constituindo a si própria ao se disfarçar". As formas e representações na prática do Kung Fu são justamente esse sentido e esse disfarce (PARKER, 1963, p. 167), que tornam-se um à medida em que a assimilação do Taulou / kati[26] se apresenta no corpo e como este vem a ser um plano de formação do espírito que passa a se relacionar simbioticamente com

24. "Trabalho duro", "tempo de trabalho", "habilidade em", "habilidade através do trabalho duro" – por isso se torna comum que quando se queira referir à arte marcial do Kung Fu de maneira mais *rasa* (entendamos essa palavra pelo contexto a ser trabalhado), seja como uma competição, luta, exercício físico e de saúde, se fale dela como Kung Fu Wushu (habilidade/habilidoso em artes marciais chinesas) ou Kung Fu Kuoshu (habilidade/habilidoso na arte da guerra/de guerrear).

25. 1988, p. 52

26. Sequencia de movimentos simulando um combate com adversários imaginários (TORRES, p. 31).

o corpo – numa relação necessária, distanciando-se daquela divisão e hierarquia intelecto/corpo. Não, nesse plano em que o corpo em formação se apresenta, mente/corpo/espírito, ou intelecto/pulsão/intuição se comunicam e agenciam conversações que se aproximam muito mais de um caminho temporal/espacial/responsivo/sensorial necessariamente implicados, do que meramente uma relação de materialidade do corpo adequada a uma forma imposta intelectual e racionalmente por um Eu Penso [Ich Denke] moral e transcendente.

E para falar dessa relação da mente, do corpo e do espírito, cabe esclarecer um caminho bastante resumido de como segue o desenvolvimento do ensinamento/aprendizagem/assimilação de um taulou / kati.

1º a apresentação dos movimentos. Um por um. A assimilação dos movimentos.

2º após a assimilação de todos os movimentos separados, sua união compassada e expressiva – totalidade repetida inúmeras vezes, buscando aquilo que Deleuze (1988, p. 131) chamaria de síntese passiva (involuntária).

3º correções e observações sobre detalhes e aplicações dos movimentos – momento da *Síntese do Tempo*, onde presente, passado e futuro se complementam em virtude da necessidade harmônica entre os movimentos, transformando a completude do taulou / kati num *Presente Vivo*, onde a ordem temporal se unifica – possibilitando o que Deleuze (1988, p. 133) chamaria de *Contração.*

4º *Contração* – tornada a técnica, o taulou / kati, numa síntese passiva por um espírito que o condicionou e buscou, então a possibilidade de um retorno consciente a cada movimento e de criticidade sobre cada detalhe a ser observado. Segundo Deleuze (1988, p. 133), sendo essencialmente sinônimo de *hábito*, d'onde no exercício do Kung Fu ocorre a fusão dos dois gêneros de contração que nos apresenta, a saber: "a contração pode designar um ou dois elementos ativos, um ou dois tempos opostos numa série do tipo tic-tac..., sendo o outro elemento, a descontração ou dilatação. Mas a contração designa também a fusão dos tic-tac sucessivos numa alma contemplativa".

Como toda arte marcial, o treinamento do corpo é essencial no que tange à saúde como uma totalidade de elementos que devem relacionar-se harmoniosamente e a busca pela perfeição das técnicas. Com o Kung Fu sendo a fonte originária de várias outras modalidades de artes marciais, apresenta um modelo bastante abrangente e completo de treinamento, desde o aquecimento ao condicionamento físico e o desenvolvimento e a aplicação da técnica.

Cabe lembrar que, situados que estamos em território brasileiro e admitindo que a prática do Kung Fu não faça parte da rotina cultural do povo – uma vez que essa arte milenar se apresenta na cultura chinesa como uma prática de vida -, os métodos de aquecimento se apresentam com o objetivo de preparar o corpo para os reais impactos

técnicos e de condicionamento que os exercícios visam atingir. [27] Dessa forma, pelo menos em referência ao Kung Fu estilo Louva-a-Deus ensinado pelo professor Eduardo Lahoud em supervisão do Mestre Li Hon Shui, o aquecimento se divide em quatro etapas. São elas: o aquecimento da região superior do corpo (pescoço e braços), da região central (toda a região do abdome e dorso), da região inferior (pernas e calcanhares), e séries específicas de flexões e abdominais (está última parte podendo variar de acordo com a proposta do professor ou objetivo de fechamento desta etapa da aula).

Do aquecimento seguem exercícios específicos de condicionamento físico e resistência do corpo, desde exercícios de perna e braços a experimentações de força e equilíbrio.

Na China, ao contrário do que ocorre no Brasil, existe toda uma estrutura institucional cultural que possibilite uma dedicação direta aos treinos e a vida baseada no Kung Fu, vista a importância dessa arte na história chinesa.

> De fato, o Kung Fu Wushu acompanhou a China desde seu nascimento no templo de shaolin, desenvolveu-se em relação ao budismo, aperfeiçoou-se e passou a ser inserido de maneira a oferecer suporte à resistência necessária às investidas ocidentais e estrangeiras que vinham aterrorizando a realidade do povo chinês. [28]

Eu pratico Kung Fu nos intervalos entre trabalho, aulas, leituras, idas ao supermercado, limpezas da casa, fazendo comida... Cada vez que possível, intercalando o treino a estes outros meios. Tenho colegas que fazem o mesmo. Tenho colegas que precisam abandonar o treino pelo tempo que não dispõe para fazê-lo. Tenho colegas que estudam e treinam. Outros que trabalham e treinam. Outros, que só treinam. O que se quer dizer é basicamente o seguinte: como é possível um treino de horas e muito pesado se no outro dia, cedo muitas vezes, é preciso abrir a loja ou pegar o ônibus para o trabalho? Falemos da instituição de ensino: como é possível oferecer um treino rigoroso, especificamente chinês, digamos assim, se os praticantes, os alunos, precisam chegar em casa e ainda executarem uma série de tarefas e, no outro dia, ainda chegarem na escola dispostos a aprender e com o tema de casa e estudos de acordo? Quer dizer, para que uma atividade que canse corpos que estão cansados? É preciso oferecer essa problematização em resposta aos elogios como “puxa, trabalhar artes marciais numa escola é uma ótima ideia. Colocar um pouco de juízo e disciplina na cabeça da gurizada” – não, não se quer fazer isso. Não se quer oferecer uma prática que fuja da realidade. Não se quer também oferecer uma disciplina

27. Pegando emprestado parte da entrevista do mestre representante do estilo Garra de Águia Li Hon Ki, em depoimento sobre a criação de aulas de Kung Fu no Brasil ao artigo monográfico *A Inserção do Kung Fu no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros*, cito: “Então é começar por ai, criou aula conjunto. Mas não tem padrão de aquecimento, resistência, conjunto, antigamente não tem, entende? Hong Kong época mesmo não tem isso. Só Karatê, Judô, Taekwondo, esse tipo ocidental, tem esse tipo de disciplina. Kung Fu normalmente não tem. Só com o tempo passar, é agora é coisa boa, tem que acompanhar”.
28. GARCIA, 2015, p. 6

religiosamente militar. A experimentação proposta buscou justamente uma conversa entre realidades – das vidas, das aulas e os conceitos tratados, da arte marcial como dispositivo de auxílio no trato com as temáticas e conceitos das aulas. Uma construção de um espaço onde o praticante, no próprio ambiente institucional, encontre sua forma de expurgo emocional, conheça seu corpo, treine séria e praticamente refletindo a própria vida e conseguindo dar segmento à compreensão das matérias exigidas – no caso desta experimentação, na disciplina de Estética do Curso de Design do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense -, além da possibilidade de problematizar uma relação de ensino, pelo menos, estranha ao que é o ensino superior padrão. Não somos orientais. Talvez seja possível um espaço semelhante a este, e até considero importante que isso seja feito, em respeito à tradição e disciplina que, ainda que tentemos nos apropriar num sentido diferenciado, é parte integral da dinâmica oriental.

Sendo a nossa forma física o contato direto com o mundo real, a filosofia da arte marcial do Kung Fu objetiva um treinamento do corpo para o enfrentamento dos desafios desse mundo real. Ora, pois que o Kung Fu é criado justamente em auxilio dos modos de vida dos monges de Shaolin e suas rotinas, desde a colheita do arroz à necessidade de escaladas em regiões montanhosas e a lavagem de roupas no templo.

Sendo assim, o fortalecimento do corpo no exercício do Kung Fu é o fortalecimento de uma relação entre esse mesmo corpo e o mundo no qual ele se situa, mediado por uma consciência, um espírito entre esse mesmo corpo que se situa no mundo real e estabelece as formas de ação e relação tríplice: corpo, mente e mundo. No caso do treino de Kung Fu especificamente, o fortalecimento do corpo se dá como necessidade ao enfrentamento das diferentes atividades a serem transpassadas durante as aulas. Em se tratando de vida pessoal e aspectos cotidianos, o *Kung Fu* (“habilidade em”) reflete uma potência de ação nas diferentes relações que se estabelecem entre o sujeito e o mundo no qual se situa.

Dessa tríplice aliança (corpo, mente e mundo) presente, discreta ao mesmo tempo em que “descarada” na prática do Kung Fu, existem aspectos de extrema importância ao acompanhamento daquilo que tomo como uma sabedoria própria, originária da prática daquela *síntese passiva* Kung Fu: equilíbrio, respiração, ambiente, consciência de suas limitações e superações. O envolvimento dessas temáticas durante os treinos e conversas com o professor e colegas são partes de um processo delicado e, penso eu, esquecida ou simplesmente deixada de lado ao se pensar em artes marciais, Kung Fu ou outro termo que relacione à temática. É claro que não cabe a mim ou à representação que se faz do Kung Fu tornar essa arte mais importante que as demais. É exatamente dessa pretensa forma de pensamento que nos desprendemos durante a assimilação da filosofia existencial presente na arte marcial enquanto maneira de se buscar a si mesmo uma formação ou autoconhecimento. Ora, mas não seria isso mesmo o Kung Fu? O modo como lidamos com nós mesmos e com as outras pessoas? Mas como se dá essa reflexão? Em que

influenciam os treinos?

Creio inclusive que, à proposta daquilo indizível que se mascara por trás da prática do Kung Fu e nos permite, ao mesmo tempo um conhecimento e um estranhamento de si, é possível relacionar o subtítulo de *Ecce Homo*, de Nietzsche – de maneira a oferecer um *quê* de concretude necessária ao se falar a respeito da metafísica dessa arte marcial, seja em sentido informal ou em sentido acadêmico.

Olhemos para essa imagem: existe um professor, o argumento de autoridade que direciona a dinâmica; existem os alunos, organizador de acordo com sua graduação. Organização da aula: aquecimento, resistência/alongamento e técnica livre, onde cada um, independente da graduação, revê as técnicas e exercita os detalhes.

Superficialmente, o que se vê é: movimentos localizados, resistência e força, além "daquela dancinha bonita no final, aquela que todos fazem" – os Taulou / katis.

E se tentássemos agora fazer uso de uma pequena "lupa do sensível"? Isto é, se tentássemos olhar mais de perto para alguns possíveis significados que podem vir a ser extraídos dessa prática da arte marcial do Kung Fu? Não necessariamente como Verdades a serem seguidas e a formarem opiniões, mas como outro caminho possível de se seguir. Fazemos isso o tempo todo, quer dizer, olhar o que está "sobre". Uma superfície repleta de significações, sim. Externalismos. E para uma pesquisa que pense o corpo como protagonista, considerar essas significações superficiais é de fundamental importância. Tratar daquela maneira de ver o mundo, própria de um movimento que, ainda que tenha sua origem na superfície do corpo, faz seu movimento para dentro e volta com força. Tratar não apenas dos modos com que, enquanto corpo, somos afetados pelo mundo, mas das maneiras pelas quais nós, os corpos, nos posicionamos como problematizadores desse mundo que nos forma; até que ponto interferimos de modo pontual na formação desse mesmo mundo? Como as forças que lançamos nesse mundo se transformam por meio de seus dispositivos e como as recebemos de volta? Percebemos essas trocas de força? Esses jogos de poderes e vontades? De que maneira a prática da arte marcial pode interferir nesses retornos e cuidados de si? Como se apresentam nessas práticas as relações temporais e afectivas dos alunos aos quais as experimentações foram propostas, aqueles do curso de Design - entre eles mesmos e seus mundos? Quem serei eu durante as práticas, durante as tentativas de resposta a essas questões e nas relações com aqueles que experimentam? E exponho essas perguntas dessa maneira futura, ainda que as experimentações já tenham ocorrido, justamente pelo fato de que cada nova experimentação foi também uma nova produção de mim mesmo com eles, e deles enquanto formadores daquele momento e daquele local a eles propostos.

O corpo, esse nervo exposto ao dia-a-dia, que sente sono, fome, dores, cansaço, prazeres, paixões, tem algo a mostrar, no sentido de fazer a mente perceber que de movimentos rotineiros, compassados, habituais, ela mesma, a mente, se educa. A mente

passa a pensar como o corpo, não o contrário – pelo menos foi o que me pareceu nas aulas, perspectivas muito além das pensadas pela racionalidade que as propôs, mas intensas como o corpo que naquelas experimentações se situou.

A isso a necessidade de olhar bastante apurado. Para tanto, a "lupa do sensível" será a ferramenta que me propus a usar durante a pesquisa, nas anotações, gravações, taulou / katis, olhares, discussões, escutas, anseios, devaneios... E talvez a importância da introdução dessa ferramenta na escrita esteja justamente no fato de ela derivar de uma forma de ver o mundo que vem me atravessando e que, mais do que nunca, sinto extrema necessidade de compartilhar – como experimentação de ensino, como prática.

Para isso, e munido com aquela "lupa do sensível", proponho o convite de entrar nesse emaranhado conceitual mais delicado e no mínimo diferenciado dessa filosofia artística, potente, que é o Kung Fu.

> Filosofia cumpre a tarefa de esclarecer sobre si mesmo, isto é, sobre sua validade subjetiva e os pressupostos que legitimam suas conclusões. Se tomarmos o conceito de reflexão a sério – a saber, como movimento que, após experimentar a si mesmo no mundo objetivo, volta a sua origem -, a filosofia marca o campo por excelência da revelação das condições possibilitadoras de uma postura refletida[29].

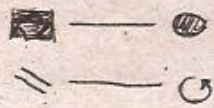
Sendo o ser humano um ser relacional em sua própria constituição subjetiva, educar mente, corpo e espírito significará o investimento na disciplina do corpo como primeiro entendimento de que como seres físicos e reais, os seres humanos são responsáveis pela construção, manutenção e cuidado de sua realidade (tomando assim o corpo como sua primeira realidade sensível); depois, compreender por meio dessa disciplina do corpo que ela só passa a ser possível por meio do uso de ferramentas cognitivas e afetivas em constante relação; e por fim, tornar possível o ordenamento, a compreensão e serenidade dessa relação por meio de um espírito em harmonia.

Kung Fu pode vir a modificar o ambiente relacional no ambiente acadêmico – que por sua vez reflexionará nos demais campos por onde o aluno caminha – seja em casa, entre amigos, enfim, em suas particularidades e coletividades. Como uma dinâmica relacional, onde é indispensável a prática constante dos princípios trabalhados de maneira mais teórica, em vista de sua relação imanente com o treino e a prática da filosofia de vida trazida no ideal da arte marcial do Kung Fu.

O Kung Fu está para além de luta e esporte. Sua prática constante, assim como a de outras artes marciais, passa a representar uma filosofia de vida, assimilada pelo praticante através do professor e inovada de acordo com as possíveis relações estabelecidas entre essas informações assimiladas e o *mundo da vida* de cada um – é relação, e relação, para além de qualquer especificidade que se possa dizer, como compreensão ou respeito,

29. Flickinger, 2004, p. 17

é experiência – lugar por onde esses ditos compreensão, respeito, ética devem passar primeiramente para virem a se tornarem concretos enquanto reflexão no dia-a-dia do praticante. É um processo de auto-revelação. Relacionamento é o espelho em que você descobre a si mesmo – ser é relacionar (Lee, 1971).

res cogitans
B. Spinoza
Ethos
Affectus
res extensa
"Expressão"
sentir a
propria acção
(?) "Expressão do kati
no kung fu - "momento"
da DIFERENÇA
1 momento
Forma
(yin)
Expressão
(sentir a técnica)
Kung Fu
Kati
(yang)
E aqueles que não atingem o grau de
"expressão", não produzem diferença?

SIU NIN TAO (小念頭) – “PEQUENO PENSAMENTO”

Poderia intitular esse segmento da escrita como *Do Mestre Que se Descobre Aprendiz*. E complementar com *Do Aprendiz Que se Descobre Mestre*. Ou *da (re)construção do caráter*. Ou *do Ideal ao devir daquilo que se é*.

Consideremos o Taulou / kati, essa repetição ordenada de movimentos harmoniosos entre si. Consideremos a *repetição* (Deleuze, 1988). Consideremos uma noção do que se tem por *movimento*. Consideremos harmonia (e caos). Ora, lembrando das colocações de Laban (1978) referindo-se às ideias de beleza e significação do movimento e a necessidade de uma uniformidade cultural dos movimentos desde as sociedades antigas,

> As comunidades parecem entender que é indispensável a manutenção da estabilidade do espírito comunitário uma determinada uniformidade no comportamento dos movimentos. Tende igualmente a enfatizar um ideal comum de beleza, muito frequentemente associado a um valor utilitário.

E se quer justamente trabalhar sobre essa colocação de Laban no sentido de apresentar ao ambiente educacional acadêmico outra maneira de se investir no movimento e nas repetições – que é através de práticas do e no corpo. Oferecer uma nova *cultura do movimento* no ambiente escolar – para além do movimento teórico-cognitivo da sala de aula. Não que se vá tratar de matérias de aula ou de disciplinas específicas a partir disso. Não. Este pretende ser o espaço em que se movimenta, apenas. É a partir desses movimentos que começaremos a trabalhar. Uma forma de meditação cinética. Diferente de dinâmicas de uma aula básica de educação física, oferecer o teor filosófico do movimento. Começar pela esquerda, não distinguir gêneros com base na biologia – aprender a lidar com o próprio corpo, transgredi-lo nele mesmo. Não investir em movimentos que trabalhem músculos específicos, mas propor uma relação espiritual e física com a prática, estabelecer um campo para além do raciocínio, um campo sensível, expressivo, potente a partir de si mesmo.

Uma vez que se queira problematizar o contexto educacional, parece se tornar indispensável o tratamento de uma ideia que, ainda que nos pareça óbvia sobre dois aspectos – tanto do “oh, sim a educação é uma formadora de autômatos”, quanto “ah o professor deve inovar sua maneira de ensino, isso faz uma aula inovadora”. Essa ideia, esse princípio, esse norte metodológico é a noção de *repetição*. Mas ao contrário do que pode vir a acontecer, em se ficar detido sobre a abstração do conceito e não aquilo que se pode chamar de sua *originariedade*, gostaria de propor uma ida mais pontual ao *repetir*. Gostaria de saber: o que repetimos? Por que repetimos? Quem exige que repitamos isso ou aquilo? Seria possível, através da repetição, superar a automatização da ação e problematizá-la em sua *práxis*?

Bem, falemos da repetição (Deleuze, 1988). Além disso, falemos de repetição a partir de uma prática que a preserva como um fundamento primeiro: a arte marcial - mais

especificamente, falemos da arte marcial do Kung Fu wushu (a ser tratado por Kung Fu, apenas). Mais especificamente, falemos da prática repetitiva do Taulou / kati na arte marcial do Kung Fu. Mais especificamente, falemos da *diferença* que é possível a partir da prática repetitiva do Taulou / kati na arte marcial do Kung Fu.[1] Minha ideia foi a de seguir por este caminho chegando aos conceitos a serem tratados em aula, através de movimentos repetitivos presentes na arte marcial do Kung Fu, propondo experimentações de simples dinâmicas e cartografando os processos de ocorrem nos àqueles alunos.

Sobre isso, lembro-me da aula em que tratamos do conceito de *criação* ao design – curso no qual realizei as experimentações. Já vínhamos trabalhando há algum tempo sobre a problemática que há nesse conceito, tratando de avaliar as situações em que o segmento da ideia de criação remete apenas a cópias – e daí tratamos da criação de conceitos a partir do já existente, uma *criação* que tenha podido também ser tratada como uma *resignificação*, mas isso virá mais adiante. O ponto em que quero chegar é a aula em que tratamos de pensar a noção de *criação* a partir do nada, por uma dinâmica básica do tai chi e de um exercício de automatização do corpo, que é um calejamento do kung fu. A noção primeira que tratamos foi uma ideia de corpo apresentada por Nietzsche em seu Zaratustra (a qual percorre toda a dissertação e encabeça as dinâmicas de aula), a qual apresenta o corpo como uma *sabedoria* – não só isso, mas como a maior delas, uma guerra e uma paz[2]. E o interesse por essa passagem a qual Nietzsche nos apresenta esse novo pensar que é corpo nos interessou em aula a respeito da criação de conceitos, principalmente, por seu título e sua temática, a saber, *Dos Desprezadores do Corpo* – que nada mais é que a acusação de que a racionalidade não é, nem de longe, uma possibilidade de criação, mas que esse fator é próprio da maior dar sabedorias, o corpo. Claro, isso auxiliou em muito para desconstruir uma ideia acadêmica de que o conhecimento (lembrando que tratamos da criação de conceitos), só é possível através de um exercício maçante e complexo do pensar complexo, da *razão pura*. E, claro, o kung fu auxiliou nisso enquanto um momento em que, dentro dessa instituição de exaltação do pensamento puro, pudemos praticar estes pensamentos hereges, impuros e cheios de vida que são os pensamentos criados pelo corpo.

Mas voltemos à dinâmica desse dia. Após o exercício de tai chi, coletivo, dividimos a turma em duplas e ensinei a eles um movimento que, além de ser dolorido por sua posição de pernas, parecia só funcionar no momento em que deixávamos de pensar nos próprios movimentos. Aconteceu que ensinei a todos individualmente e depois as duplas fariam entre si enquanto os demais assistiam.

E assim fizemos. E enquanto uma das duplas estava no meio da sala tentando os seus movimentos, ao canto, outra dupla atrás de todos nós estava tentando os seus

1. “A repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que a contempla” (DELEUZE, 1988. pg. 127).

2. NIETZSCHE, 1990, p. 51

também. Eu parei, disse para que todos, em silêncio, vissem o que acontecia lá. Todos se voltaram aos dois do canto e assistiam, enquanto ambos muito concentrados sequer perceberam nossa vista. E ficamos assim por mais de trinta segundos, como plateia que nem foi percebida, até que um colega os chamou atenção e eles enfim repararam em todos à volta. Detalhe: o movimento que faziam estava longe de ser o *correto* que eu havia ensinado. Mas, ainda assim conservava elementos daquele, como o início e o fim da prática. Todos, em meio a risadas, nos organizamos outra vez para discutirmos o que havia acontecido. A proposta era que conseguíssemos tentar ao máximo esvaziar as mentes – por isso o tai chi e os movimentos mecânicos e compassados. E aconteceu muito mais. A dupla do canto, aquela dos movimentos *errados*, criou algo de seu *vazio*. Criou outros movimentos, não pensados, vistas as expressões nos rostos e a velocidade de ambos. Além do mais, os dois criaram para si um mundo completamente novo, um mundo deles, ao qual nós, espectadores, não pertencíamos diretamente. De fato, todos ficaram surpresos por eles não terem percebido que foram observados por tanto tempo. E seguimos com nossas discussões.

Tudo é treino, no sentido de que tudo que é experienciado produz marcas sensíveis que vem a compor o caráter intencional do sujeito, ora tornando-se hábito, ora tornando-se um reflexo condicionado pelo conjunto contextual em que este mesmo sujeito possa vir a estar. O atendente de loja que atende bem e vende o produto, o faz bem porque repetiu incessantemente uma fórmula que percebeu útil a suas vendas, e assim passa a combinar hábito e reflexo condicionado, por exemplo; o orador que fala bem, o faz pela prática que adquiriu a partir da repetição de dinâmicas que possibilitassem uma maior maleabilidade nos termos linguísticos gramaticais – e que terá facilidade de transformar à medida que se depara com diferentes tipos de plateias ou públicos. É claro que citei exemplos próximos a um fordismo industrial – a prática proposta a partir do Kung Fu é diferente nesse sentido: a esta prática se apresenta como divisor de águas entre a produção massiva de repetições e uma potência fagulhada a partir de um hábito a necessidade de um *teor filosófico originário*. Pensemos no exemplo do atendente de loja - que atende bem e vende o produto, o faz bem porque repetiu incessantemente uma fórmula que percebeu *útil* a suas vendas: a necessidade do teor filosófico durante os movimentos repetitivos é o que possibilita a consciência de que a necessidade de vender mais contempla a necessidade de suprir metas estabelecidas por um sistema de economia opressor; e a necessidade de sustentar essa economia é devido ao fato de que aquele atendente de loja se encontra no meio dela, precisando dela. Essa consciência é a mudança entre um movimento que repete e um movimento de diferença possível dentro de uma repetição. Esse teor filosófico é o que permite colocar-se em movimento ao mesmo tempo em que se percebe o movimento (como estar de frente ao espelho ao repetir um Taulou / kati) – é o que está para além do julgamento moral ou político: esse olhar é puramente estético, no

sentido em que possibilita buscar para si outra *forma* de agir, para além de paradigmas – formas de agir que se encontrem com afecções, potencialidades, imanências. E é sob a premissa desse teor filosófico originário que pudemos levar as aulas de maneira a não tornar as práticas de kung fu simples aquecimentos e exercícios sem um sentido direto ao que tratávamos. Ao contrário, todo movimento de Kung Fu visto em aula nos serviu em três pontos importantes: 1) foi possível tornar uma aula de filosofia algo para além da leitura combinada de textos e discussões sobre discussões – nos foram possíveis elementos que até então eu mesmo não havia visto nas aulas de filosofia em que participei como aluno, que foram sorrisos, fatos da vida de todos nós que contribuíram ao enriquecimento dos assuntos tratados e, principalmente, a descida da filosofia de seu pedestal mestre. Foi-nos possível torná-la algo que parece que os próprios filósofos esqueceram que ela é por natureza, a saber, comum a todos. 2) nos foi possível apresentar críticas a uma realidade na qual pertencíamos igualmente, que era a realidade de sala de aula de um instituto superior de ensino – que depois de tanto tempo ainda preserva seus arautos de *templo do saber*, local de devoção e obediência. Ali pudemos organizar a salas como bem queríamos, e não como nos é por via de regra. Fizemos nossas aulas, ainda que com a figura de um professor, de maneiras mais abertas, sem um conhecedor hierarquicamente instituído, mas como no máximo alguém que pudesse guiar discussões fomentadas pelos próprios alunos, seus pontos de vista - um lugar onde o professor pôde ser alguém além de um comentador de mundos; ali, em sala de aula, eu como professor, tive a oportunidade de ser um *ligador* de mundos – alguém que apresentasse pontes entre as discussões dos estudantes entre si e os conceitos presentes em seus próprios discursos. 3) e um ponto alto das aulas, foi a possibilidade de termos tratado dos conceitos de estética, filosofia e arte a partir de um ambiente concreto, que eram os próprios corpos e as próprias vidas deles, dos alunos. Suas sabedorias constituíram e construíram as aulas. Chamo de teor filosófico originário a aproximação possível das sabedorias de cada um a um ambiente comum de discurso e de construção. E, sim, nossas aulas foram repletas disso. Pode-se dizer que, por esse caminho, possam ter sido *diferentes*.

Para Deleuze (1988, p. 65), a tarefa da filosofia da diferença parece ser a de tirar a diferença de seu estado de maldição. E ao pensar dessa maneira, Deleuze se posiciona de encontro às bases da filosofia platônico-aristotélica e as relações representacionais entre forma perfeita e cópia imperfeita, onde a uma figura de autoridade (nos diálogos platônicos geralmente referidos a Sócrates, a figura Virtuosa do bom político), é permitida a *avaliação* sobre as determinadas cópias e suas reais semelhanças com as formas que deveriam representar. Para tanto, pode-se citar diálogos básicos à leitura platônica, como a República e a formação do político-soldado, ou a do Banquete e os ideais de Belo e de Amor – e claro, deve-se lembrar também do seguimento dessa premissa ideal em sentido mais experimental através dos tratados de Aristóteles sobre a Alma, o Céu e a Metafísica

até a própria Política e a Ética. À filosofia da diferença parece caber então essa tarefa de secularizar essa instauração julgadora advinda do platonismo de maneira a pensar sobre a diferença, o sensível, o *mundo da vida* como primeiros princípios a serem considerados – que não remeta as atenções aos constantes e indicadores das experiências, mas que considere as variáveis, aquilo que foge da previsão, o sensível. Reverter a lógica platônica possibilitando às sensações e afecções um posicionamento legítimo enquanto produtoras de sentido para além das significações impostas pela lógica reducionista puramente cognitiva, tal como era sustentada ao ideal grego e que se seguiu, pelo menos, até Nietzsche finalmente matar deus e estabelecer seu o caos do niilismo no pensamento filosófico de maneira pontual, e apontar o corpo como a maior das razões. [3] Dessa maneira Deleuze afirma o simulacro e a temporalidade apontados como enganadores e torturantes na filosofia grega de Platão e Aristóteles. E desses dois elementos se sustentarão as discussões sobre a *Diferença* e a *Repetição* – diferenças afectivas que irão se apresentar num simulacro situado em momentos repetidos do tempo e que produzirão sentidos de si para si. Daí possibilitar um *Eterno Retorno* vivo, como um exercício concreto e potente.

> O eterno retorno não pode significar o retorno do Idêntico, pois ele supõe, ao contrário, um mundo (o da vontade de potência) em que todas as identidades prévias são abolidas e dissolvidas. Retornar é o se, mas somente o ser do devir. O eterno retorno não faz o “mesmo” retornar, mas o retornar constitui o único Mesmo do que devem. Retornar é o devir-idêntico do próprio devir. Retornar é pois a única identidade, mas como potência segunda, a identidade da diferença, o idêntico que se diz do diferente, que gira em torno do diferente. Tal “identidade”, produzida pela diferença, é determinada como repetição. [4]

O taulou / kati no Kung Fu é como essa movimentação repetida que mais lembra uma dança do que propriamente uma luta. Talvez possa se dizer que essa é a *arte* do Kung Fu para além da pura marcialidade, ainda que cada movimento do taulou / kati, às vezes sem um significado aparente, leve ou descartável, venha a ser um movimento chave, sem exceção. Se falarmos em dança, é mais fácil relacionar a essa perspectiva da repetição ou do movimento repetitivo em vista de alcançar um movimento perfeito. Se conversarmos com Deleuze, concordaremos sobre um *presente vivo* que é a prática do taulou / kati, sobre esse plano onde as três instâncias do tempo (passado, presente e futuro), se complementam num mesmo corpo sensível e potente, que em seu movimento está para além da reflexão lógico efetiva, mas sim que se encontre contraído e produtor de sentido para si.

Ainda que os taulou / katis tenham por base um estilo (louva-a-deus, tigre, serpente), e se caracterizem justamente por sua proximidade com os elementos naturais que lhe dão nome – e por isso possam ser tomados como a *forma* a ser seguida na prática do Kung Fu, sua dinâmica visa um caráter concreto, uma vez que lide com o corpo, tanto do praticante quanto da *forma* a ser incorporada por ele. Pode-se tomar então o taulou / kati como teórico-

3. NIETZSCHE, 1990, P. 51
4. DELEUZE, 1988, p. 83

prático na medida em que se torna impossível a divisão concreta de sua dinâmica em ideal e concreto. O que é diferente, por exemplo, na prática educacional, onde o oferecimento de um problema requer quase sempre uma fórmula a ser aplicada em sua resolução? O que é diferente dessa raiz platônica recognitiva que fundamenta a educação ocidental? (Gallo, 2012) O que se aprende não é a utilidade da fórmula, mas sim ao modo como aplicá-la para resolver o problema mais rapidamente. E esse *modo de como aplicá-la* é a repetição.

E é por isso que resolvi trazer como auxilio a essa questão a prática do Kung Fu e o dinamismo do taulou / kati, ficando à sobra da pergunta: é possível produzir diferença na repetição no ambiente educacional? Creio que sim. Aliás, penso que isso já venha sendo feito, dos pontos de vista comuns de repetição sem diferença - como o velho reforço positivo e outras práticas clássicas de ensino. Mas, no mais das vezes, o que vemos com essa *repetição* e *diferença* clássicas são investimentos repetitivos que fundamentam – principalmente, uma ideia, e não uma prática.

O platonismo clássico pelo qual se trata a educação formal busca a Verdade Ideal e a coloca em prática – espelha o mundo a essa Verdade; busca fazer aquilo que *parece Ser* – e acaba por estatizar o mundo *mutável* e *perecível*. Busca imobilizar o movimento. Controlá-lo sobre o prisma dessa Verdade. Pois bem, façamos o seguinte então: Tornemos o que é, *parecer*. E sobre o prisma do exercício do *Eterno Retorno* (Nietzsche, 2001), invistamos no movimento como o dúplice caminho – o *Tao*[5] *do Movimento*: Libertário por um lado – o de permitir-se sentir a si mesmo; e Guia por outro – o de formador através das sensações produzidas por esse novo sentimento de si. Pois me parece que a univocidade contida no conceito do Eterno Retorno nietzschiano consiste não na univocidade do Eterno, mas sim nas muitas maneiras sobre as quais se pode vir a tratar esse Eterno (Retorno). Acaba então que essa univocidade, esse *Ser* conceitual do Eterno Retorno é um ser múltiplo, é movimento, e por isso, é a *diferença* mesma – quer, dizer qualquer diferença que seja produzida para além de um campo dualista, homogêneo, identitário, antonimizado. O pensar por si só pode não vir a produzir diferença – mas pensar sob o prisma de um imperativo do múltiplo, ou melhor, sob um constante exercício do movimento, que é o Eterno Retorno, talvez sim.

5. *Caminho* em Chinês

O *Retorno* nem sempre é um retorno no mesmo

Eterno Retorno

Possibilidade de encontros com *Problemas* (flexão)

Dos encontros com *Problemas*, um *Poder* (de) *Criar.*

Da criação, a (re) flexão.

- COMO OFERECER UM PROBLEMA QUE POSSIBILITE UM RETORNO QUE POSSA SE FAZER ETERNAMENTE CRIADOR DE NOVOS PROBLEMAS? –

- COMO NÃO PRATICAR A REFLEXÃO, MAS SIM A RE-FLEXÃO DA REALIDADE? O MOVIMENTO DE *ESTICAR E PUXAR*, O MOVIMENTAR CONCRETO DO CONCEITO, PARA ALÉM DO CAMPO PURAMENTE ABSTRATO? –

Para que esse movimento possa ocorrer, o movimento repetitivo enquanto (re) flexão do real, se faz necessário – da parte do Kung Fu, que é a base do movimento que quero flexionar – que este mesmo Kung Fu não seja mais uma moral nem um ideal, mas uma forma de experimentação e construção de si nas interações com o corpo, o espaço do corpo e o tempo onde este corpo se situa.

SOBRE A ARTE DE RESPIRAR – CHI KUNG E A TREINO DO YING

Existem no Kung Fu dinâmicas de exercícios baseados, principal, ou quase que unicamente, em movimentos respiratórios complexos, em que a soltura e a prisão do ar determinam fluxos de energia a serem descarregados ou assimilados. Não se quer tratar dessas dinâmicas como quem quer dizer que *o Kung Fu é incompleto sem exercícios de chi kung*. Mas essa é uma etapa importante ao que se tem pela totalidade da proposta dessa arte marcial. Ela é, poderíamos dividir assim, como a parte mais *teórica* da prática. Relaciono ao quesito teórico esse momento do treino por sua relação mais direta com o que, no Kung Fu, chamamos de *interno* – respiração, hábitos alimentares, meditação. Não que não se trabalhe o corpo, pelo contrário, trabalha-se bastante. Mas as atenções a músculos e movimentos bem específicos são bem mais pontuais – a exemplo disso tem-se a respiração abdominal, semelhante à yoga, onde o movimento de enchimento e esvaziamento se dará mais na região do baixo ventre do que propriamente na área do peito correspondente aos pulmões, a fim que procurar estimular o fluxo de energia do ponto *tan tien* (o centro de energia do corpo), localizado três dedos abaixo do umbigo. Com a estimulação desse ponto é possível o estimulo dos demais meridianos do corpo e assim um maior fluxo de energia *chi*. É contraindo esse ponto que temos a sensação de aumento de peso e enrijecimento, por exemplo, em brincadeiras de pegar no colo e afins. Pela base das sabedorias do Ying/Yang, princípio do equilíbrio de muitas filosofias do oriente, esse *chi*, essa energia que não vemos, mas que é da mesma natureza do universo e por isso também da nossa, representa uma potência que quando bem direcionada pode curar doenças ou quebrar estruturas. É a *força* dos clássicos Jedi, personagens protagonistas da série de filmes "Star Wars".

No entanto, ainda que resumidamente posto, uma dinâmica de controle e direcionamento do *chi* não é algo a ser levado por simples. O uso inocente dessa energia com pouco treino ou um treino leviano pode acarretar problemas à saúde, por lidar com estruturas que o próprio Kung Fu não explica, ainda que a ciência venha pincelando aos poucos suas entradas nessa metafísica. De fato os treinos são árduos, quase tão pesados quanto os treinamentos do corpo. E o envolvimento com a concentração em função dos movimentos respiratórios é ainda mais dificultoso. Não basta apenas sair respirando de outra forma, mas fazer isso e questionar o motivo desse movimento ao mesmo tempo em que esse mesmo movimento produz marcas no corpo.

Depois desse "aprender" a respirar, o exercício do *chi kung* se transforma num fazer eterno, numa potência infinita, ainda que cada fim de exercício seja um fim, cada exercício que segue vem a se mostrar diferente. E esse *Eterno Retorno* (Nietzsche, 2001) do exercício num corpo que é sempre o mesmo e que deixa de ser si mesmo ao mesmo tempo para transmutar num novo, é o exercício de um fazer-se diário, onde essa energia *chi* deixará de ser mais um exercício respiratório, uma vez que essa respiração venha a se compor como

um movimento absolutamente natural, após muito treino e concentração, e passará a ser um lugar comum, onde se aprende que a energia *chi*, por estar presente em tudo, pode ser compartilhada e direcionada. Esse é o momento em que o praticante do Kung Fu que apreende as dinâmicas do *chi kung* não irá apenas falar sobre uma energia capaz de curar doenças e quebrar estruturas, mas o próprio praticante, por ter lidado consigo nos treinos, ter curado as próprias doenças e abalado as próprias estruturas, passa a ser responsável por um saber poderoso, transformador.

> A prática do Taiji quan (***e daí o Chi Kung***),[6]constitui uma espécie de espaço de mudança: o sujeito "desconstrói" seu modo de investimento relacional no mundo para elaborar outro a partir da maturação de condutas imitativas[7].

O *chi kung* é uma educação do Ying. Uma educação desse eterno receptivo da filosofia oriental, uma educação do acolhimento e da compreensão, do cuidado e da sensibilidade. Um prostrar-se fora de si e um contemplar-se a si mesmo em meio a um mundo que se busca transformar. Por ser um movimento interno lida com entranhas, com profundidades. Educar o ying pode representar uma educação à recepção do outro, de outros, *mundos outros.* Educar o ying é produzir subjetividade, e vir a traçar o caminho que foi o tornar-se aquilo que se é.

Vazio é forma...

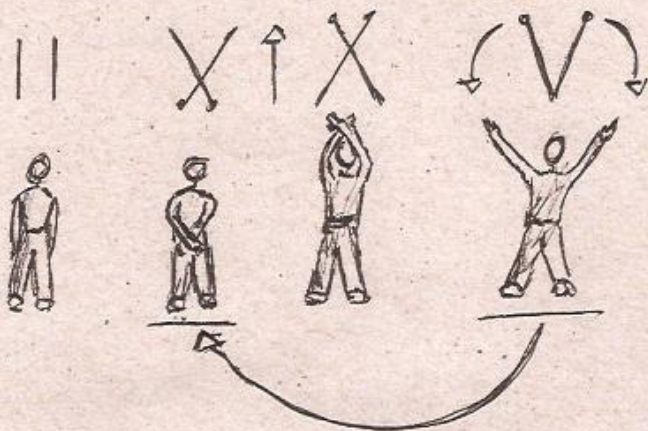
Mas dizer tudo isso da respiração no treino de Kung Fu pode nos parecer palavras soltas nessa dissertação, à medida que nos focamos apenas na dinâmica do próprio Kung Fu. E por isso me propus a dividir este momento da dissertação em *Ying* e *Yang*, *Chi Kung* e *calejamento*, *interno* e *externo* – e por isso também relacionei o *Chi Kung* à esfera teórica do Kung Fu, por envolver-se com o interno, principalmente: para que possamos construir uma ponte de problematização a esse campo de conhecimento, a saber, a teoria, o pensamento, a reflexão, a contemplação – e daí podermos pensar uma diferença na repetição por um viés mais enraizado, ainda que estejamos buscando um caminho rizomático – gosto sempre de relacionar essa dualidade à Yggdrasil, a Árvore do Universo da mitologia nórdica, que ainda que apresente suas raízes fixas nos domínios de Hell, estende seus ramos pelos outros oito mundos distribuídos no cosmos.

Enfim, o que gostaria de pensar aqui seria o seguinte: de que maneira aprendemos (ou apreendemos) os conhecimentos que nos são passados e como estes passam a compor, ainda que internos, nossos hábitos físicos e nosso comportamento sensível? Para falarmos na linguagem que intitula este subcapítulo, como aprendemos a respirar? Como respiramos de outras formas? Até onde percebemos que nossa respiração está presente por trás de qualquer movimento corporal que façamos?

Mas vamos mais fundo ao que se refere à teoria, pensamento. Fique parado, o

6. O grifo é meu
7. LE BOULLUEC, In: DESPEUX, 1991, p.262.

máximo que puder. Sinta apenas a própria respiração. Conseguiu fazer isso? Não? Siga tentando. Quando perceber a relação direta entre a sua inspiração e o enchimento do seu peito, bem como a expiração e o esvaziamento do seu peito, aí então vamos ao próximo passo. Ao perceber as relações entre os movimentos do peito e a respiração, tranque-a. Nesse curto momento em que sua respiração está presa, tente mudar o movimento do seu corpo baseado na mesma respiração. Explico como: agora, em vez de movimentar o peito durante as expirações e inspirações, guie o ar até o ponto mais baixo possível do seu tórax - até o abdome ou o diafragma. Conseguiu? Não? Siga tentando. Sim? Vai seguir a vida agora. Caminhar, ir à padaria, trocar uma ideia na esquina mais próxima. Volte depois. Ah, não se esqueça de manter-se sob essa nova respiração enquanto faz tudo isso, ok? Garanto que não conseguiu terminar de ler a última passagem sem voltar à respiração torácica, estou certo? Diga-me, você já reparou em como é a respiração dos bebês? Ou dos animais? Percebeu que o peito deles se move muito pouco - ou nem se move - ao respirarem?

O que vem a ser um animal, se não a ligação mais próxima que ainda temos de algo *puro* num sentido de não afetados pelas mundialidades como: acorda cedo, faz o café, pega o ônibus, abre o caixa, atende, almoça, sorri, assiste TV, vai ao supermercado, sorri, chega em casa em segurança, prepara o jantar, sorri, lava a louça do café da manhã antes disso, sorri, lave a louça do jantar, tome banho, estude, leia seu guia de bom vendedor, atualize-se, sorria, vá dormir, acorda cedo... E um bebê, não é para nós um exemplo do mais próximo que temos de um nervo exposto frente uma realidade totalmente diferente de si?

八段锦
(shang)
Tan T'ien
superior
下丹田
consciência/
mente
Tan T'ien
mediano (zhōng)
中丹田
respiração e
saúde dos órgãos
internos
Tan T'ien
inferior (xià)
上丹田
energia física/vitalidade

SOBRE A ARTE DE SUPORTAR – CALEJAMENTO E A EDUCAÇÃO DO YANG

Para que consigamos ter presente a importância do exercício de calejamento na prática do Kung Fu, precisamos lembrar o símbolo de respeito dessa arte marcial, como vimos anteriormente[8]. Isso estando presente, pensemos na realidade da luta. O oponente é aquele que nos fere, e nessa relação, ferimos também, pois somos oponentes de outrem. Agora, pensemos na realidade do nosso mundo, no dia-a-dia (uma vez que o Kung Fu represente também uma prática de vida). Este mundo e tudo que por ele é contemplado, nos *afecta* de alguma maneira – e fazemos o mesmo, ainda que não percebamos o decorrer desse processo, desse *Eterno Retorno* (Nietzsche, 2001). É claro que talvez isso pareça dar muito crédito ao Kung Fu – no sentido de pensá-lo como um meio *do Bem* – digamos assim, por enquanto. Mas essa credibilidade é necessária ao que me forma enquanto praticante dessa arte e enquanto escritor dessa dissertação. A dinâmica está por vir. Talvez me decepcione, talvez não. E esse será o movimento possível de ser produzido também em mim no decorrer do processo.

O calejamento é um exercício presente em toda arte marcial, com alguns diferenciais, mas significa basicamente uma forma de resistência. No Kung Fu, essa resistência se refere ao revestimento do corpo por uma espécie de barreira criada por esse próprio corpo que sofre impactos diários em exercícios específicos. Por exemplo, para que o praticante possa ser mais resistente a socos nas costelas durante uma luta, ele sofre por um longo período de tempo, durante os treinos, com socos e chutes nas costelas, inicialmente em impactos leves que vão se intensificando à medida que a resistência aumenta. E assim funcionam todos os exercícios de calejamento. Para as pernas, impactos nas canelas e regiões interna e externa das coxas. Abdome e costelas, socos e chutes. Peito, antebraços, o mesmo. Inicialmente são exercícios praticados com alguém que possua um tempo próximo de treino que o nosso, para que se consiga, um e outro, acompanhar os crescimentos e desenvolvimentos dessa habilidade em tempos semelhantes. Na medida em que se tornam mais intensos os treinos, a prática passa a ser em objetos maciços, d'onde se utiliza a própria força para calcular o quão desenvolvida está esta habilidade.

Este é também um exercício doloroso, de um sofrimento diferente do *Chi Kung*, pois agora nos referimos mais diretamente ao aspecto físico concreto do sujeito que pratica, enquanto o anterior – ainda que reflita práticas concretas – seja mais ligado a uma prática espiritual compreendida no processo da respiração. Claro, cabe lembrar que, assim como o *Chi Kung* produz alguma diferença na referência do praticante ao aspecto concreto de si e seu corpo, a prática do calejamento também produz movimento em seu aspecto espiritual, onde a reflexão ocorrerá do modo como se dá a prática.

Mas uma prática de Kung Fu, como uma prática de vida criativo-artística para além do ensino de luta, remete toda e qualquer ação de treino em retorno ao mundo da vida,

8. Especificamente na página 5.

necessariamente – pois *treinar* (repetir), lida com aspectos práticos da vida.

> Uma tradução literal para ***Kung Fu*** (...) seria “trabalho humano”, ou seja, toda e qualquer habilidade – não apenas marcial – adquirida ao longo do tempo, com esforço, disciplina e perseverança[9].

Do *Chi Kung* e o treino da respiração, concentração, quietude, *não-ação*, a construção de uma abertura espiritual e uma receptividade ao que nos é imposto diariamente. A prática da *não-ação* compreende a prática do não-julgar. Que por sua vez compreende uma frenagem no processo reflexivo da vontade, sem necessariamente privar a potência de si sobre a ação de determinado acontecimento, mas a possibilidade de agir com uma atitude diferente do mero ação-reação. Daí a transformação, daí o devir-água – não expulsar ou negar a partir de um julgamento prévio, mas permitir à natureza daquilo que nos afecta de submergir em nós mesmos – se nos completa, nosso nível sobe (uma vez que venhamos a ser água), se nos fere, ainda assim nos completa de certa maneira.

> A bondade suprema é como a água; A virtude da água é que ela beneficia todas as coisas, sem gerar conflitos; Permanece nos lugares mais baixos, que todo homem desdenha e é, por isso, que ela está mais próxima do Tao (...) [10].

Do calejamento e dos intensos impactos no corpo, do contato que nos produz dor direta e intensamente, a possibilidade de suportar os ataques que nos são inferidos diariamente – suportar no lugar onde estes ataques ocorrem concretamente, no corpo, na carne, nos ossos. Encontrões de ombros numa caminhada na rua podem gerar universalidades sobre a natureza individual de quem o sofreu, o provocou. Empurrões podem ser os divisores entre Bem e Mal: As paixões habitam o corpo - são aquilo que estão na superfície do corpo, o que vem primeiro, o sentimento, o susto.[11]O julgamento *funciona* como uma espécie de mecanismo de defesa a qualquer elemento que pareça prejudicial de alguma maneira, ou que represente hostilidade. O calejamento se aproxima de um contrato social para que estas possam existir sem que a explosão de uma interfira no espaço da outra.

Desses movimentos, de treino sobre calma e resistência, a prática do Kung Fu inverte a lógica tradicional d’onde se opta, teleologicamente, por um princípio positivo (*positivista*). Cada treino é um. Um momento, um espaço. Um fim em si mesmo. Isso permite com que não se crie disputas desnecessárias e medidas de força. Dessa univocidade de cada treino, o seu fim último será aquilo que de negativo se pode alcançar. Não se buscará a perfeição

---

9. ACEVEDO, GUTIÉRREZ, CHEUNG, 2011, p. 14.

10. TSÉ, 2007, p. 25

11. Em grego, θαυμαζειη – admirar-se, espantar-se. Ainda que seja referente a uma admiração num sentido cognoscível, segundo o quer Platão em seu Teeteto, gostaria aqui de usar esse conceito em relação àquilo que poder ser criado a partir das interações entre os corpos, como no exemplo. Interações físicas, concretas – ora, uma vez que tenha apresentado Zaratustra e sua noção de *grande sabedoria,* nada mais fiel à ironia socrática do que ironizar como aquele conhecido como o antigo irônico dos filósofos.

dos *taulous*, mas sim suas falhas e erros de aplicação. Vistos esses erros num momento e não os repetindo, mas sim os aperfeiçoando, cada nova prática que busque novos erros será um passo mais próximo de uma possível perfeição. Velocidade, postura e expressão. Essas são as características básicas de um *taulou* bem executado. Cada momento é um, quer dizer que em cada próximo se está passível de errar. A cada nova possibilidade de erro, sua lembrança. Tornar o sentimento de busca do erro e o que fazer após isso é buscar o negativo de si. Na busca desse negativo de si, busca-se a perfeição.

Kung Fu representa um olhar para si, perceber a si mesmo e as próprias ações. É sentir e olhar o mundo, sentir e olhar de que forma o mundo nos afecta e por nós é afectado. Kung Fu é praticar um olhar negativo na busca de si para alcançar o equilíbrio.[12] Mas é claro, nem todos estão dispostos a matar deus e levantar *o mais pesado dos pesos*[13] para isso.

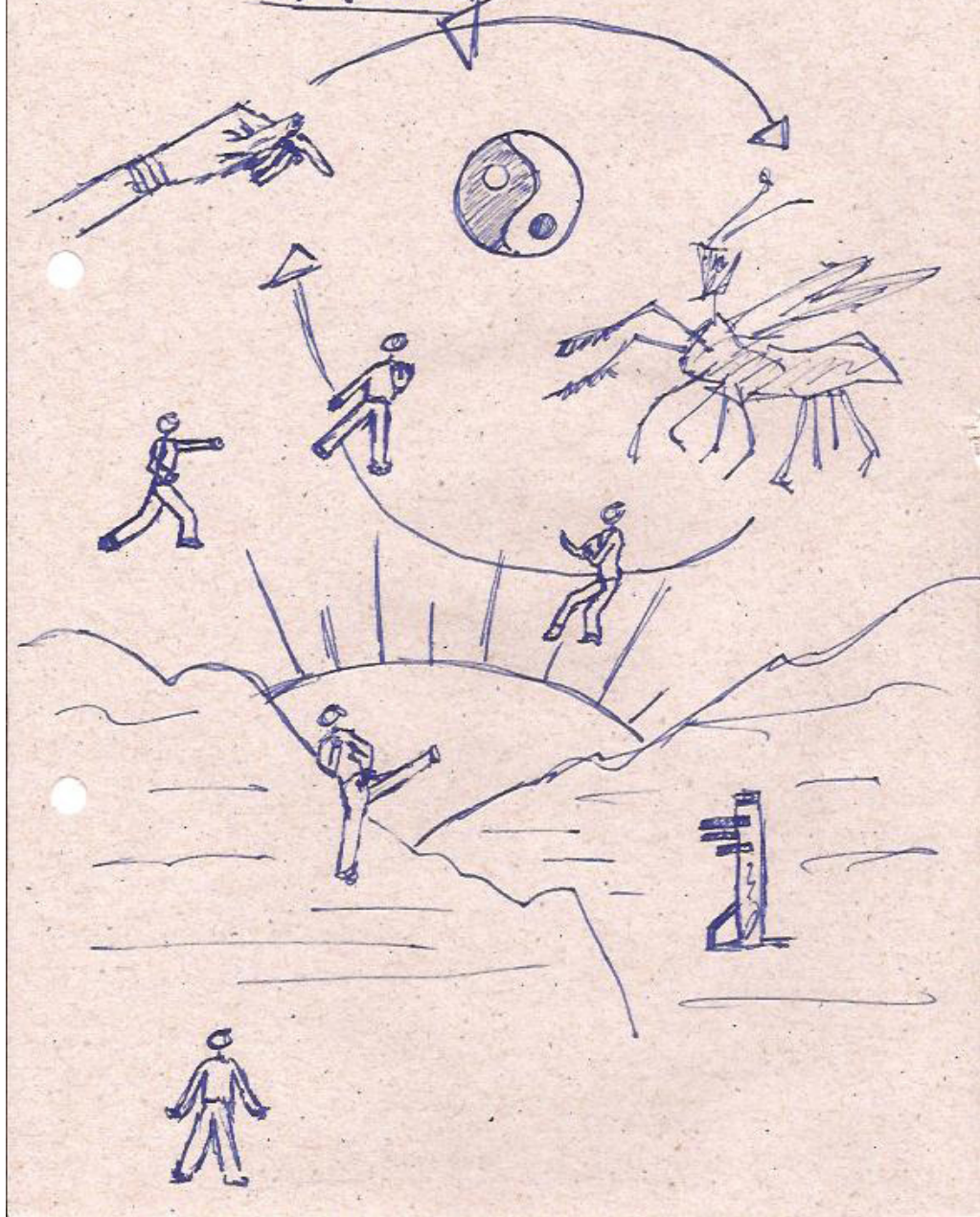
O que se quer problematizar a partir do Kung Fu é essa percepção de mundo possível a partir de um regramento do corpo que supere o grau da pura repetição – mais que isso, quer se problematizar como é possível que essa percepção de mundo se potencialize no sujeito. É algo natural? Fruto da exaustão da repetição? É algo inédito e imperceptível? Como lidar com essas indagações é algo delicado a ser tratado, pois lidam com fatores que estão muito além de um simples estudo de causa e efeito da dinâmica, ou os valores de sua validade e grau de aplicabilidade. Não. Não se quer dizer que a prática da arte marcial, gerará pessoas *boas*, melhores. Nem se quer instigar o leitor às práticas. A proposta é de outra esfera, não a da representação do que possa vir a ser bom ou mau na prática da arte marcial, mas a da experimentação dos modos de se fazer a si mesmo a partir dessa prática, pensando-a para além de um condicionamento físico, ainda que a mecânica do corpo seja o fundamento da pesquisa. Como esse mecanicismo interfere nas próprias relações com esse corpo? E com o mundo ao qual esse corpo pertence? Quando é condicionado? Como esse corpo reage dos treinos ao próprio mundo? E como o mundo ao qual esse corpo pertence é atingido por suas práticas?

---

12. PARKER, 1963, p. 230 – do subtítulo *Testes de Aceitação* – onde são apresentadas diversas dissertivas negativas para que o professor conheça a *conduta* ou *caráter* do aluno a ser ensinado (de acordo com as artes marciais tradicionais chinesas).

13. Nietzsche, 2001.

educação do yin
Chi Kung
Calejamento
太極螳螂門
educação do yang

Mon
Peng

GUNG LIHK KUN (功力拳) – "FORÇA DO PUNHO HABILIDOSO"

Parece que, desde o início desta pesquisa, ou até mesmo desde o primeiro pensamento sobre essa pesquisa, à medida que esta começou a tomar corpo e assumir sua autonomia, passou a escolher seu próprio rumo – de maneira que algumas vezes durante essa prática eu venha a me relacionar mais como um amigo em discussão sobre um tema do que propriamente aquele que a idealizou. Pois, após minha reflexão sobre a temática em meu universo individual, no momento de colocar as ideias no papel, essa relação se torna mais pontual, mais perceptível. Venho a perceber que, enquanto apresento minhas ideias ao que já foi escrito, encontro paredões que me geram mais reflexões. E foi há pouco tempo que percebi que esses paredões não são empecilhos, barreiras. São desafios. O desafio de enfrentá-los e escalá-los, para que, estando sobre eles, possa ver mais ao longe. E a escrita passa a conversar comigo, de modo que eu possa vir a ser seu espectador, ansioso pelo que mais ela pode me oferecer.

Desde sua *formulação* (deixemos assim, inicialmente), acreditei que a reflexão a respeito de como as ferramentas e dispositivos de poder refletem o ambiente educacional fosse uma temática unilateral de extrema importância.

Mas adentrando mais no ambiente da temática a ser tratada, quer dizer, das relações presentes no ambiente educacional acadêmico, e nas relações que dela podem vir a ser percebidas, na tentativa de levantar aquela pesada *lupa do sensível*, que facilmente pode ser deixada cair em vista de seu peso e suas trágicas amostras sobre as pequenezas das coisas, me deparei com o seguinte problema: meu referencial teórico é composto por autores das filosofias da diferença, e o que quero tratar reflete quase que sempre a expressão "argumento de autoridade" (quer dizer, se tratando as dinâmicas do Kung Fu). E essa percepção, devo dizer, surgiu após uma longa conversa com a escrita, d'onde a cada importância apresentada sobre o "como" de se tratar o aprendizado com os alunos, se seguia de "quem" em relação àquele responsável por pensar e prostra-se numa realidade cronológica e conceitual anterior à deles. E concordamos então, minha escrita e eu, de que há a necessidade política de situar esse problema na discussão, uma vez que estejamos lidando com a realidade de um mundo, e daí me refiro ao *mundo nosso de cada dia... -* o meu mundo particular, minhas leituras, meus anseios, meu trabalho além da sala de aula; bem como o mundo particular dos alunos, seus anseios, críticas, opiniões, formações, gostos; além dos apontamentos feitos ao macrocosmos no qual nos situamos, as grandes estruturas de poder e suas diretivas às nossas ações, a saber, a instituição de ensino onde ocorrem nossos encontros e suas *moralidades* burocraticamente instituídas, a macropolítica que determina os rumos a serem tomados nesse meio, a pesquisa-extensão necessária a uma instituição de ensino superior como o IFSul-Pelotas. Possibilitar o diálogo entre esses três fatores que formam o ambiente da sala de aula: o macrocosmo, a relação com o outro e a formação de si. Quer dizer, como *funciona* essa nossa formação pessoal (ética, política

e estética) nesse meio? O que ocorre conosco nesse processo? Como se dão nossas relações? Como se fundamentam nossas *verdades*?

Disso, falemos então da relação não mais dúplice entre professor-aluno. Falemos das relações: professor – aluno – mundo -ser-jogado – mundo do professor – mundo do aluno – mundo da vida – política – ética -... e o que mais essa minha nova amiga e eu possamos compartilhar.

Há alguns dias venho pensando sobre o nome e a dinâmica de uma das muitas técnicas presente no leque do estilo Louva-a-deus de Kung Fu – Kung Li Kiu[14]. Numa tradução direta, "força do punho habilidoso".

> A palavra ***quan*** ("punho") supõe, portanto, a ideia de domínio e poder, mas também de medida, de avaliação. Chen Pinsan dá a seguinte explicação: "o termo ***Kiu*** ("punho") significa 'avaliar', pois é pelo punho que avaliamos a leveza ou o peso das coisas. Os princípios do Taiji quan têm, decerto, suas raízes no conceito de Taiji, mas sua utilização é inseparável dos dois punhos. Todo o corpo humano, de alto a baixo, é um Taiji, todo o corpo humano, de alto a baixo, é um ***quan***. Urge, pois, não ver no termo ***quan*** unicamente o sentido do punho." Assim, é preciso ver nele a ideia de concentração, de força enrolada: a força do universo contida na mão[15].

Ainda lembro-me de quando essa técnica me foi ensinada. Das palavras do professor:

> - "... os movimentos são suaves; firmes no fim de cada um, sem ser duro".

Lembrei-me de ter lido a respeito da dinâmica do movimento em Rudolf Laban (1978).

> Descobriu-se que as atitudes corporais, durante o movimento, são determinadas por duas formas principais de ação. Uma dessas formas flui do centro do corpo para fora, enquanto que a outra vem da periferia do espaço que circunda o corpo, em direção ao centro do corpo. As duas ações que fundamentam estes movimentos são as de "recolher" e de "espalhar"

COMO!? QUE LOUCURA ERA ESSA? UM MOVIMENTO DO CORPO, SUAVE E FIRME?!

O professor executou a técnica. Inacreditável, à primeira visão. Impossível à primeira tentativa. Cansativo, suado, desgastante, doloroso à 14ª repetição. E o tempo do treino chegou ao fim.

> - Até quarta, professor. Preciso pegar o ônibus para casa, almoçar, tomar banho e ir trabalhar. Obrigado.

14. Ou Gong Li Quan.
15. DESPEUX, 1991, p. 101

A vida seguiu, normal. Dois dias depois, treino. Outra vez, a cabeça e o corpo não "entendiam" como combinar para que a técnica pudesse ser executada. Ao chegar à casa do professor, aceitei o convite a uma xícara de café.

- "Quer açúcar?"

- Sim, obrigado.

Duas colheres de açúcar. Movimento horário. Pequeno moinho formado no interior da xícara. Como de costume, o último movimento, anti-horário. De alguma forma sempre achei que ao fazer isso, iria misturar melhor. Era isso! A quebra do fluxo produz uma erosão, tal como um banco de areia contra uma corrente de água!

E a técnica.

1 – fluxo, quebra;

2 – kemase, fluxo, quebra,

3 – tansama, fluxo, quebra (direita, esquerda, ambas).

...

O movimento, foi. A técnica fluiu, suave e firme, compassada, mas veloz o suficiente para que esse compasso não tivesse ênfase. A possibilidade de harmonia. No meu corpo. Num primeiro momento, inacreditável, depois, impossível. Estava em mim. Era eu. Sou. Estou sendo. Um movimento refletido, copiado, reproduzido. Mas ainda assim, meu agora, de certa forma, do meu movimento, do meu olhar, do meu sentido. Minha apropriação. Do meu dia-a-dia. De misturar o açúcar no café.

Essa é a história de quando comecei a pensar o Kung Fu no fluxo que segue o movimento formador escolar. A possibilidade de um movimento diferente, que aproveite o anterior e que possa vir a produzir diferença a partir daí. Ora, um rio é responsável pela formação de suas margens, e não o contrário, *certo*?

Já não nos parece, então, hoje, justamente o contrário? Quer dizer, a instituição enquanto dispositivo de poder já não nos parece mais uma barragem burocrática? Conceitual, linguística, estrutural, daquele primeiro que parecia ser constante, integralmente existente? A dinâmica institucional já não parece uma dinâmica direcionada. Pensemos o macrocosmo! Uma mecânica? Pré-determinada? Mero reflexo, instituído pelas mais variadas formas de currículos impostos, não deliberados. Duros. Encarceradores de corpos, formadores de mentes passivas a comandarem corpos potentes, apagados pela primazia de uma moralidade ilusória. Uma técnica exigida, não questionada ou subjetivada, mas reproduzida de sua maneira mais crua.

O que vem a ser essa dinâmica no Kung Fu? O que vem a ser a/uma educação? Ela é? Está e/ou continuará sendo? Até que ponto a "força do punho habilidoso" pode oferecer uma quebra à lógica formal/institucional? É necessário calejamento, pois essa estrutura é

rígida e de um ataque violentíssimo. É necessário treino. Essas represas privam o fluxo, *dizem* o Tao, direcionam as águas. No entanto, ao mesmo tempo em que se enfrenta esse dispositivo de formação, não se pode simplesmente oferecer um contrário à sua lógica. Talvez não deva existir necessariamente uma lógica contrária, mas um *feeling*, uma *prudência*[16], se se quer falar filosoficamente. Não! Esse treino não pode ser conflitivo, mas assimilativo, talvez – uma vez que se seja água, "não repudiar, mas abraçar a tudo", assim, penso eu, fala a água àquele que deseja aprender sobre ela. Existe inclusive uma forma de treino baseado em práticas do Tai Chi que lida com essa "troca" de energias. A base desse treino é quase que unicamente "sentir para prever, sem precisar ver" o movimento que vem de encontro.

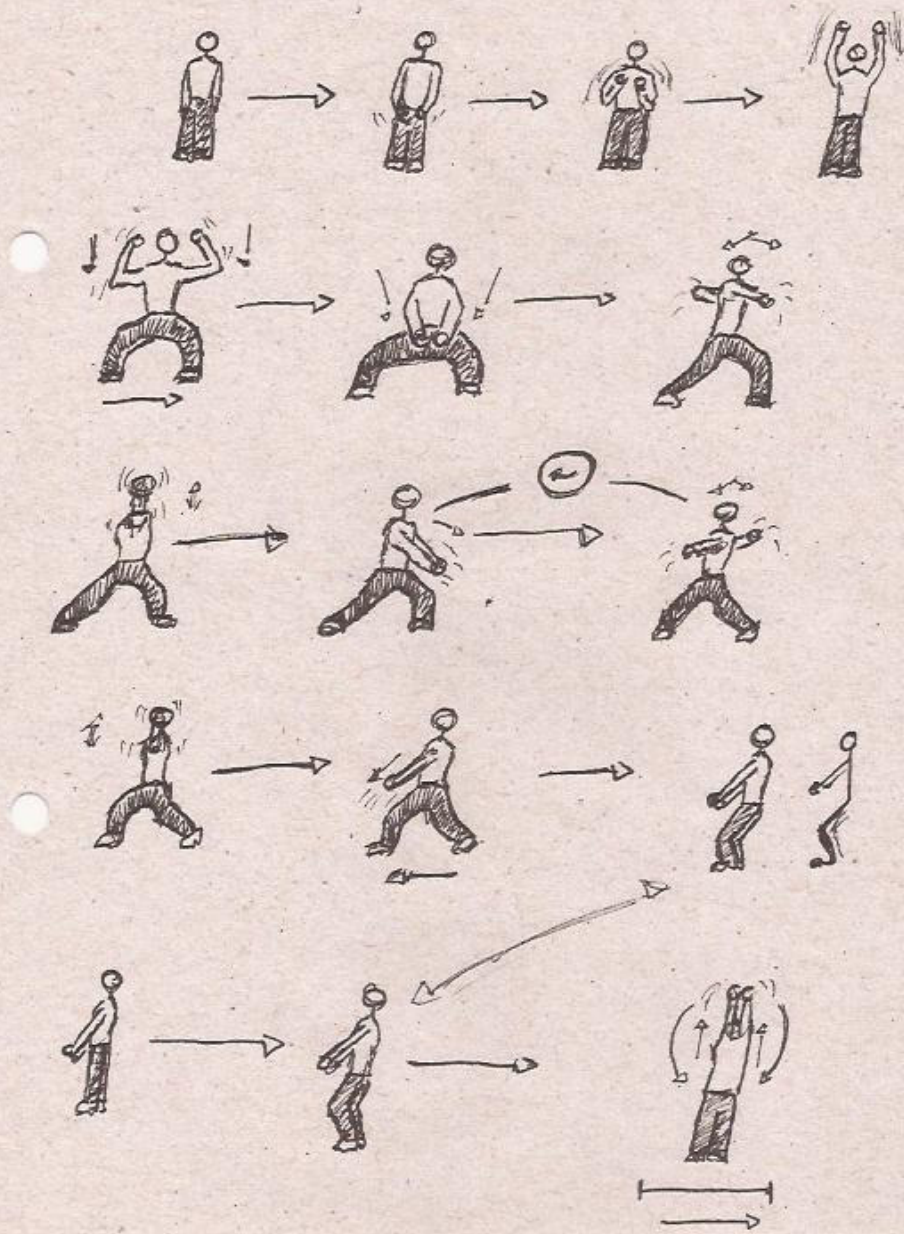
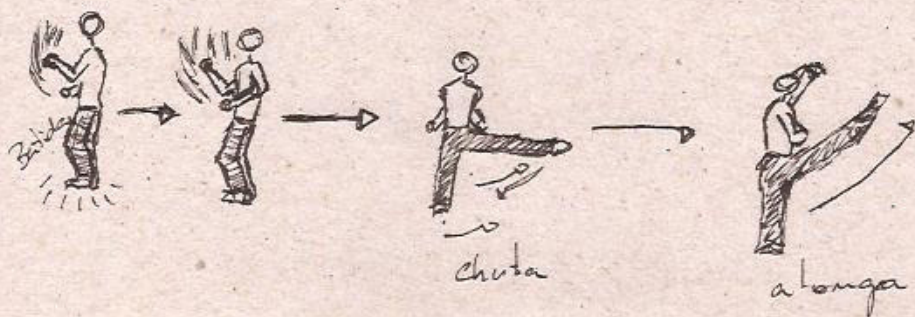
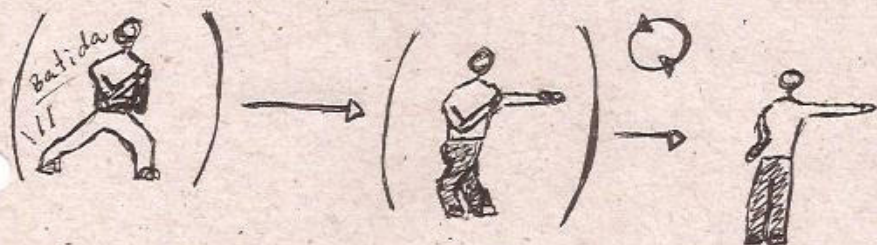
Daí, de um primeiro toque entre pulsos e trocas de empurrões suaves e firmes, ligar-se ao movimento oposto de maneira a encontrar-se a si mesmo, à própria forma que é refletida no movimento do outro, sem ocorrer a desconexão entre os corpos, aplicando as técnicas arduamente treinadas, sem deixar de lado a harmonia entre esses corpos, mas justamente produzindo um fluxo cada vez mais intenso através desse encontro de forças.

Cuidado! Não são forças contrárias! E isso é de maneira geral. Não são formas contrárias as práticas do Kung Fu em relação aos corpos; nem da escola na relação professor/aluno; currículo/instituição; política/ideais; belo/horrível.

Da sabedoria do Tao, trata-se do aglomerado de forças da realidade como um fluxo contínuo, não necessariamente de embates, mas combinações e encontros. Cada margem desse rio, um *amor fati*. Da tragédia existencial, movimentos outros, cada qual com sua potencialidade, para muito além da significação imposta pela ilusória pretensão de uma racionalidade metafísica. Esse rio é o que é real.

16. ROLNIK, 2016, p. 69

功力拳
1ª parte

2ª parte
Batida
Batida
chuta
alonga

TÁN TUI (彈腿) – “PERNAS ELÁSTICAS”

> Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.
>
> Zaratustra – Das Três Metamorfoses do Espírito

Ora, uma vez que se esteja problematizando a educação, uma maneira outra de se oferecer a vista de algo pode abrir um leque imenso de possibilidades interpretativas – como nesse caso é o oferecimento de elementos conceituais e práticas da arte marcial do Kung Fu como um modo de experimentação e aproximação de conceitos a serem tratados em sala de aula, como ocorreram com as experimentações na disciplina de Estética do curso de Design do IFSUL-Pelotas. E é por esse caminho que se pretende seguir, através de costuras que possibilitem o engajamento conceitual e prático das forças que compõe essa arte marcial que é o Kung Fu**.** Para tanto, deixemos um pouco de lado o “como” da prática, sem perder de vista sua total importância frente ao todo que a compõe.

Kung Fu pode ser teatro. Mas é algo mais que isso também. Kung Fu pode ser dança, mas é algo mais que isso também. Kung Fu pode ser luta, mas é algo mais que isso também. E esse “mais que isso” talvez possa ser tomado por uma noção completamente diversificada do que tomaremos aqui por uma construção de um *espaço-corpo*, uma maneira de construção de si completamente voltada aos limites e superações do campo físico componente da individualidade do sujeito, que pode vir a refletir em seus universos mentais, espirituais, coletivos, político e éticos.

Kung Fu pode ser teatro na medida em que o praticante constrói seu papel na prática do treino e ela reflete um comportamento na vida para além do palco; pode ser teatro na medida em que se torna possível uma expressividade que, durante o treino é indispensável à aplicação correta dos movimentos, mas que ao passo que é repetida, se torna natural nas feições daquele que a pratica.

Kung Fu pode ser dança na medida em que a necessidade de repetição e o compasso tornem-se ações educadoras para além do campo disciplinar autômato, mas que possam vir a gerar questões sobre si mesmo enquanto sujeito que repete ações e o que elas representam para si durante as dinâmicas – daí é possível o retorno reflexivo ao meio coletivo pelo mesmo viés.

Desses elementos, o processo será o de desacomodar a realidade tal como ela se nos apresenta. Ora, não nos parece que, por vezes, apenas um movimento que não esteja de acordo com nossa rotina diária já causa certo desconforto – a sensação de que algo está *errado*. E isso nem exige um esforço crítico reflexivo sobre si, necessariamente. O que se dirá sobre uma perspectiva de mundo ou estilo de vida diferente? De uma dedicação de si para si? Do encontro de tantos elementos? Da *teatralização* e do *compasso* do Kung Fu? Dos temas de aula? Das produções? Dos conceitos?

Da proposta de investimento em experimentações com a prática do Kung Fu na escola, se mostram duas faces: de um lado, a ideia é interessante por oferecer algo além daquele *mais do mesmo* que pode vir a ser o ambiente desse ensino – acadêmico, abstrato, *erudito*; por outro lado, uma proposta problemática pelo mesmo motivo. Mas por que uma instituição de ensino superior, pública (tratada por vezes como *escola* por seu *thelos* semelhante, a saber, o local onde se educa, se forma, se adquire saber), como campo investigativo? Primeiro, devido ao olhar preocupado da pesquisa sobre a educação; depois, por se reconhecer o lugar que essa instituição ocupa no *corpus* social como *o lugar do conhecimento*; e terceiro, por ser possível perceber uma estrutura de relações de poder que podem auxiliar na construção de um conhecimento.

Ora, um diferencial abala uma estrutura de poder? Negativa ou positivamente, a experimentação dirá (e desse dizer muito mais pode vir a ser produzido além da positividade ou negatividade possíveis dessa experiência). Se sim, até onde esse abalo pode representar uma reflexão de mundo para além do mero reflexo? Mas para além desse *sim* e *não*, como se dá a interação dessas experimentações no corpo do aluno, desde o corpo curricular até o corpo físico da instituição de ensino e os corpos escolarizados?

Chegamos, a escrita e eu, à conclusão que esse aspecto pontual da sala de aula – do repouso dos corpos -, e também da própria academia de Kung Fu – que apesar de investir no movimento dos corpos, parece esquecer que o movimento nunca é um movimento por si mesmo, mas que se relaciona com o corpo, o ambiente e os corpos dali-, esses dois lugares parecem ser ambientes interessantes de proposta a experimentações – d'onde será possível mais adiante questionar as possíveis produções de *diferença* em seus aspectos éticos-estéticos-políticos.

Daqui, cabem alguns esclarecimentos.

Tem sido realmente bastante difícil registrar minhas experiências, escrever a dissertação. De certa forma me parece que quando leio minha experiência, seja lá quando for, quando a vejo para além de mim mesmo, no meu corpo, a vejo aos poucos se tornando opaca, e a própria leitura aos poucos se desbota. Já me sugeriram gravar vídeos, imagens, som, desenhos, escritas... Nada alcança, nada dá conta, sempre a mesma história. Bem, mas vamos primeiro ao porque de eu estar dizendo isso.

Há cerca de 10 semanas, iniciei meu estágio de docente em uma turma de graduação em Design no Instituto Federal Sul Rio-Grandense. Até então, os parágrafos anteriores não estavam fechados – apenas compostos por ideias e anseios. Desde o início da pesquisa relacionada ao Kung Fu e à Educação, sugeri, esperei, busquei e ansiei por experiências concretas em sala de aula. Num primeiro momento, em uma sala de aula de ensino básico. Até dez alunos. Apresentando aulas de Kung Fu. Incluindo mais dados ao que parecia mais um "como dar uma boa aula de Kung Fu" do que uma problemática sobre o que se está fazendo com essa prática.

Mas entre conversas, horários, ideias, impulsos, das conversas com Alberto, meu orientador, a meu pedido e pelo apoio dele resolvi estagiar no curso de bacharelado em Design, na disciplina de Estética do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Campus Pelotas.

Vejamos então, de uma turma idealiza, de dez alunos de ensino básico, onde minha segurança estaria *definida* pela figura do professor mais velho, aquela velha figura de poder, me vi numa sala de faculdade com dezenove rostos da minha idade, alguns mais jovens, outros mais velhos, tendo de tratar de temas relativamente complexos (como são os conceitos e, meu deus, como são os conceitos *em Filosofia* – parece que esse último termo eleva qualquer dificuldade à enésima potência). E enquanto isso ocorria de um lado, do outro eu ainda pensava em tratar de experimentações dentro da própria academia de Kung Fu, com os colegas de lá, buscando algum acontecimento mirabolante que mudasse a escrita e finalmente desse aquele tom de *era exatamente isso que eu queria dizer e dessa forma*.

E iniciaram as aulas, e o professorzinho padrão chegou, com sua barbinha feita, pincel atômico, folhas a serem distribuídas a fim de que todos pudessem acompanhar as discussões (já supondo que haveriam discussões). E assim foram uma, duas, três aulas... Padrão. Ora, mas não era justamente por isso que eu ansiava? Uma sala de aula? Talvez tenha mudado um pouco o cenário, mas o ambiente está aí, e eu estou jogado nele. Mas, não posso dar aulas de Kung Fu. Preciso dar aulas de Estética.

Enquanto isso, na academia de Kung Fu, buscando auxiliar os treinos dos demais, além do meu aperfeiçoamento pessoal, sugeri um encontro (a quem se interessasse), antes de cada treino, para repassarmos técnicas e trocarmos ideias sobre dúvidas que surgiram. Eu, como *irmão mais velho* dos demais, poderia auxiliar nesses quesitos – com autorização do professor, pois no Kung Fu sempre *tem de ser* assim. Ora, mas não era justamente por isso que eu ansiava? Um ambiente de conversações filosóficas e treino de Kung Fu? Talvez tenha mudado um pouco o cenário, mas o ambiente está aí, e eu estou jogado nele. Mas, não posso dar aulas de Filosofia. Preciso repassar técnicas de Kung Fu. – que inicialmente foram também padronizadas, e isso torna tudo mais legal!

Dois desafios lançados. Complementares. Novidades totais. De um lado, um ambiente avaliativo, de ensino superior. De outro lado, um ambiente de influência, responsabilidade de estar fazendo o *certo*.

E então, mais uma vez me parece ser difícil (e raro, devo dizer), dar segmento a este escrito, a esta dissertação. Daí existem dois fatores fundamentais, à *disciplina* da escrita: tempo e dedicação o primeiro fator pode-se dizer que é possível lidar de maneira mais dinâmica - pode-se carregar uma referência em fotocópia, ou um livro na mochila para encarregar-se, minimamente, (que seja!), desse fator em uma fila de banco, intervalo do trabalho, ônibus, banheiro... Todo tempo ocioso (deve) passa (r) a ser também tempo de criação, de aproveitamento. Mas, ainda que existam tantas possibilidades desse segmento,

dessa *disciplina*, me parece que ele mesmo acaba por se tornar opaco sem as cores trazidas pelo segundo fator, a *determinação*. Mesmo que se direcione o tempo de sobra às leituras e pesquisa, sem um *movimento determinado*, que esteja ligado diretamente à Vontade [das Wille], essa mesma leitura, essa pesquisa, não parece produzir muito sentido além de uma bruta *verborréia* – não deixa de parecer um *passatempo*. E como aqui se quer falar de movimento, atividade, troca, devir, rompimento... precisamos falar do conceito de Vontade, uma vez que pareça estar ligado ao mesmo ramo temático daqueles termos e, portanto, à noção que quero tratar de *determinação*.

E daí parece fazer mais sentido *subjugar* o tempo à determinação, quando se conclui que, às vezes, a ordenação da Vontade determina que teremos um tempo para que possamos praticar o movimento à própria imobilidade, ao repouso. Parece-me que são as próprias determinações do movimento – que se ligam às da Vontade, e esta reconhecida por paixões, paixões por uma sensibilidade e uma sensibilidade por um corpo – esse *devir-determinação* que e estabelece como *inteligência ordenadora* [nous]. Esse corpo que se relaciona com os campos conceituais, os quais, apesar de se estabelecerem na consciência, têm suas impressões no *pathos* existencial.

> O corpo é um grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, a qual chamas "espírito", pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão[1].

Visto o que venho experienciando, me parece sumariamente importante atentar aqui à noção de *determinação* e, antes dela talvez, ao que me parece se tratar de Vontade. E me refiro a esse termo, conceito, ideia, noção, por dois motivos que podem ser ordenados: 1) quando tenho largo tempo para dedicar à escrita, não me sinto determinado (veja bem, não quero dizer que não quero escrever, mas que não tenho Vontade de escrever sobre o que quero escrever). 2) Quando esse tempo se direciona à escrita, parece agir como combustível a um movimento de eterno início. Quer dizer, quanto mais escrevo, mais me sinto na necessidade de apresentar introduções às temáticas – e por muitas vezes acontece de eu não tratar do tema em questão devido a isso – como se a escrita não *fosse adiante*, mesmo que não se queira direcionar os lados. Como se, por mais que seja escrita, tende a esvaziar-se na medida em que é cheia. E dessa ordem de motivos me levo a pensar sobre minha experimentação durante a escrita como se fosse uma passagem por um (desgraçadamente) doloroso processo de desconstrução. Lá se vão quatro anos estudando Kung Fu, três anos escrevendo e treinando para estes últimos treze minutos de *catarse* que parece ser a conclusão desse parágrafo.

(Camelo)

Daí me percebo tendo escrito sobre uma moral, tê-la defendido e sustentado. E aqui

1. Assim Falava Zaratustra – Dos Desprezadores do Corpo (pág. 51. 1990).

me chega uma passagem do Crepúsculo dos Ídolos, como uma bofetada!

> É a sensibilidade! Esses sentidos, ***que, aliás, também são tão imorais***, nos enganam acerca do mundo ***verdadeiro***. Moral: livrar-se do engano dos sentidos, do devir, da história, da mentira – a história não passa de crença nos sentidos, de crença na mentira. Moral: negar tudo que crê nos sentidos, o resto da humanidade: ela não passa de "povo". Ser filósofo, ser múmia, representar o monotonoteísmo fazendo uso de uma mímica de coveiro! E fora, sobretudo, com o ***corpo***, essa deplorável ***idée fixe*** dos sentidos! Esse corpo acometido por todos os erros de lógica existentes, refutado, até impossível, ainda que seja atrevido o bastante para se portar como se fosse real!...[2]

E nesse processo de desconstrução a Vontade fala! Grita! Clama! Chora! Ri! Zomba! Dança! E ela faz tudo isso frente a mim e através de mim, em frente e através de um edifício com paredes de concreto e aço que aos poucos assumem (e vão, e vem assumindo), aspectos de organicidade. Aos poucos, enquanto me acostumo, descubro, decepciono, passo a perceber essa construção como mais receptiva, à medida que vejo aqui e ali algumas marmotas desenterrando aquela pedra fundamental.

(Leão)

Aconteceu o que eu temi desde sempre – temor este que eu próprio desconhecia (ou mascarava, escolha uma opção). Mas no fim esse temor já soava mais como uma espécie de libertação. Lembram-se dos pobres acorrentados do livro VII da República de Platão? Digamos que eu me relacionava bastante bem com eles, sei bem como pensar igual a eles e senti (e venho sentido) as dores nos olhos, nas costas, pernas e braços ao levantar para ver o que há ali fora da caverna. Talvez minha situação seja diferente no que toque ao que há fora de lá: aqueles coitados lidavam com ideias. Eu tive que lidar com a vergonhosa concretude da construção metálica que era eu mesmo, e dali iniciar o processo de retiragem dos parafusos, um a um, enferrujados, apertados, altos, de difícil acesso. Aconteceu que toda uma estrutura que era o Kung Fu, desabou aos poucos. Uma estrutura, como já visto, construída corporalmente. Um lugar onde termos como *família*, *Bem*, *Justiça*, ocupavam posições de destaque no panteão moral que pairava nos olhares dos colegas e professor. E foi duro, e tem sido, esse caminho.

Da primeira vez em que ouvi Alberto perguntar "mas Jorge, o que é esse Kung Fu? É algo em si mesmo? Me explica." – e minha reação e resposta rápida de que o significado desse termo para além da terminologia linguística está para além de Bem e Mal ("TU DEVES, TU DEVES, TU DEVES"). Lembro-me de quando Stela entrou no treino após dois anos de insistência minha e, em pronta observação, apontou: "só tem eu de menina?" E daí por diante, passou a me apontar outros tantos fatores, como a ausência de homossexuais, poucos negros, uma espécie de seleção natural originada em olhares, conversas e risadas, e o mundo tão a parte que se criava ali – algo perfeito, em toda a

2. NIETZSCHE, 2009. p. 34

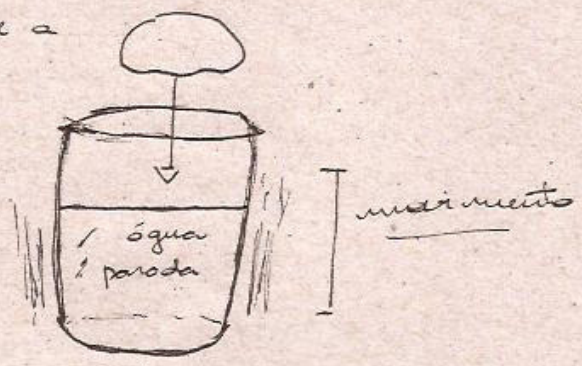
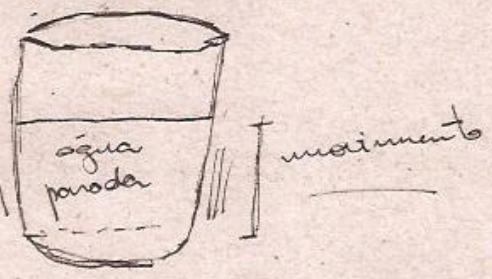
sua imensidão. Claro, perfeito para mim, homem, branco, heterossexual, bem graduado e com boa técnica de treino. É natural que ela não se sentisse bem. É natural que ocorram desistências específicas. O lugar é opressor. Os colegas passam a ser. A moralidade esmaga. É, e é porque não poderia ser de maneira diferente; e não é, porque não é, e o contrário é impossível. Veja bem, não estou apresentando aqui o *outro lado* do Kung Fu, o *lado mal*. Estou apresentando minha experiência lá, para que talvez (e só talvez), seja possível levantar alguns problemas semelhantes a estes para um ambiente além dos tratados nesta dissertação. Ora, você deve ter feito a saudação no início da escrita, não? Aqui ainda é o ambiente de treino, para você que lê, para mim que escreve e para a escrita que conversa comigo e com você como se fôssemos (e somos, droga!) estranhos.

E à medida que se transforma a maneira de posicionar-se minha a respeito das temáticas, da escrita naquilo que ela apresentará para além da minha voz, eu agora percebo que o anterior jargão "tudo é Kung Fu" se desfaz, mascarado como estava. E ali detrás já posso ver escrito em letras cursivas "tudo é vida". Aconteceu-me que, vistas as minhas rotinas de vida, do trabalho na livraria, dos treinos de Kung Fu e os horários apertados, além da impossibilidade de trabalhar o tema tratado na graduação (Nietzsche, *Bildung*), houve a necessidade de optar por outra vida que não fosse a que já estava sendo.

Daí optei pela vida do Kung Fu. "O" Kung Fu. E tudo girava naquele meio. Assim, houve a possibilidade de treinar, pensar na pesquisa durante o treino, trabalhar, e seguir o estudo trabalhando com a pesquisa, o treino e o referencial teórico já familiarizado. Foi essa a imagem que persegui por três anos. E por óbvio não quero dizer que depois dessa dissertação irei largar o treino e qualquer interesse que a pesquisa e essa relação tenham criado. Adorei poder pensar tudo isso junto. Acontece apenas de eu agora poder, aos poucos, me permitir ver com outros olhos. Que as potências a virem-a-ser produzidas agora não sejam nem estejam limitadas ao ambiente supracitado do treino, como foi durante tanto tempo. De tentar levar o mundo nas costas, salvar a todos. Nesse processo todo nem eu mesmo pude me salvar – e devo admitir que foi até divertido optar pelo sofrimento, por esse *pathos*. A vida, minha vida, o que foi apresentado desde o início do processo da escrita como uma tentativa de escrita de si, depois de maneira mais categórica na exposição de como *funciona* o treino e a formação que ele sugere, até este momento onde as duas partes anteriores são diluídas juntas e formam um elemento completamente novo, que vem ainda se inovando, com as companhias de escrita e estudo – essa é a vida que eu opto agora.

→ pedra quebra o gelo;

→ água abraça tudo;

→ água molda-se a tudo

Somos nascentes ao nascermos. Torna-mo-nos
gelo durante o crescimento, ao sermos tocados
pela fria mão medonha do mundo. Tenta-
mos quebrar o gelo com rochas. Não há tempo de
produzirmos calor. É sobre isso que dizemos nós
de buscar — "Seja [(refaça-se)] água, meu amigo"

AULA 12 DE JULHO

Apresentarei o andamento de minhas aulas em forma de memórias, para que seja possível a vista da maneira como ocorreram os encontros que servem de argamassa à pesquisa.

Como novato, chegar meia hora antes do primeiro encontro com a turma não é novidade. E assim aconteceu. Procedimentos padrões: pegar a chave, cumprimentar a sala de coordenação do curso, trocar algumas ideias por lá e ir à aula. Entrar na sala, sozinho, com várias mesas dispostas ao redor da ~ honorável e respeitosa ~ mesa do professor. Meia hora antes da aula, organizo meus materiais, percebo uma ronda em frente à sala e puxo meu exemplar de história em quadrinhos do volume um de Shade – O Homem Mutável, a qual será referencial teórico em seguida. Entram os primeiros, aos poucos, quase horário de inicio da aula. A tensão aumenta, até meu cheiro muda. Todos (a maioria, pelo menos), em aula no horário. Já posso distribuir os resumos de aula que preparei para tratarmos de alguns conceitos que serão trabalhados na disciplina, além de uma breve apresentação de influências e paralelos entre Arte e Política na Idade Mística do ponto de vista da Estética. Antes da leitura do material, as apresentações da turma: nome, idade e o motivo pelo qual vale cursar uma faculdade no curso de Design. Visto isso, seguimos com o andamento da aula, eu sentado sobre a mesa do professor, e todos em suas carteiras ouvindo atentamente. A ideia de conversa até aí se manteve mais em um nível de "vamos conhecer o novato", que depois, fiquei sabendo, estavam mais para "ele parece com o Donnie Darko", ou "ai, um cara da filosofia, vai ser mais uma aula que demora pra passar". Falei da minha vida com eles, busquei aprender sobre as deles também. Referências a filmes e livros era o que mais nos aproximava. E esse foi um ponto fundamental ao seguimento das aulas – por que o que mais nos relaciona é o que está para além do ambiente murado da instituição de ensino? Ao fim de uma hora e meia de aula, metade da folha de resumo de aula vista e um até logo daqui e dali até a próxima aula. Pareceu-me um bom começo. Um primeiro passo a uma possível desacomodação, ainda que de maneira bastante regrada, compassada, disciplinada. Não pressupondo que essa desacomodação seja algo correto ou benigno, mas visando problematizar algo que não seja apenas uma realidade curricular e burocraticamente colocada. Desacomodar tanto uma estrutura escolar em repouso, desde suas lições e intervenções à moralidade construída num processo de estagnação dos corpos, quanto os corpos estudantis aos quais não é investido um diálogo sadio entre seus mundos da vida e a realidade escolar – como se ambos fossem completamente opostos. Ora, estando os corpos dispostos num sistema burocrático social tão denso, até onde a soberania pessoal encontra meios de problematizar suas próprias condições? Meu *copo meio cheio* acredita ser possível se aproximar mais dessa desacomodação no decorrer dos encontros – a começar pela minha própria.

Por casualidade de no fim de semana anterior ao meu estágio no IFSul eu ter

também auxiliado num minicurso técnico na academia de Kung Fu, e as aulas do IFSul serem na terça – sendo os treinos às segundas, quartas e sextas-feiras – ofereci-me, na academia de Kung Fu, para estar trinta minutos antes de cada treino disponível no caso de alguém querer repassar técnicas do minicurso. E, na quarta-feira posterior ao inicio de meu estágio, para minha maior surpresa, todos os participantes do minicurso estavam à minha espera antes do treino. Bem, esse é um ponto a ser desenvolvido em paralelo com as apresentações das aulas, mas lancei-o aqui em sentido introdutório a algo que eu mesmo só percebi após as aulas do estágio.

Abaixo, segue o plano da aula.·.

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE – IFSUL

CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN

Comp. Curricular: Estética **Turma: 2016. DES.3N**

Período Letivo: 2016/1

Estética

"Se é a razão que faz o homem, é o sentimento que o conduz".

J. J. Rousseau

- Ramo da Filosofia que estuda racionalmente os valores propostos pelas obras de arte e o sentimento que suscita no ser humano;
- Do grego *Aisthesis*, significa faculdade de sentir, compreensão pelos sentidos, percepção totalizante;
- Termo introduzido no vocabulário filosófico em 1750 por Alexander Baumgarten - filósofo alemão que acreditava estar o conceito de estética como complementar à lógica e direcionado à faculdade do conhecimento através da sensibilidade. A Estética refere-se, portanto, à cognição por meio dos sentidos, ou seja, o *conhecimento sensível*;
- Usado como substantivo e restrito ao campo da História da Arte, o termo Estética designa um conjunto de características formais que a arte assume em determinado período;
- Dois momentos importantes da Estética: Século XVIII e a Estética voltada aos valores e estudos direcionados ao Belo e à Beleza (período de forte ruptura com os valores medievais e exaltação da máxima "o homem como medida de todas as coisas" – humanismo moderno com base no sofismo grego clássico). Século XX e a constatação de muitos valores estéticos além da retórica em virtude de um conceito de Beleza clássico – o objeto da Estética (a Beleza enquanto coisa em si) deixa de ser produtor voluntário de Beleza, abrindo lugar à subjetividade e ao retorno do conceito Baumgarteniano de Estética – não como uma faculdade universalizante a partir dos conhecimentos do Belo, mas sim como uma faculdade produtora de relações entre o humano e seu interior sensível.

Ao que sabemos de maneira clássica, a Arte imita a natureza – mas não sua "forma"

e sim sua atividade criadora. A obra de arte seria esse “fim” ao qual essas atividades criadoras estão direcionadas – mas pensar, refletir, problematizar e suspeitar dessas atividades criadoras, esse é o aspecto da Estética enquanto crítica de um juízo que se interessa por sensibilidades e sensações que produzimos em nós mesmos e que nos são atravessadas, constituídas e constituintes também de sensações.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia.** São Paulo. Ed. Moderna. 2009.

AULA 19 DE JULHO

Mais uma vez, meia hora antes e ainda nervoso – agora com a ideia que tiveram de mim desde o primeiro encontro e o que faremos hoje a partir do que foi visto semana passada – distribuí as folhas com os planos da aula, onde tratamos de alguns conceitos de arte na filosofia aristotélica e suas relações com a noção de *criação*; além de algumas diferenciações entre os conceitos de representação e criação na filosofia e na arte. Por fim, foram solicitadas duas tarefas, uma com o prazo de uma semana e outra para oito semanas, que têm por objetivos problematizar os conceitos já abordados e a serem tratados posteriormente. Essas tarefas, como elucidei a eles, fazem parte do plano de aula traçado pela professora efetiva da disciplina, o qual me propus seguir e mesclar o que pretendia tratar do ponto de vista do referencial teórico agora trazido. As tarefas, ambas, relacionadas com a noção de *criação*, que a partir de Deleuze e Guattari em *O Que é Filosofia* (2010), passou a acompanhar todas as aulas. A tarefa do prazo de duas semanas relacionava-se com o tratamento de um *sentido estético*, onde a partir da relação com alguma música de gosto particular, se criasse algo a ser apresentado à turma – lembrando que havíamos trabalhado também as diferenças entre as noções de criação e representação. A tarefa do prazo de oito semanas, que seria o trabalho final da disciplina, tratava-se da criação de um *Livro de Artista*, – elemento também sempre tocado nas aulas a serem seguidas.

As conversas, tranquilas, como na aula anterior, com o diferencial de que neste encontro a proposta ser seguida já em colisão com uma ideia clássica de *criação*, seria a de que juntos pudéssemos perceber que a criação de um conceito está muito mais ligada a uma resignificação de elementos na experimentação de algo novo do que necessariamente um milagre surgido do nada – para isso foram interessantes os levantamentos paralelos com o que todos tomavam por Design e seu aspecto *inovador*.

E desta aula, começando na história da filosofia a partir de Aristóteles, já vimos que a noção de *inovação* em Design já pôde ter sido colocada por terra. Este era mais o mundo deles – pelo menos foi o que me pareceu, visto que estavam muito mais à vontade para falar do seu próprio meio. Neste dia também lhes apresentei Shade – o Homem Mutável, para que pudéssemos questionar a característica do personagem de poder transmutar a realidade a partir da utilização de seu “traje da loucura” – uma vestimenta capaz de direcionar aspectos da loucura para redimensionar o real. Nosso ponto de conclusão pareceu ser que a noção de *criação,* pelo menos ao que nos aproximávamos, estava ligada com um elemento esquizofrênico, anormal, que dá forma. Claro, essas são discussões que desde este encontro já objetivavam os projetos finais do Livro de Artista. E o que aconteceu foi que justamente a partir dessas idas e vindas, para referências de dentro e fora da instituição de ensino, bem como de dentro e fora das vidas de cada um deles e da minha, o método de aula folha/discussão/professor fala/alunos escutam e interagem/ trabalhos valendo nota/... Desfez-se. Essas idas e vindas acabaram me aproximando mais

de uma esquizofrenia criativa que eu intuía racionalmente, mas que só me foi possível experimentar pelo fator de contato e interação. Uma hora e meia de aula passa bem rápido.

Abaixo, segue o plano da aula.

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE – IFSUL

CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN

Comp. Curricular: Estética **Turma: 2016. DES.3N**

Período Letivo: 2016/1

A Arte segundo Aristóteles

- Diferente de Platão, que considerava a Arte como uma ciência idêntica ao intelecto, o qual tinha sua maior referência na esfera da dialética e da pura representação, Aristóteles admite que a Arte se define como o hábito, acompanhado pela razão, de produzir alguma coisa – conjugar o prazer às representações como formas de conhecimento (ex.: Teatro e Arte Trágica);
- Em sua *Metafísica*, período posterior de seu pensamento, Aristóteles afirma ser a Arte a intermediária entre experiência e ciência (ou conhecimento) – perspectiva que não foi bem recebida por seus sucessores do período antigo e medieval (por entrar em desacordo, principalmente, com as visões de teologia que fundamentavam as teorias do conhecimento daqueles tempos e instituições de poder que detinham o conhecimento – Estado e Igreja);
- Por sua visão dual de aquisição do conhecimento através da Arte (experiência e contemplação), foi definido após o séc. V, as disciplinas que até hoje estão presentes nas academias e centros de estudos acadêmicos: gramática, retórica, lógica e aritmética (*quatrivium*), e geometria, astronomia e música (*trivium*).
- Em sua *Metafísica*, Aristóteles define os princípios primeiros do *Ser* enquanto forma mais próxima daquilo que se pode tomar por representação e produção – A Teoria das Quatro Causas do Ser: Formal ou Ideal, Material, Eficiente e Final (Para isso podemos pensar sobre o Prêmio Internacional de Design, acessível no site *Design Brasil*: http://www.designbrasil.org.br/entre-aspas/voce-quer-ganhar-um-premio-internacional-de-design/ - "Os critérios de avaliação considerados para produtos são: qualidade do design, acabamento, escolha de materiais, grau de inovação, impacto ambiental, funcionalidade, segurança, valor da marca e design universal.").

Aristóteles foi o primeiro pensador que, seguindo e ultrapassando as teorias de seu mestre Platão, admitiu um estudo metódico e sistemático da Arte (ainda que no campo representacional), onde incluiu os devires e potencialidades sensíveis como elementos a serem discutidos e analisados na confecção de qualquer obra de Arte. Suas ideias ainda estão presentes hoje em nosso dia-a-dia, ainda que acreditemos criar algo, após a máxima

aristotélica de que “a arte imita a natureza”, essa tarefa, a da criação, tornou-se uma carga difícil de carregar.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2007.

AULA 26 DE JULHO

Esse foi um dos dias mais simbólicos de nossos encontros.

Talvez possa chamá-lo de meu *dia do leão*. Sim, foi. E ainda que estivesse já há algum tempo para além do camelo, nesse dia, rugiu.

A temática foi Filosofia e Arte na Idade Média – onde trabalhamos as transformações das noções de Belo desde o período antigo a esse, e sua importância à manutenção e controle de determinado pensamento social. Falamos da igreja, de valores religiosos (valores, valores!), da criação das Universidade e da importância de conhecermos as relações intimas entre a instituição política e educacional – que reflete nossas organizações hoje.

Questionamos autoridades, formas de fazer ensino, morais – e concluímos que estamos com sérios problemas. Num tempo em que a conjuntura política do Brasil vê a si mesma afundando na areia movediça, pensamos os papeis de extensão necessariamente impostos aos órgãos de ensino superior, públicos e privados. Trabalhamos as noções de design, criação e inovação em relação aos conceitos que norteavam esse tempo histórico – Deus, Bem, Justiça... E vimos que a importância dessas noções à manutenção de uma determinada estratégia de poder. Para isso, usamos três logos de universidades diferentes da cidade de Pelotas, às quais nos são mais próximas – UFPel (Universidade Federal de Pelotas), UCPel (Universidade Católica de Pelotas) e ULBra (Universidade Luterana do Brasil). Destas, na primeira já pudemos ver bem estampados os apelidos de deus (A e **Ω**), na segunda a presunçosa relação de *in vinculo veritatis*, e na terceira a pretensiosa *veritatis vos liberabit*.

Lembrando que minha proposta com as aulas do estágio foi trabalhar sobre a noção de criação de conceitos, fizemos esse retorno na filosofia, na arte e depois de volta ao nosso tempo, partindo de exemplos concretos, para que pudéssemos questionar mais de perto: “quem define o que é a Verdade?”- e com essas imagens tão atuais, observamos que há mais de mil anos ainda seguimos princípios de verdades pautadas sobre uma moral religiosa – em instituições que formam médicos, engenheiros, designers, sociólogos... Instituições que ainda definem nosso valor social de acordo com o quanto de conhecimento é possível de produzirmos através desses mesmos valores representados por elas. Instituições essas que legitimam pensamentos e ações políticas, e que, em curtos e raros momentos, levantamos dúvidas sobre os serviços que prestam – afinal, “o diploma tá logo ali, basta que cumpramos os créditos,” – esta é a Verdade, e é Verdade pelo fato de estar estampada no logo de instituições que partilham em íntima relação, com os valores de deus.

Havia dito que esse dia foi simbólico, e o foi por dois motivos: primeiro, que ao fim da aula, das perguntas, das conversas, um grupo de três alunos se dirigiu a mim e entalharam

em minha mente os seguintes dizeres: “obrigado, adoramos tua aula, tu é um ser de luz cara. A gente fica até o final na terça só pela tua aula”.

Aquele momento me disse que eu alcancei um grau da minha formação pessoal muito importante – eu fui e buscarei continuar sendo o professor que eu sempre quis ter.

O outro motivo, o *leão* que falou comigo e através de mim, se apresentou quando cheguei em casa e fui dobrar a roupa do treino do dia seguinte. Dobrando minha faixa, meu nível de treino, minha graduação, percebi que a proximidade divina das universidades em relação às suas verdades era diretamente proporcional à cor da minha faixa em relação às verdades do treino, aos quadros dos mestres que saudamos na parede. Eu detenho também um valor de verdade, eu também sujo minha mão com a divindade que me legitima determinado poder – pela minha faixa, por minha voz de comando, pelo lugar que ocupo na formação dos alunos, pela busca dos colegas em sanar dúvidas comigo. Dormi com isso na cabeça, e no outro dia, no treino de trinta minutos antes da aula de Kung Fu, sugeri a meus colegas mais novos que começássemos a revisar nossas técnicas desde as primeiras, conversando sobre os movimentos, os treinos em casa, as aulas na faculdade e escola, o clima, séries de TV, a vida.

Nietzsche não apresenta, nas metamorfoses do espírito em seu Zaratustra, a maneira como o leão se torna criança. Volta e meia o eu-leão, retorna ao camelo e busca instruções daquele agora dragão zumbi, que o leão mesmo matou. E desses valores mortos, utiliza-se vagamente, provisoriamente, para tentar distribuir *sementes leoninas* nesse outro ambiente que é o treino antes do treino de Kung Fu. Às vezes ouço suspiros cansados de camelos a conversar comigo, às vezes rugidos de leões e até mesmo urros de dragões,... Mas por vezes, juntos, conseguimos dispersar no ar gargalhadas infantes.

Desde este dia não visto mais minha faixa durante os treinos.

FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE – IFSUL

CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN

Comp. Curricular: Estética **T u r m a : 2016. DES.3N**

Período Letivo: 2016/1

Arte e Estética no Período Medieval

> "Não é que a criação seja má, nem mesmo que seja mau o conhecimento dela; mau é o perverso impulso que leva o espírito sensato a abandonar a contemplação do seu autor e voltar-se, com apetite lascivo e ilícito, para o amor da matéria sensível".
>
> Escoto Erígena

- Vista a investida da moralidade e costumes cristãos desde o período romano até a organização feudal, tratou-se no Período Medieval, de uma tentativa de resgate de alguns valores antigos no campo moral que estaria por refletir diretamente no campo da arte – ex.: o desgosto pelo *sensível* e a supremacia da racionalidade sobre as paixões do corpo;

- Ainda que os primeiros textos antigos a serem traduzidos do grego ao latim tenham sido por parte de Boécio (480-524 dC), foi através, principalmente, das obras de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino que estes textos se apresentaram de maneira a representarem a base conceitual da filosofia cristã medieval – sob a qual se fundamentava os campos da arte e da política;

- A filosofia cristã medieval, com suporte da filosofia *compreensiva* de Santo Agostinho e da *lógica* de São Tomás – prismados pela dualidade platônica e o silogismo aristotélico – tomou a tríplice aliança Igreja, Estado e Arte como uma estrutura de poder hierarquizada pela legitimidade do Estado e o idealismo da Igreja, tendo a Arte o papel de traduzir didaticamente as doutrinas à população não letrada em latim e povos pagãos conquistados;

- Tiveram origem, nesse período, as Universidades – grandes centros voltados à busca da institucionalização do conhecimento (instituição esta que pertencia ao Estado, que por sua vez se apresentava em relação direta com os poderes da Igreja). Por necessidade, a Verdade só podia ser divina, e através da busca por conhecimento poderia ocorrer uma aproximação maior com essa divindade

(para pensar: logos das Universidades HOJE).

- A arte, em seu caráter didático na Idade Média, foi apropriada pela Igreja como meio educativo e moralizante, uma vez que esta instituição tenha percebido nos gostos pagãos o interesse pela sensualidade das formas artísticas. A Igreja investe, então, em uma maneira de transformar esse gosto pela forma num *lição de moral* plástica, a ser interpretada pelos nobres letrados e sacerdotes da Igreja.

Podemos apontar o caráter teológico da História da Arte e da Filosofia na Idade Média como uma espécie de reviravolta no campo da estética, visto o desinteresse dos artistas da igreja no interlocutor de sua obra de arte (uma vez que essa tivesse função coercitiva e dogmática), de uma negação total das formas e de uma exuberância racionalista que, em um retorno ao classicismo platônico, permitia o acesso ao mundo das ideias que, de sua parte, era da mesma natureza de Deus.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia.** São Paulo. Ed. Moderna. 2009;

OSBORNE, Harold. **Estética e Teoria das Artes.** São Paulo. Ed. Cultrix. 1983.

AULA 2 DE AGOSTO

O principal referencial com o qual tratei nas aulas da noção de criação de conceitos foi *O Que é a Filosofia*, de Deleuze e Guattari.

Dividimos a aula em dois momentos: 1) experimentações com o corpo e 2) análise conceitual. No primeiro segmento, a partir da perspectiva da arte oriental, mais especificamente a arte marcial do Kung Fu, trabalhamos de maneira corporal as noções de tempo, lembrança e repetição, para que seguíssemos à dinâmica entre duplas que introduzia o segundo segmento da aula. Neste, tratamos do conceito de Filosofia como a Arte de Criar Conceitos (Deleuze), e a importância da problematização conceitual em estética voltada à área do design e a máxima necessidade de “inovação”.

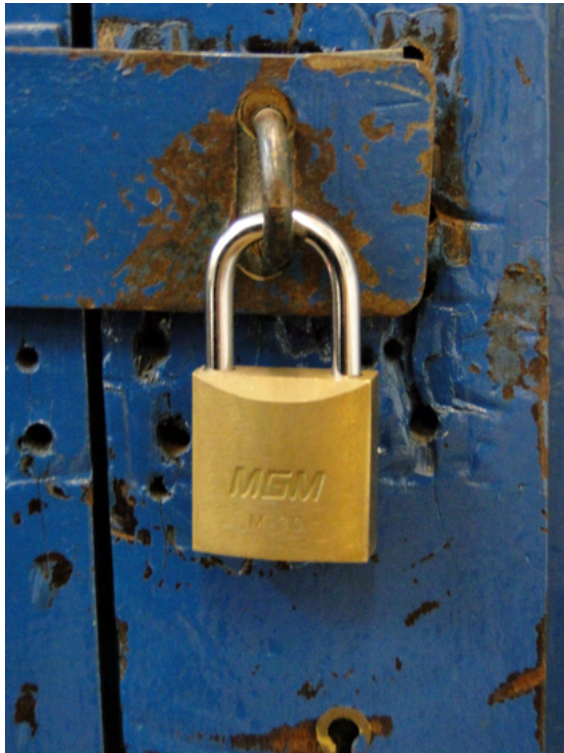
No primeiro segmento, por meio de um exercício clássico de Kung Fu, herdado das práticas no templo Shaolin, após afastarmos as classes e cadeiras e nos posicionarmos em duas filas e três colunas, trabalhamos uma noção de compasso, repetição dos movimentos, coordenação, velocidade e força. Essa foi a primeira aula em que pude tratar da dissertação de maneira bastante prática, quero dizer, foi a primeira vez que ela saiu do papel e mostrou ser possível algo que vem sendo tratado desde o primeiro artigo escrito já na especialização.

Nesse dia, antes das práticas, introduzi à turma a obra *Vigiar e Punir*, de Foucault, problematizando a noção de *panóptico* e docilização dos corpos nas instituições de ensino e o quão duro poderia ser isso a um curso de ensino superior que prime por uma ideia completamente direcionada daquilo que se tem por *criação* – direcionada por referir-se a um sistema econômico, político e, talvez principalmente, a um sistema que nuble o caráter relacional do *criador* e sua *criatura*. E isso vem ao encontro de uma de minhas propostas com eles, de que algo que se origine de um vazio conceitual ou de uma transcendência romantizada não está muito além do mero segmento das quatro causas aristotélicas. Devido a isso, após a apresentação de Foucault, propus a apresentação de como seriam as aulas dali por diante: físicas, concretas, imanentes – e foram divertidos os sorrisos, os rostos ofegantes e os comentários de corpos que não estão acostumados a pensar e posicionar-se no concreto, no físico, de uma maneira além da crítica racional e analítica.

Nesse encontro também ofereci uma atividade a ser produzida durante as práticas. É o seguinte: à turma disponibilizei minha câmera fotografia pessoal para que, cada um, fotografasse o *mundo da aula* como quisesse, como lhe parecesse melhor, como uma maneira de fotografar a aula, a instituição, modelos de educação e temas que havíamos tratados até então.

A câmera foi então dar um passeio pela sala de aula. Era de direito pelo menos cinco fotos por aluno, de qualquer ângulo – podiam levantar, caminhar, discutir... A dinâmica era deles.

ATENÇÃO
CUIDADOS COM
A SALA DE AULA

MGM

AULA 9 DE AGOSTO

Buscando dar continuidade às noções das filosofias da diferença em relação à criação de conceitos, tratamos nesse dia das noções de rizoma e, a partir da abordagem sobre a filosofia moderna e sua estética de retorno aos princípios do sofista Protágoras[3], a de *arborescência*, para que pudéssemos seguir a tratar das diferenciações entre pensamento rizomático e pensamento arborescente.

Para isso, a dinâmica foi a seguinte: todos deem as mãos e formem um círculo. Memorizem a pessoa que está em sua mão direita e na esquerda. Agora, soltem as mãos e caminhem, deem voltas por todos os lados. Por esses momentos passava em frente à sala de aula o professor Alex e a professora Ana Marguerites, os quais, após sua ligeira olhada pela janelinha da porta, foram convidados a participar conosco. E esse também foi um dos temas tratados nos encontros – a sala de aula, enquanto local da construção do conhecimento, é um local aberto, de convite, de acolhimento, pois não se escolhe a quem se dá o direito de ingressar nesse ambiente, ele é de todos. E ainda que estivéssemos (ou estejamos, situe-se aqui como quiser), fadados a algumas burocracias institucionais, nos é possível o rompimento dessas barreiras invisíveis – um sistema deve passar a existir sob a premissa de acatar com as necessidades dos seus, não o contrário, e a sala de aula, como local de encontro de conceitos, de discussões, é o local também por onde se pode começar a construir uma revolução.

Das caminhadas em sala, todos deveriam parar ao ouvir o meu bater de palmas – e assim foi feito. Da bagunça em que se encontram, deem as mãos outra vez a seus respectivos parceiros de mãos direita e esquerda. O conhecimento é esse emaranhado. Um conceito são vários conceitos. A ordenação do pensamento é uma consequência da comunicação e da linguagem. Agora, desse emaranhado, voltem às suas posições iniciais. Detalhe: não é permitido soltar as mãos. Passem por cima, por baixo, por um lado ou outro, virem-se, comuniquem-se... A estrutura do pensamento também parece ser essa relação interdependente entre todos os seus elementos. Encontrem um jeito.

3. “O homem é a medida de todas as coisas – das que são pelas que são e das que não são pelas que não são”.

AULA 23 DE AGOSTO

Tentando seguir com a premissa de discussão acerca da noção de criação de conceitos, levar o texto d' O Que é a Filosofia na íntegra me pareceu ser uma tarefa necessária.

Mas antes disso, aproveitando meu gosto pela etimologia das palavras e a deixa que Deleuze e Guattari fazem ao conceito de amizade na obra deles, como aspecto fundamental à criação conceitual que tem como ponto de partida o conhecimento acerca do que vem a ser a filosofia, realizamos um exercício que nos permitiu pensarmos isso de maneira concreta.

O esquema foi o seguinte: formem duplas, sentem no chão, de costas um para o outro de maneira que as costas de ambos se tornem escoras. Entrelacem os braços. Ambos aqui, não importando sexo, idade, peso ou nível de força, devem levantar-se juntos. O que faltar em um deve ser compensado pelo que sobra em outro. A ideia aqui é buscar o equilíbrio – a equidade por trás da diferença: *forma é vazio, vazio é forma.* Se ambos não possuem força para subir, ambos subirão, pois já estarão conectados pela falta. Se um for pesado demais e o outro leve demais, terão de buscar um ponto em comum, do contrário a construção de vocês não subirá.

Houve daí, dois momentos: que escolhessem suas próprias duplas, por afinidade, confiança ou qualquer outro fator que possibilitasse uma facilidade. E a atividade correu bem, todos conseguiram realizar o exercício. O segundo momento se deu a partir da minha escolha sobre as duplas, e é claro que busquei escolher os que, inicialmente, me pareciam mais distantes por diversos fatores. E ocorreu então algo engraçado: poucos conseguiram realizar o exercício em comparação à primeira rodada. Inclusive nesse dia o professor Alex, em mais uma *ronda* pelos corredores, se fez presente mais uma vez na dinâmica e também participou.

Dessa brincadeira, tomamos em mão o texto introdutório de Deleuze e Guattari sobre uma noção de amizade apresentada n' O que é a Filosofia, além de algumas noções etimológicas da palavra amor e o quanto esses conceitos nos são próximos quando tentamos efetuar a tarefa proposta (Ágape, Eros e Filia). Discutimos a noção de conceito a partir da premissa de que “cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas também em seu devir ou em suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes que podem ser, por sua vez, tomados por conceitos” (Deleuze, Guattari, 2010, p. 27). Daí aproximamos as noções de *Amor* vistas e sua relação com o subir e descer das duplas, o porquê das facilidades e dificuldades encontradas para a realização da tarefa em nível físico e a proximidade que essas dificuldades podem significar quando relacionadas com a criação de conceitos e nossa própria seleção com o ambiente relacional sob o qual situamos as diretivas de nossas *criações*.

Se eu pudesse falar em imagens, diria o seguinte:

mesmo que ele testemunha a favor de uma origem grega da filosofia
civilizações tinham Sábios, mas os gregos apresentam esses "amigos"
simplesmente sábios mais modestos. Seriam os gregos que teriam
do Sábio, e o teriam substituído pelos filósofos, os amigos da sabedo
procuram a sabedoria, mas não a possuem formalmente. (...) A sabedo
De fato, mais difícil tornou-se saber o que significa "amigo", mesm
s gregos. Amigo designaria uma certa intimidade competente, u
terial e uma potencialidade, como aquela do marceneiro c
rceneiro é, em potência, madeira, ele é o amigo da madeira?
vez que o amigo tal como ele aparece na filosof
nagem extrínseco, um exemplo ou uma circunstância
eca ao pensamento, uma condição de possibilidade
ria viva, um vivido transcendental. Com a filoso

svanesceu sem saber dar-lhe forças para retor
s são a chaga da filosofia. São animados pel
to, todos esses discutidores, esses comunica
falam senão deles mesmos, confrontando ger
ias. A filosofia tem horror a discussões. El

onceito?

isso, porra!

AULA 30 DE AGOSTO

Nosso último encontro do semestre. Trabalhos finais das outras disciplinas já entregues – o da nossa seria apenas na próxima semana.

Buscamos finalizar a disciplina com a última “era” da História da Filosofia e da Arte, buscando abordas temáticas contemporâneas e problemáticas levantadas nesse período a partir do vídeo “Para acabar com o juízo de deus” - daí foi possível questionar o papel da Arte no contemporâneo e a ascensão de uma estética fatalista, destrutiva, desconstrutiva. Os alunos, como visto nas etapas anteriores, apresentaram seus posicionamentos sobre os temas e questionaram as maneiras de fazer dessa estética, dessa arte, dessa filosofia e dessa política.

Mas o mais interessante desse dia não foi a aula mesma, mas o que ocorreu depois. Como já havia comentado em aula, um dos pressupostos que considerei importante ter ficado claro era o de que a aula, bem como o contexto geral da disciplina, ainda que contasse com a presença dos conceitos próprios de estética, deveria contar com o elemento que viria a dar vida às aulas: a vida de cada um daqueles que compunham o organismo vivo que conseguimos criar em sala de aula. E o *livro de artista*, trabalho final a ser entregue no encontro que segue este, sustentava-se sobre esse pilar, quer dizer, que criassem para si um conceito de si mesmos, que fizessem de si mesmos organismos outros que pudessem se falar, dizer de si mesmos, se apresentar, seus mundos, suas vidas. E aconteceu que, talvez para muitos deles, o trabalho final pôde ter seu fechamento depois da aula, quando nos retiramos para comer um lanche, beber e conversar de qualquer coisa que não tenha sido vista antes – das festas, dos empregos, das cidades, dos bairros. Claro, tocamos nesses elementos em sala de aula. Mas acontece que agora não estávamos EM SALA DE AULA, entende? Quer dizer, não há o espectro da instituição de ensino, não há *a janelinha* da porta da sala de aula, aquela que dá para o corredor, sabe? Não há classes, nem hierarquia entre professor e aluno – ainda que eu fosse mais jovem que alguns deles, esse tratamento sempre foi muito claro, mesmo que não me fosse de todo importante, mesmo que eu fizesse questão do contrário. Não. Ali eu participei com eles da vida deles para além da figura do professor. Ali dividimos as despesas da cerveja, da batata frita.

Foi nosso último encontro. Foi nosso primeiro encontro.

Entrega do trabalho final

Foi engraçado que tivéssemos combinado a entrega para esse dia e apenas alguns comparecerem – recebi recados de muitos trabalhos ainda não prontos, outros que fugiriam do prazo e alguns, cito, “atrasados para que possamos dedicar a eles o real valor que eles merecem”.

E essa citação final foi realmente, para mim, um ponto alto. Ali ouvi *filósofos* falando. Ali ouvi criadores de conceito. Ali ouvi amigos do conceito.

Nesse dia recebi imagens, texturas, corações, aromas, colmeias, garrafas. Nesse dia fui dormir tarde, pois cheguei em casa e tive muito o que conversar com todos eles. E me foi por demais gratificante saber de toda nossa construção em aula ali comigo, pulsantes, vivos. A força com que me apresentaram conceitos muito além dos criados/copiados da vã filosofia – isso foi grande. Terem conseguido criar conceitos não mais eternos, imutáveis, mas sensíveis, passivos de afetações dos mundos – mais que isso, construídos com e por seus mundos! Mas não vou mais falar por eles, deixarei aqui que falem por si.

Mas, bem, você talvez se pergunte o que ocorreu com a turma de Kung Fu do *treino antes do treino* das quartas-feiras que sucediam os dias das aulas – uma vez que eu não venha falando delas há uns dois subcapítulos. Esses encontros ainda existem, e veem sendo nutridos de conversas, esclarecimentos, boas risadas e, principalmente, um reconhecimento imenso de nossa parte, meus colegas e eu que compomos esse treino, de que nossa ignorância é nosso maior ponto em comum – e que uma faixa não confere o título de “dono do saber”, talvez dono de *um saber* (talvez, quando muito) – daí que nossos encontros acabam por tornarem-se muito mais produtivos, agora que procuramos cada dia esvaziarmos mais a nós mesmos para que possamos encher-nos... De nós, com nós mesmos, que somos nós com os outros que fazem de nós, nós mesmos.

CAPÍTULO DOIS
DEPRESSIONE

Nathália S. Fick
3N/2016.

Me

Terra
Não duvidar de você mesmo
Família

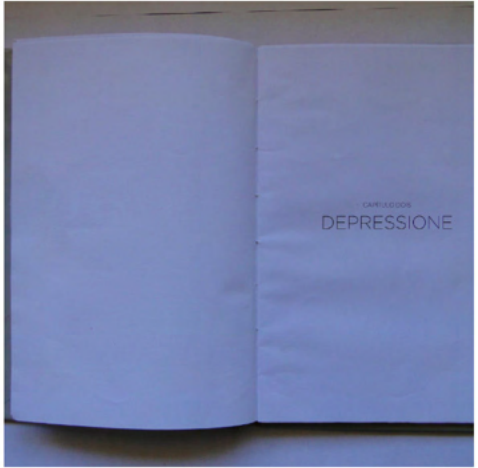
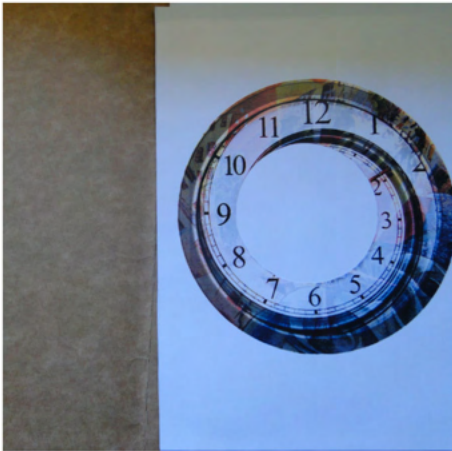
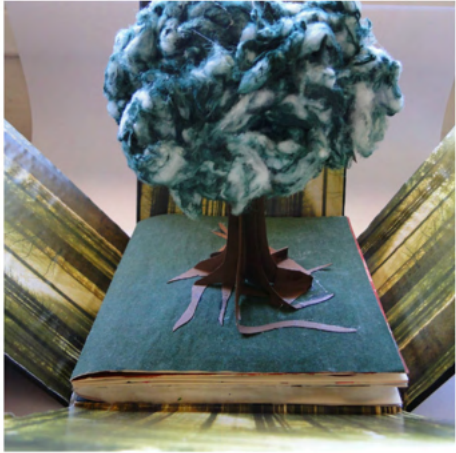
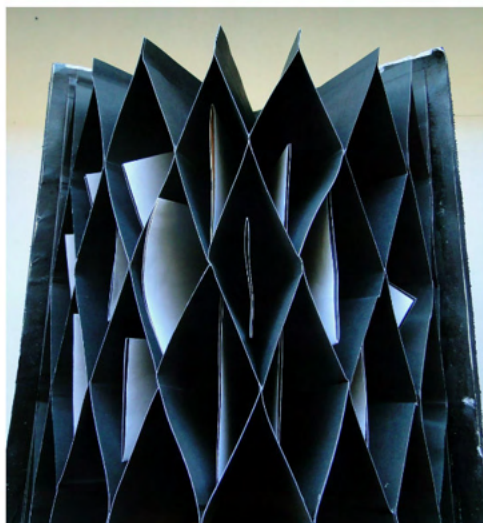
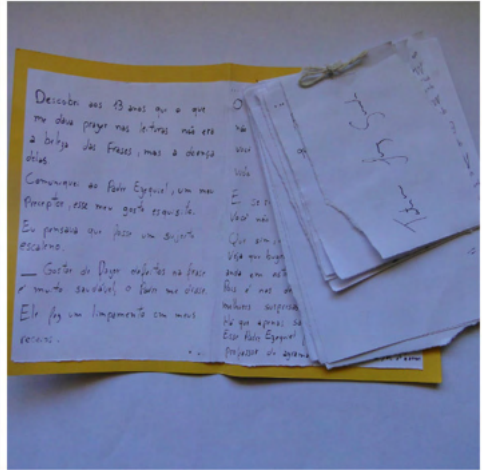
MIAMI
MIAMI
12
11
1
10
2
9
3
8
4
7
6
5

Observo em mim mesma as mudanças de estação: eu claramente mudo com elas.
(Clarice Lispector)
Livro de artista

Coragem
MEDO

Do not
drink.

Do not
drink.
Beer

LEMBRETES DE TODO DIA:
SE TU LUTAS TU CONQUISTAS!
Agradeça.
SUA CABEÇA CRIA O SEU MUNDO.

“LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ”[1] – SOBRE CHEGAR DE ONDE SE COMEÇA

Lembro-me do meu primeiro treino de calejamento ao olhar para essa dissertação. Lembro-me das noções básicas dos movimentos e formas de contato que deveríamos fazer. Mas o que fica mais fortemente guardado em mim são as palavras que o professor nos disse antes do treino, que são as premissas do templo de Shaolin ao se referirem ao calejamento e à educação do yang: “treinar o corpo dessa maneira é como aprender a morrer.” Não tem muita importância o sentido lato disso nesse momento, ainda que o impacto dessa expressão sempre me apareça de maneiras distintas. Não pensei que olharia para trás depois destes três anos de pesquisa, treino, conversas e práticas e contaria qual foi o meu número de mortes. Devo admitir que são dois pontos assombrosos: o de ver o próprio corpo e o que ele já foi, a quantidade de vezes que ele deixou de ser para ser outra vez – ao passo que já segue por desfazer-se também. E cada movimento de morte foi um movimento ao Tao, um movimento de dor, de esvaziamento... Foram esvaziamentos de vida, que geraram mais vida. Buscar o ideal educacional alemão (1), necessitar de outro caminho e segui-lo, para, mais adiante, questioná-lo, negá-lo, odiá-lo (2), estar num lugar cheio e vazio, num lugar cheio (de vazio). Chegar cheio de vida, escolher morrer, buscar viver, com a certeza da morte próxima e seguir nesse espiral.

Forma é vazio, vazio é forma.

E ter acompanhado, construído, participado e sentido esse processo – o processo de esvaziamento, o processo de transformação do templo de Kung Fu em sala de aula, e da sala de aula num local de treino, e ambos juntos e ao mesmo tempo processos de transformação para além de seus primeiros propósitos – por muito tempo essas sensações me trarão arrepios. E me alegro com isso. Alegro-me por ter sido um mediador, um ponto de encontro, um entre mundos. Fico feliz pelas companhias que foram e por outras que virão, que se construirão. Exalto as quedas duras, aquelas que me ajudaram a aprender como devo levantar. Lembro-me de um provérbio chinês, por falar nisso: “o erro é a mãe de todo sucesso.” Essa mãe dura, agradeço por sua educação. Agradeço aqueles que me ajudaram a aprender como escutar suas sábias palavras, e também àqueles que se determinaram em manter tudo como está, imóvel, imutável, eterno – que me desafiaram. Até as águas paradas conservam a vida em si mesmas, basta apenas que aprendamos a procurar.

E, bem, nessa busca que, apesar de findada aqui, ante a banca de dissertação, ante sua leitura e julgamento, creio ter encontrado a resposta para uma pergunta inicial, a qual propus em aula, a qual propus na escrita, e a qual proponho a mim mesmo: Como nos tornamos aquilo que somos? E a isso, parafraseio alguém bastante conhecido, pai de um

---

1. Como nas aulas era bastante comum que eu apresentasse referências cinematográficas e literárias, nada melhor que abrir este fechamento – que é outra abertura – como uma referência de um livro que virou filme, e que se dirija diretamente a uma ideia de Eterno Retorno, de repetição, de ida, de volta...

sujeito bastante famoso que se desentendeu com a sociedade por suas ideias malucas e acabou tendo um fim comicamente trágico: Eu sou, o que não-sou!

E à medida que desenvolvi a escrita, que conversei com ela, que conversei com outros a respeito dela – com ela a respeito de outros -, aquelas mortes antes anunciadas me apontavam no horizonte. E nesse momento, nessa tarde chuvosa de terça-feira, com o tórax coberto de hematomas pelo treino do dia anterior, com greves, ocupações e manifestações se pronunciando a cada esquina, nesse momento, nessa nova *fazedura* da história, eu morro mais uma vez. E nessa morte, concluo, assumindo que essa conclusão nada mais é do que um travessão em meio a meu texto, aquele sinal que nos propõe uma pausa maior que a da vírgula para que nos detenhamos um pouco mais ao que foi visto, que o Kung Fu, a antiga paixão pelo salvacionismo educacional, o distanciamento do objeto (oras, e a própria noção clássica de objeto), as premissas... Nada disso era minha vida – ao mesmo tempo em que minha vida foi cada um desses pontos citados.

E se antes eu era tal qual Atlas, aquele espírito do pesadume, aquele que carrega o mundo nas costas, agora posso dizer que com aquela bola grande, hoje jogo boliche. Que aprendi a deixá-la seguir, e busquei outras, outros mundos, outros pesos – aqueles, os mais pesados; e assumir isso talvez seja suportar o mais pesado deles! Claro que alguns podem pesar mais que outros, mas quanto mais pesados forem, mais potência geram depois de arremessados de novo. Ora, como diria Heráclito, esse velho grego visionário: “De que vos admirais, perversos? Que é melhor, fazer isso ou administrar a República convosco?”

Bem, seria isso, por hora.

O último a sair, faça o favor de fechar a porta e entregar as chaves na coordenadoria. Mas antes, vamos arrumar as classes, organizar um pouco nosso ambiente. Afinal, ele será usado por outros depois de nós. Esse foi nosso local de trabalho, onde ocorreram nossos encontros. Valorizem esse local, ele é de todos nós. Mas não o valorizem apenas por ser um local, e sim pelo fato de que ele seja nosso.

Espero terem aproveitado. Aos que nada tiraram daqui, espero que façam bom uso de seu não-aproveitamento. A quem precisar de algo, um esclarecimento, uma conversa, um anseio, um devaneio, que me procure se quiser. Será um prazer poder compartilhar isso. Ah, enquanto eu falo, assinem a folha de chamada – a presença de todos aqui foi de extrema importância, que não fique ninguém de fora então. Foi por causa da participação de vocês que hoje pudemos construir tudo isso. Esse encontro não é mérito meu, mas nosso. Nossa conquista, nosso esforço e colaboração.

Talvez nos encontremos amanhã, talvez não. Talvez não nos vejamos mais, talvez trabalhemos juntos. Muitas incertezas. Mas, não foi isso mesmo o que viemos aprender aqui? A tê-las? Tê-las de maneira concreta, pulsante? Incertezas que podem vir a nos fazer buscar respostas a perguntas reais, ou melhor, a reais perguntas?

Agradeço a todos a companhia, saúdo a todos pela coragem, humildade e paciência por terem chegado até aqui. Essa foi uma curta história, de um breve encontro que tivemos, - para que possamos todos juntos pensarmos outras histórias em outros encontros que possamos vir a ter com outros *nós* que possam surgir. Obrigado – e, por favor, ao último, não se esqueça de apagar as luzes.·.

SOBRE A UNIDADE COM O CURSO DO RIO

Mas o que ocorre quando uma água fica imóvel por muito tempo no barril? O que acontece quando o barril se torna a prisão da água, e não um recipiente que permite saciar a sede? Quem para, ou guarda, ou movimenta o barril? De onde vem e para onde vai essa água?

Vamos falar das sementes? De árvores ou rizomas?

É necessário adubar... Mas que adubo é esse? Quem o administra?

Nessa cartografia, o cartógrafo/pesquisador e escritor de mapas, torna-se analista de solos ou engenheiro agrônomo? Ou ainda, um agricultor?

O cartógrafo-hidrógrafo seria um analista, que viria a ser um engenheiro agrônomo, que viria a ser agricultor... Um plantador, um semeador.

Por isso, essa cartografia não irá lidar com platôs. Tampouco sobre rios. Essa proposta tratará justamente das interações entre os caminhos terrestres seguidos pela água; ou pelos caminhos que essa água forma na terra. É de responsabilidade do cartógrafo-hidrógrafo conhecer água e terra, conhecer lama, poeira e umidade... Andar descalço, escalar, dançar na chuva, nadar, correr, saltar...

Lavrar a terra, tratar do solo, cuidar da plantação, com as mãos nuas e pés descalços, com o rosto sujo e o cheiro do suor... Esse é o caminho do cartógrafo.

Água e terra são forças! Mais que isso, forças da natureza! Elementos capazes de construir e destruir. Tratar da divisão entre Cartografia e hidrografia – um caminho cartesiano; *Sun Tzuniano*, talvez.

Mas hoje “já faz muito tempo desde o lobo e o inverno frio” (frase do filme “300”, dita sobre os árduos testes a que foi submetido o rei Leônidas, e que penso poder servir como pórtico à porta que agora se abre, quer dizer, que abro, frente a mim). Essa foi uma pesquisa extensa, física, dolorosa, bastante dolorosa, composta de choros, risadas, quedas e saltos, criações e desconstruções. Deixemos conjugados no pretérito os ditos por vir, para que aqueles que acompanharam o treino até aqui, junto comigo, possam ter o gosto da despedida e a alegria do próximo encontro – não necessariamente com esse escrito, nem mesmo com o Kung Fu, mas consigo mesmos. Encontros e reencontros que possam ter sido possíveis em um ou outro diálogo consigo que possa ter surgido nesse

meio tempo.

A pesquisa foi *encerrada* (enquanto documento oficial a ser entregue) há alguns meses, quando à data de entrega da mesma ocorreu a greve e ocupações nas instituições federais – o que acarretou a entrega/defesa da dissertação para depois desse tempo. Ocorreu também que, como não morri, minha vida seguiu. E nessa vida, cuja pesquisa foi composta e passou a ser componente fundamental, outros momentos me passaram que hoje, um mês antes da tão esperada defesa da dissertação, penso ser honesto e necessário que sejam apresentados. Uma das primeiras coisas após o afastamento do IFSul, da turma com a qual estagiei e propus as experimentações, foi o retorno à vida sistemática e cotidiana citada inicialmente lá no início da escrita. Mas, nesse córrego por onde passa a água da minha vida, após as experimentações, conversas e experiências, estava repleto de novos cascalhos. E essas novas pedrinhas fizeram com que o fluxo dessa água passasse a oscilar. Desse cotidiano, volta e meia, alguém me chamava no facebook, me marcava em alguma publicação, me chamava na rua... Para comentar (e essa é a parte mais legal), não da aula e do que fizemos apenas, mas das próprias vidas, de como passaram a ver algumas os aspectos comuns de si mesmos de maneiras diferentes, sobre o que estavam lendo, solicitando indicações de leitura e, para minha grande alegria, questionando fortemente a data do meu retorno, da saudade de nossos encontros. E para mim, que em nosso último dia de aula confessei meu nervosismo em TODOS os encontros que tivemos, esses questionamentos foram motivos de alegres arrepios!

Outra novidade, outra pedrinha nesse pequeno estreito d'água da minha vida, era (é) o fato de que conservo comigo seus trabalhos finais, e que volta e meia os distribuo para mim mesmo, para que possa me colocar a pensar e lembrar sobre como cada um dedicou de si a si mesmo para se tornarem seus trabalhos, seus próprios livros, escreverem em si mesmos e por si mesmos parte de suas histórias.

Do outro lado, numa parte que já compunha meu riachinho existencial, senti como a erosão que ocorre às bordas de terra em contato com as águas na formação dos córregos – me refiro aos treinos de Kung Fu. Naquele mundinho que já compunha o meu mundinho, e que desde boa parte da pesquisa já estava investindo em outras maneiras de *fazer* kung fu, notei também outros movimentos. Semelhantes aos citados como indicações e chamadas. Mas, para além disso, notei olhares. Olhares dos quais me orgulhei muito, por mim e pelos olhos que me olhavam – e também por olhas que buscavam a si mesmos através de mim. Sim, sem dúvida foi isso que eu vi. E, é claro, com isso surgiu um novo e bastante pesado *novo peso*. O peso da responsabilidade, da nova faixa, do irmão mais velho (agora mais velho, experiente, cheio... vazio). O peso da técnica, da força e dureza do golpe, mas também da leveza do movimento. O peso daquele que sucede o professor. O peso daquele outro que professa, que professa com o corpo. O peso daquele que fez da própria vida um imperativo categórico, daquele que ousou o *amor fati* – e essa pesquisa diz

isso muito mais alto do que essas palavras.

Agarrar esse novo peso, mantê-lo suspenso, seguir a vida, os treinos, os ensinamentos e aprendizados carregando-o. Não como um fardo, ainda que inicialmente possa parecer um. Mas como uma extensão de mim, que em frente a um salto me impulsione, que durante as bases, me estabilize, que na pressa de ensinar, me freie, que no dar de costas e me acomodar, me faça pender à frente.

Ousar desejar, viver a mesma vida por todo o sempre, eternas e idênticas em cada retorno.

Essa foi uma pesquisa sobre o Eterno Retorno, ainda que até mesmo para mim tenha ficado realmente claro agora... Talvez o peso que me ajudará a seguir. Essa foi uma pesquisa sobre pesos, fardos, dores, responsabilidades. Essa foi uma pesquisa sobre educação, de mim mesmo, de mim para os outros, de ensinamentos, de abandono – abandono das certezas, das Verdades. Essa foi uma pesquisa sobre a vida, sobre a minha vida, compartilhada, sentida, experienciada por mim mesmo de uma maneira que nem mesmo imaginei poder viver.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, William; CHEUNG, Mei, GUTIÉRREZ, Carlos. **Breve História do Kung Fu**. São Paulo: Madras. 2011

AGAMBEN, Giorgio. **O Que é o Contemporâneo e outros ensaios.** Chapecó: Argos. 2009

CAVALIERI, Edebrande. Estudos de Religião, v. 27, n. 1 • 35 - 58 • jan. - jun. 2013. In.

https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ER/article/view/4105/3615

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34. 2010

DELEUZE, Gilles. ***Diferença e repetição***. Rio de Janeiro: Graal. 1988

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 3**. Rio de Janeiro: Editora 34. 1996

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras. 2005

DESPEUX, Catherine. **Tai-Chi Chuan – Arte Marcial, Técnica de Longa Vida.** São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

FLICKINGER, Hans Georg. Por que Filosofia da Educação – 11 Teses. In: **Revista Perspectiva, Vol. 16, nº 29 (p. 15-22).** Florianópolis. 1998

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões**. Petrópolis: Vozes. 2011

_________________. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997

GALLO, Silvio. As Múltiplas Dimensões do Aprender. In: **http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf**

GARCIA, Jorge. **As Artes Marciais e Seus Princípios Filosóficos: Para Pensar a Formação de Crianças em Idade Escolar**. Disponível em: https://www.academia.edu/11636516/AS_ARTES_MARCIAIS_E_SEUS_PRINC%C3%8DPIOS_FILOS%C3%93FICOS

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus. 1978

LE BOULLUEC, Chantal. **Les *effets* du Tai-chi ch'uan sur le contrôle visuo-moteur.** Tese de mestrado não publicada da U. E. R. de Psicologia. Universidade de Aix, Marselha, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos – ou como se filosofa com o martelo**. Porto Alegre: L&PM. 2009

___________________________. **Humano, Demasiado Humano – Um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras. 2005

___________________________. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Companhia das Letras. 2001

___________________________. **Assim Falou Zaratustra – Um Livro Para Todos e Para Ninguém.** São Paulo: Círculo do Livro. 1990.

PARKER, Ed. **Segredos do Karatê Chinês.** Record. Rio de Janeiro, 1963.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre. UFRGS Editora. 2016.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A Pedagogia das Lutas**. Jundiaí. Paco Editorial, 2012.

SELBACH, Simone. **Educação Física e Didática**. Petrópolis. Vozes, 2010.

SILVA, Ursula Rosa Da; LORETO, Mari Lúcie da Silva. **Elementos de Estética.** Pelotas. Educat, 2003

TORRES, José Augusto Maciel. **Kung Fu – A Milenar Arte Marcial Chinesa**. São Paulo: On Editora

TSE, Lao. **Tao Te King**. Eko. 2007

YUTANG, Lin. **A Sabedoria na Índia e na China Vol. 2 – A Sabedoria da China**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti. 1959

SOBRE O AUTOR

JORGE GARCIA - É graduado em licenciatura e bacharelado no curso de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), especialista em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (PPGEdu - IFSul), apresentando interesse na área da Filosofia da Educação, tratando da pesquisa acerca dos princípios filosóficos das artes marciais como ferramentas pedagógicas e formadoras. Na linha do bacharelado e da pesquisa na área específica de Filosofia, busca a relação presente nos escritos do jovem Nietzsche com as demais fases de sua filosofia. Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (MPET - IFSul), trabalhando com as Filosofias da Diferença na temática da Diferença e Repetição (Deleuze) e relações do corpo com a formação do sujeito.